

FATOS E AÇÕES DE UMA VIDA



JOSÉ ANIORTE ALCARÁZ

JOSÉ ANIORTE ALCARÁZ
FATOS E AÇÕES DE UMA VIDA

Lançamento original em espanhol:

JOSÉ ANIORTE ALCARÁZ
HECHOS Y OBRAS DE UNA VIDA

Composición y revisión: Ana María García Asensio

Centro Espírita La Luz Del Caminho

Alicante - España

Tradução: Teresa da Espanha

Revisão: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada:

© 2022

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita

Autores Espíritos Clássicos



JOSÉ ANIORTE ALCARÁZ

FATOS E AÇÕES DE UMA VIDA

**COMPOSIÇÃO E REVISÃO
ANA MARÍA GARCÍA ASENSIO**

**DISTRIBUÍDO GRATUITAMENTE
PELO SEU AUTOR**

**CENTRO ESPÍRITA “LA LUZ DEL CAMINHO”
C/ ORENSE Nº 14, URBANIZACIÓN MONTEPINAR
C. P. 03300 ORIHUELA
ALICANTE - ESPAÑA
TELÉFONO: 96 5 36 95 15**

Centro Espírita La Luz del Camino



JOSÉ ANIORTE ALCARÁZ (1920 - 2013)

José Aniorte Alcaráz, de nacionalidade espanhola, nasceu em Orihuela (Alicante) em 31 de outubro de 1920. E desencarnou em 02 de março de 2013.

Conheceu e começou a praticar o Espiritismo com trinta e dois anos de idade. Foi um homem lutador e viajante incansável, de forte personalidade. Trabalhou sem descanso pela divulgação do Espiritismo. Lá onde ele estiver, esperamos possa continuar sua tarefa.

Os admiradores de Amália Domingo Soler seremos eternamente gratos a ele pela tarefa que desenvolveu na edição e publicação gratuita de seis livros, nos quais são recolhidos os escritos mais importantes da grande dama do Espiritismo na Espanha, publicados na revista Luz Del Porvenir durante vinte anos (1879 - 1899).

Obras assinadas, publicadas e distribuídas gratuitamente por José Aniorte Alcaráz: Fatos e ações de uma vida; Elucidações espíritas e As verdades do Espiritismo.

História do Centro Espírita “La Luz del Camino”

A história deste centro começa com a volta à Espanha, em 1971, do Sr. José Aniorte Alcaráz, após 21 anos de residência no Brasil; lá ele conheceu o

Espiritismo, voltando ao seu país natal com o compromisso espiritual de divulgar a Doutrina Espírita.

Em 1972, o Sr. José Aniorte começou a divulgação do Espiritismo na Espanha; trabalhava em solitário, sem pertencer a nenhum Centro. Mas sempre contou com o grande apoio e cooperação de sua esposa e companheira, que em silêncio trabalhava ao seu lado, ajudando-o a cumprir seus compromissos espirituais, até chegar a hora da sua partida para o mundo espiritual.

No tempo em que trabalhava individualmente, ele recebeu diferentes opiniões de outros irmãos espíritas, aconselhando abrir um Centro Espírita na Espanha, na cidade de Orihuela, província de Alicante. Eles achavam que pelo conhecimento, experiência e prática adquiridas por José em 20 anos de residência no Brasil, seria interessante abrir esse Centro Espírita.

Mas José rejeitava essa proposta, por considerar completamente inútil abrir um Centro Espírita naquele lugar da Espanha, se bem mais tarde essa crença perdeu toda sua força, tornando-se uma idéia brilhante.

Em 1993, através do Sr. Rafael González Molina, José recebeu um convite para participar como palestrante no primeiro Míni-Congresso Nacional de Espiritismo, realizado em Montilha, (Córdova). A palestra do Sr. Aniorte desenvolveu-se como estava previsto; porém, o final foi alterado, pois sem ele perceber o que estava dizendo, comunicou ao público presente que o Centro Espírita de Orihuela estaria sendo aberto em breve.

Ele mesmo foi o primeiro em ficar surpreso, sem saber como tinha assumido aquele compromisso, possibilidade que sempre rejeitara. A partir desse momento, o Sr. Aniorte começou a trabalhar naquele projeto “um pouco maluco”, como ele dizia. E depois de alguns meses, exatamente em 9 de maio de 1994, o Centro Espírita “La Luz del Camino” foi inaugurado em Orihuela, onde ainda existe na atualidade. A inauguração contou com a presença do nosso irmão, conhecido e querido por todos, Divaldo Pereira Franco.

Desde então, esse Centro vem seguindo uma trajetória voltada para o estudo da Doutrina Espírita, sendo a divulgação sua maior tarefa, através de livros gratuitos. Após vários anos e através do trabalho realizado por esse Centro, ele é conhecido no mundo todo, porque a difusão do Livro Espírita Gratuito é feita não apenas na Espanha como também na América e na Europa.

Centro Espírita “La Luz del Caminho”

Humildemente dedico este livro,
a todos os meus queridos irmãos espíritas
da Espanha e da América, e muito em
especial, aos meus caros amigos: Divaldo Pereira Franco,
Alípio Gonçalves e João Antonio Durante

REFLEXÃO

Quando eu nasci,
todos riam e eu chorava.

Viva de maneira,
que quando você
morrer, todos chorem e
você ria.

Sumário

Prólogo —	pág. 09
Introdução —	pág. 16
Meu regresso —	pág. 19
1936, Rebelião militar —	pág. 22
Fim da guerra —	pág. 28
O retorno dos vencidos —	pág. 36
Uma mudança importante em minha vida —	pág. 40
Um novo ciclo e uma vida nova —	pág. 44
A primeira prova que sofri: uma “macumba” —	pág. 49
O acidente de Mári e seu compromisso —	pág. 53
O compromisso —	pág. 59
De volta à Espanha —	pág. 62
A tradução do meu primeiro livro —	pág. 70
O arrependimento —	pág. 75
Eu assumo novamente a responsabilidade do trabalho —	pág. 80
A justiça divina —	pág. 86
A família carnal —	pág. 92
Inauguração do centro espírita —	pág. 94
A presença de Amália —	pág. 99
Querer é poder! —	pág. 102
Ajudar os espíritos —	pág. 108
Estudo, meditação e trabalho —	pág. 114
Epílogo —	pág. 120

Prólogo

Nunca tive a intenção de escrever nada sobre a minha pessoa, porém, a tenaz insistência de alguns bons amigos convenceu-me para mudar de opinião, e aqui estou eu fazendo aquilo que antes não tinha pensado fazer.

Quando novamente nasci neste mundo no ano de 1920, o meu Espírito apresentava uma série de defeitos que eu, com meus bons propósitos, devia suprimir, e devo reconhecer que após uma tão longa vida, ainda carrego na minha bagagem alguns desses defeitos que não soube corrigir, e sentindo muito, deverei retornar com eles. Mesmo assim não me considero um fracassado, e nem por isso um vencedor. Acredito que sou um Espírito sério, fiel aos meus compromissos, pois sempre me esforço em cumpri-los; sou como um velho guerreiro que já participou de muitas batalhas, tendo ganhado algumas e perdido outras.

Não devemos julgar os outros, mas cada um a si mesmo, e eu assim estou fazendo, e sinto-me tranqüilo e feliz, porque apesar dos meus defeitos, das minhas fraquezas e da minha insignificância, considero-me um Espírito útil aos meus semelhantes, e um instrumento fiel e de boa vontade para trabalhar com o Espírito que me utiliza e é o meu guia.

O Espírito é uma partícula da ciência divina, projetada nos mundos materiais. Ele teve de passar por vias escuras, revestir várias formas e animar inúmeros organismos, abandonados no final de cada existência. Todos esses corpos, sempre de carne, já pereceram. O sopro dos séculos dispersou sua poeira, porém o Espírito persiste, prossegue sua caminhada ascendente, transitando as várias estações da sua viagem, rumo a um fim maior, seguindo sempre seu destino.

As vidas são curtas e a perfeição é vasta!

A finalidade da vida não é o bem terreno, mas o aprimoramento de cada um de nós; esta felicidade deve ser conquistada com trabalho, esforço, renúncia e dor, sendo esta última o instrumento por excelência da educação e o progresso do Espírito, que sem ela ficaria estagnado nos mundos materializados. Com a

dor física e moral a alma se eleva e, à medida que isto acontece, nova soma de sabedoria e de virtude vai sendo acrescentada a ela.

A evolução material, a destruição dos organismos e a transformação da matéria são somente temporárias. As realidades eternas residem no Espírito, somente ele sobrevive a todos os conflitos. Ele vai saindo gradativamente, desde o início da vida, para se transformar em gênio superior, e isso através dos próprios méritos e esforços. Conquista o porvir a cada hora e se desprende mais a cada dia do jogo das paixões, libera-se das sugestões, do egoísmo, da preguiça e do abatimento; pouco a pouco vai se redimindo das fraquezas, da própria ignorância, ensinando e ajudando os semelhantes a seguir o caminho que conduz a todos à redenção espiritual. Esse é o papel designado para cada Espírito, ao longo de um trajeto de milenárias existências.

Em todos nós existe uma parte de sombras e outra de luz. Somos a carne com todas as suas fraquezas e o Espírito com suas riquezas latentes e radiosas esperanças. Cada alma humana é uma projeção do grande farol eterno; porém temos acumulado ao longo das nossas existências os instintos da besta, mais ou menos reprimidos pelo prolongado trabalho e as duras provas por que temos passado, mas também existe em nós a crisálida do anjo, do ser radiante e puro que poderemos ser, através da transformação moral, as aspirações do coração e o sacrifício constante do Ego.

Tocamos com nossos pés as profundas trevas do abismo e com nossa fronte as deslumbrantes alturas do céu.

A tarefa é difícil; o caminho a subir é íngreme, porém as nossas forças não têm limites e podemos renová-las continuamente com a nossa vontade e a união com os bons espíritos.

À medida que o nosso Espírito se eleva, maiores revelações e novas formas de atividade vão sendo recebidas, novos sentimentos psíquicos vão nascendo em nós e maiores sublimidades vão sendo sentidas.

Os espíritos elevados envolvem com sua influência todos aqueles que lutam na Terra para conseguir a redenção espiritual: aconselhando e inspirando conforme a própria experiência, sustentando na luta da vida, para que possam prosseguir nos rudes caminhos que eles próprios já percorreram.

Além do sepulcro abre-se outra fase da existência. O Espírito na sua forma fluídica, imponderável, prepara-se para novas reencarnações, encontrando em seu estado mental os frutos da existência que acaba de concluir.

A morte nada mais é do que um instante na grande revolução das nossas existências.

Cada morte física é o início de outra vida, é um renascimento, é a manifestação de uma vida até então oculta em nós; vida invisível na Terra, que vai se reunir com a vida invisível do espaço.

O passado está no fluido do homem, e conseqüentemente, em seu Espírito. Seu perispírito é semelhante a um espelho que reflete todas suas ações; e sua alma, se mal viveu, contempla com tristeza suas falhas, nas pregas do seu corpo espiritual.

Eu tenho lutado e trabalhado para divulgar a luz do Espiritismo. Tenho espalhado essa Luz, para o bem dos meus irmãos, utilizando todos os meus recursos, estudos e livros; por isso sinto-me feliz, e cheio de contentamento por ter trabalhado para reavivar a fé nos corações; sendo assim, recomendo a todos vocês esta fé inabalável no Espiritismo que eu mesmo possuo, a qual tem me dado paz e segurança para vencer os obstáculos desta vida.

O Espírito vem do mundo espiritual e novamente retorna a ele. Aqui na Terra inclina-se para as coisas materiais, porém, se tiver um ideal, sua inclinação é para os bens superiores, eleva-se sem esforço rumo ao objetivo dos seus desejos. Isto é conseguido cultivando esse anseio, porque o pensamento cria e a vontade constrói.

Cada Espírito, no espaço, tem a sua vocação, e prossegue-a com faculdades desconhecidas aqui na Terra. Por toda a parte, no espaço e nos mundos, oferecem-se aos Espíritos árduas oportunidades de estudo e trabalho, meios de elevação e de participação na obra eterna.

Para os Espíritos, o domínio da vida não tem limites, seja qual for a nossa situação, sempre acima de nós existe outro plano superior a nos aguardar, um novo aprimoramento a conseguir.

É verdade que cada um de nós carrega sempre, lá onde estiver, a semente do próprio passado; e disso depende a nossa felicidade ou a nossa desgraça. Conhecendo esta lei, devemos cultivar bem o nosso jardim, e arrancar as ervas más, para as plantas boas poderem crescer sem dificuldade. O nosso destino nos guia para o bem, e não é lógico atrasarmos a sua caminhada.

Querer é poder, todos os nossos defeitos e todas as nossas virtudes têm a sua origem na nossa mente; o pensamento é a própria essência do mundo espiritual, da qual a forma fluídica é só a cobertura. O corpo fluídico materializa-se ou afina-se de acordo com a natureza dos pensamentos e das

ações do Espírito. Ele, viciado pelas suas tendências, atrai a si os fluidos impuros, que adensando o seu invólucro fazem diminuir as suas irradiações. Após a morte, o Espírito não pode se elevar acima das nossas regiões, ficando confinado nas atmosferas ou misturado entre os humanos. Quanto mais material e grosseiro o Espírito for, tanto mais o mundo material exercerá sobre ele a sua influência.

A alma deve conquistar, um por um, todos os elementos, todos os atributos da sua grandeza, da sua potência e da sua felicidade. Para tanto deve enfrentar os obstáculos, a resistência à matéria, cujas exigências e duras lições provocam seus esforços e formam sua experiência. O orgulho e o pessimismo nos tornam seres enfermos em nossas próprias forças, as quais, se mal empregadas, podem nos rebaixar a um doloroso estado inferior. O ser humano não sabe quantos estigmas carrega do seu longínquo passado, não é capaz de medir sua capacidade; sua energia construtora pode tornar-se totalmente destrutiva se perder o controle dela. Para evitar isso devemos controlar a nossa mente, reconhecendo que nosso maior inimigo está dentro de nós mesmos, é um inimigo muito perigoso que somente pode ser vencido com hábitos saudáveis, abstenção de sentimentos como a inveja, a vaidade e o desejo de se sentir importante ou superior aos outros. Mas só isso não é o suficiente, é preciso ser humilde sentindo-se útil, pequeno sendo grande e ignorante sendo sábio; em resumo: todo aquele que se elevar será humilhado e quem se humilhar será elevado.

Para que a elevação do Espírito sobre a matéria possa acontecer é necessário que exista um crescimento moral, além de um crescimento intelectual. A humanidade deve tomar conhecimento disso se quiser conseguir a escalada evolutiva a que se propõe. É claro que cada um percebe o mundo de acordo com aquilo que sente dentro de si, e vê o mundo através da sua própria experiência.

Devemos recordar que o pensamento é pura energia e as idéias são interpretadas, aceitas ou rejeitadas, de acordo com a nossa própria vontade.

A mente é sempre o principal mecanismo para produzir energias positivas ou negativas. Cada pensamento é como a semente que é lançada na terra, para depois colhermos o fruto, bom ou ruim, desse plantio. Se passarmos a nossa existência plantando uma semente ruim, sobrecarregaremos o nosso Espírito de energias negativas, e com o passar do tempo, o Espírito precisará se liberar dessas energias, para poder seguir em seu caminho evolutivo. É assim como

começa o ciclo das reencarnações expiatórias, para nos liberarmos das energias negativas que fomos acumulando.

Não estamos mais em posição de só estudar, é necessário atuar, reformar os nossos conceitos para podermos analisar os fatos, descartando tudo aquilo que faz peso na nossa consciência, utilizando os bens materiais sem permitir que eles nos escravizem.

Chegou a hora de espiritualizar a nossa vida, porém, é necessário entender que a evolução do Espírito na matéria só pode ser conseguida quando formos capazes de dominá-la. Precisamos entender que tudo aquilo que fazemos, de bom ou de ruim, nós o fazemos para nós mesmos, e que somos nós os únicos responsáveis na escolha desse ou daquele caminho.

Precisamos olhar para dentro de nós com espírito de análise, na busca da verdade, e buscando a correção de hábitos e gostos que nos fazem fugir ao nosso objetivo. Após iniciar a correção destas pequenas, porém importantes fraquezas, nós estaremos em condições de obtermos certos conhecimentos, que aparentemente constituem um privilégio de poucos, mas que poderão estar ao alcance de todos.

A tendência mais comum diante de um problema interior é ignorá-lo, em vez de aceitá-lo, vive-lo e resolve-lo; fugimos da realidade criando uma situação depressiva e de tristeza. Situações como estas ficam armazenadas no nosso interior e para não vermos a nossa verdadeira personalidade, colocamos uma máscara que somente engana a nós mesmos, e continuamos acumulando energias negativas em nós. Isto gera doenças e, pior, falta de segurança em nós mesmos; mas como o princípio de evolução é eterno, chega uma hora em que o Espírito sente a premente necessidade de se reciclar; então é quando ele precisa se liberar de todas as energias negativas que por séculos ficou acumulando, e, por própria vontade ou em cumprimento da inexorável lei de causa e efeito, mas sempre para o seu bem, começa a sua limpeza espiritual.

Tudo aquilo que está arquivado no nosso corpo mental porque não foi realizado, é periodicamente projetado pela nossa consciência para tomarmos conhecimento da sua existência e do seu conteúdo. Esta censura da nossa consciência é para nos lembrar que alguma coisa foi mal resolvida, e isso causa-nos um profundo desconforto, porém novamente fechamos os olhos para ignorá-lo; mais à frente, será novamente remetido com sintomas mais densos, até serem recebidos pelo corpo como doenças físicas de difícil cura, porque na realidade são conseqüências de doenças no mental.

Quando conseguirmos olhar dentro do nosso interior sem qualquer preconceito, permitindo que tudo aquilo que está preso ali seja liberado, perceberemos perfeitamente que a causa de todos os nossos sofrimentos é criação nossa. Não podemos esconder de ninguém o conteúdo do nosso pensamento, porque com nossas atitudes ele é revelado, e nossos segredos são descobertos. Precisamos controlar nossas inclinações, porque quando negamos uma tendência inferior, ao invés de eliminá-la estamos alimentando-a, e com isso o mal que fazemos a nós mesmos é maior do que poderia nos fazer o nosso pior inimigo. Neste caso precisamos ser abnegados, aceitar a triste realidade e com muita humildade seguir um novo caminho, reconhecendo as nossas fraquezas, lembrando sempre que só é vencedor aquele que se vence a si mesmo.

O nosso objetivo principal é seguir o rumo para alcançar o destino que foi marcado para nós antes de reencarnarmos novamente na matéria. É vital sermos cômnicos dos nossos atos, para ampliá-los se são positivos ou corrigi-los, se negativos. Mesmo que as nossas paixões e fraquezas sejam grandes, e deixem em nós marcas dolorosas, sempre poderemos corrigi-las se fizermos um esforço real para isso, buscando a sua origem, que sempre está no mais íntimo, no mais recôndito do nosso interior. Precisamos buscar a verdade para combater a mentira, sem culparmos nada nem ninguém para justificar a nossa fraqueza negativa. Justificar os nossos erros é coisa que fazemos com suma facilidade. Quem faz isso são os acomodados por covardia, esquecendo que somos antigos viajores de ciclos reencarnatórios e que trazemos os atributos negativos, que afloram pedindo por solução; também esquecem que têm a necessidade e a obrigação de se ajudarem a si mesmos, sem pedir nada a ninguém, porque o nosso principal objetivo é conseguir a evolução do nosso Espírito.

Nosso caminho nos leva a Deus, praticando o bem e vencendo o mal que é uma criação nossa, e não há como impedir essa caminhada. Do mesmo modo, no nosso arquivo mental ainda podemos estar guardando uma grande quantidade de criações mentais, que nos momentos de fraqueza poderiam se manifestar, como são remorsos, medo, orgulho, raiva e outros. Todos esses sentimentos estão enraizados no interior da consciência e até serem identificados e removidos, podem nos causar dores e doenças que têm origem no mundo dos nossos pensamentos.

Está na hora de nos liberarmos dos velhos hábitos e de procurarmos novos horizontes que satisfaçam as necessidades do nosso Espírito, que sempre sobrevive a todos os acontecimentos; irresponsavelmente fazemos o contrário, lesamos sua estrutura alimentando vícios e paixões, que tanto o prejudicam. Para retificar este lamentável comportamento, somente é preciso ter uma firme e boa vontade e lembrar sempre que querer é poder.

Acreditar em Deus, ter fé, isto não é suficiente. Se não melhorarmos nossos pensamentos e não selecionarmos nossos desejos, nos afastaremos de Deus e a nossa fé definhará; se, pelo contrário, melhorarmos e controlarmos nossos pensamentos, desejos e paixões, e criarmos em nosso interior uma energia mais pura em vez de contaminá-la com nossos desejos inferiores, então nossa fé ficará fortalecida e poderemos superar os obstáculos que venham a se interpor em nosso caminho, porque sentiremos a necessidade de acreditar em Deus e de ser um humilde serviçal d'Ele.

É necessário o sofrimento físico e a angústia moral, para o Espírito se afinar e se desembaraçar das partículas grosseiras que tiver. Se aprendermos a sofrer bem, a dor transformar-se-á em saúde, ela é o agente mais nobre da perfeição, se formos cômicos da sua origem e tivermos paciência, para não nos deixarmos dominar por ela.

Nesta existência, eu tenho sofrido muito, e posso dizer que nunca me deixei dominar pela tristeza, pelo desespero ou o abatimento: sempre tive forças para lutar com a dor e contra ela.

A velhice já chegou para mim. O fim da minha obra está se aproximando. Após 55 anos de estudos, de meditações, de experiências e de trabalhos, desejo dizer a todos os meus caros irmãos, a todos aqueles que estão sofrendo, a todos os aflitos deste mundo: que existe uma justiça infalível no Universo, e que todo sofrimento tem seu mérito, pois nenhuma penalidade ficará sem compensação, nenhuma humildade sem prêmio.

O sofrimento e as lágrimas nos levam a um fim grandioso, marcado por Deus, e todos temos ao nosso lado um guia seguro, um bom conselheiro invisível para nos amparar e consolar.

José Aniorte Alcaráz
Novembro de 2005

Introdução

Deus e o Universo

Em “O Livro dos Espíritos” existe a pergunta seguinte: ¿O que é Deus? A resposta é bem clara, mas mesmo assim, é interpretada de diferentes maneiras.

Alguns espíritas perguntam: ¿É possível se definir Deus?

Outros afirmam com segurança que Deus nos fez à semelhança d’Ele.

Nisso parece que estão de acordo com as explicações dos livros sagrados das religiões, ainda que alguns falem que não é bem assim. A religião mantém que a semelhança é de corpo e alma, e estes irmãos espíritas falam que a semelhança é só do Espírito. Eu, naturalmente, não compartilho nem aceito nenhuma das duas teses.

Nada existe, nem ninguém, que possa ser semelhante a Deus, porque Deus foi quem criou o Universo e tudo que nele vive e existe, mas antes do Universo existir, Ele já existia; por isso ninguém pode defini-lo e, muito menos, compreender a grandeza dessa Inteligência Suprema e Criadora; incompreensível para a pequenez do nosso Espírito, que é uma criação d’Ele.

Considero um erro e uma vaidade imperdoável afirmar que somos feitos à semelhança de Deus.

Alguém já disse que “a ignorância é ousada”, e eu concordo com essa opinião.

Sabemos que o Universo, na sua imensidão, não teve princípio nem terá fim. Mesmo com esse conhecimento, não somos capazes de compreender tanta grandeza, querendo personificar e definir Deus, e imaginando termos alguma semelhança com Ele; sendo Ele muito mais grandioso do que o Universo, que é só uma criação sua.

Imaginemos que o Universo é um imenso globo, tão grande que não tem princípio nem fim; dentro desse globo está Deus, porque Ele é a vida; também estamos todos nós e tudo que existe, porque tudo foi criado por Ele; mas fora desse globo Deus também está, e então a pergunta é:

Como isso é possível, se tudo que existe está dentro do globo? A resposta é a seguinte:

“Antes de o globo existir, Deus já existia”.

Allan Kardec, nosso querido mestre, nos ensina que no início existia a matéria primitiva, em seu estado natural, que foi sendo transformada em outros fluidos, necessários ao germe da vida. Assim podemos compreender como a vida começa no Universo, através de um processo de transformação e evolução.

Em “O Livro dos Espíritos” existe essa pergunta: O que é o Espírito?

Resposta: princípio inteligente do Universo.

Depois, outra pergunta semelhante, que confirma aquela: De onde é tomada a inteligência?

Resposta: da sua base ou fonte, que está no Universo.

A matéria também tem a sua própria evolução; passa pelo estágio de mineral, depois vegetal, e ao longo dos tempos, vai sendo transformada até ficar em condições de atrair o princípio inteligente, o qual, por sua vez, espera o momento certo para entrar em contato com a matéria. Esse encontro ocorre finalmente quando o Espírito, ou princípio inteligente, utiliza a matéria, e esta, animalizando-se, inicia o período da vida animal e à evolução do Espírito imortal.

Essa tese para mim é válida e racional, até encontrar outra, mais convincente ou melhor.

Rejeito totalmente aquela tese que nos diz que a evolução do princípio inteligente começa no mineral e prossegue no vegetal... O princípio inteligente não dorme, sempre está latente, desejoso de evoluir, porque esse é o seu destino e é para isso que foi criado.

Nos primórdios a Terra estava tão quente que não tinha condições para a vida existir nela, por isso o nascimento dos primeiros seres vivos foi na água. O surgimento de cada espécie aconteceu conforme a Terra foi adquirindo as condições necessárias para que essa espécie existisse. Todos os seres tiveram vida por geração espontânea (O Livro dos Espíritos, livro primeiro, Capítulo III, “Criação”)

A alma, sem ser consciente da própria existência, vai sendo formada bem lentamente, ao longo dos tempos. Sofre tantas transformações que seria impossível enumerar; desse modo, sem medir o tempo, ensaia, prepara-se para a vida humana e finalmente quando chega esse momento, o despertar para uma nova forma de vida, uma grande metamorfose acontece.

O Espírito, vagamente, como se acordasse de um sono profundo, começa a ter consciência da própria existência. Naquela época em um estado muito primitivo ainda, e por longo período de existências reencarna na escala animal, para formar um corpo menos animalesco através da influência do seu perispírito. Após muitos séculos e milênios de grandes sofrimentos evolutivos, finalmente surgem os primeiros seres humanos.

Meus caros amigos e irmãos de ideal; o Espiritismo deve ser estudado, mas acima de tudo é preciso vivê-lo, não sejamos como uma árvore frondosa, que sendo muito bonita, para nada serve se não der também frutos.

Precisamos ensinar pelo exemplo. Se subirmos a uma tribuna para falar, mas não estivermos praticando aquilo que ensinamos, estaremos caindo na imprudência e na falsidade. Precisamos viver praticando os ensinamentos desse sublime ideal, porque o Espiritismo deve ser o futuro da humanidade, “A Luz do Nosso Futuro”.

12 de dezembro de 2005

Meu regresso

Vou começar este breve resumo da minha vida, pelo dia mais importante da minha existência atual, o dia do meu nascimento. Em 31 de Outubro de 1920, eu voltei mais uma vez a este planeta para fazer parte desta pobre humanidade, que sofre e luta para se redimir dos desatinos cometidos nas suas existências passadas. No que a mim diz respeito, eu voltava pronto e disposto para enfrentar as provações difíceis e dolorosas de uma vida que seria cheia de vicissitudes, se bem muito necessárias para a evolução do meu Espírito.

Nasci em uma pequena casa em meio a um laranjal, no rural de Orihuela (Alicante, Espanha); só tinha dois pequenos quartos e uma sala um pouco maior, que era utilizada para a cozinha, refeitório e sala de estar, porque tinha um fogão a lenha, e onde nós passávamos o tempo nos dias chuvosos. Não tinha luz elétrica, nem instalação de água, nem banheiro; a água para o banho era retirada de um poço que estava na parte dianteira da casa, e colocada em uma bacia. Minha infância foi tranqüila, e mesmo vivendo na pobreza, nunca faltou o necessário. Quando eu tinha três anos nasceu Trino, o meu único irmão. Naqueles anos, a Espanha vivia um dos períodos mais tristes da sua história; a guerra com Marrocos era uma sangria enfraquecendo a pouca saúde do nosso país. A juventude espanhola era levada para lá, como cordeiros levados ao matadouro. A fome e a pobreza imperavam no país inteiro; o “patrãozinho” dono e senhor de todas as terras, humilhava e escravizava os pobres trabalhadores, que tudo suportavam em troca de lhes permitirem viver em mísera barraca, trabalhando como escravos as terras do seu “amo” para poder subsistir e com dificuldade alimentar a família, que por sua vez, também servia o “patrãozinho” nos quefazeres domésticos; como recompensa, recebiam a roupa usada da “patroa” ou do “patrão”. Esta opressão, este tipo de vida, foi gerando um ódio e um desejo de vingança, que poucos anos mais tarde deu lugar a um terrível confronto, a guerra mais violenta e infeliz que a Espanha sofreu.

Meus pais eram criaturas boas e simples, sem qualquer crença religiosa, sem nunca terem freqüentado uma escola, fato normal naqueles dias, pois a escola era um privilégio para as crianças ricas; os pobres, com oito anos de idade já trabalhavam na roça com os pais.

Minha mãe nunca aprendeu a ler ou escrever; meu pai, já quase adulto, foi receber aula particular com um professor, e com muito sacrifício aprendeu a escrever e as quatro regras para fazer contas.

Meu progenitor não dependia de nenhum “patrãozinho”; ele administrava as propriedades de um rico farmacêutico, tendo um sítio em locação, onde se situava a nossa casa e uma pequena fazenda, com dezenas de galinhas, coelhos e porcos, que dava trabalho diariamente a duas ou três moças que cuidavam dos animais.

Nossa casa era pobre, mas havia abundância de tudo; e não só isso, os vizinhos mais próximos apareciam quando estavam muito necessitados, e sempre eram socorridos com uma aspirina para a febre, algodão e álcool iodado para curar uma ferida, ou então um pedaço de pão, se não tinham almoçado.

Meu pai não era avarento e gostava de ajudar os outros. Eu sentia grande amor por ele e ele me mimava muito, nunca utilizou castigos violentos comigo, e sempre que possível, deixava que eu o acompanhasse, e eu ficava feliz de passar o dia com ele; comprava-me os brinquedos que eu queria, e como as crianças que brincavam comigo não podiam ter esses brinquedos, passavam pelos meus caprichos e exigências para poder participar das brincadeiras. Isso começava a me transformar em um pequeno tirano, que impunha a sua vontade e desejos sobre todos eles.

Com cinco anos já comecei a exercer a minha vontade sobre o meu irmão Trino, apesar dos esforços e empenho do meu pai para que eu o tratasse com carinho e cuidasse bem dele, o qual não conseguiu, porque de uma ou de outra forma, eu sempre o fazia chorar.

Quando completei sete anos, fiz a primeira comunhão; um ano depois, meu pai, fazendo um esforço financeiro, matriculou-me em uma boa escola religiosa, que freqüentei de 1928 até 1933.

Com oito anos, sem saber como, revelaram-se em mim tendências religiosas, aparentemente injustificadas, visto que na minha família não existia essa inclinação. Cada dia, por vontade própria e sem que meus pais soubessem, antes de entrar na escola eu assistia uma missa na igreja de Santa Justa.

Aos onze anos, encontrei uma velha Bíblia em casa, que devia ter pertencido ao meu avô, e que consegui ler do princípio ao fim. Ao longo de um ano fui descobrindo as verdades e mentiras desse antigo livro, santo para alguns e terrivelmente inaceitável para outros. É um livro respeitável pela sua antiguidade, porém cheio de contradições e de injustiças próprias da época, aceitáveis para um povo primitivo, violento e fanático, mas nunca ditado por um ser superior.

Minha mente ficou cheia de questionamentos e dúvidas; meu entendimento rejeitava muitas revelações contidas no “livro sagrado” e falsamente atribuídas a Deus.

Continuamente eu fazia perguntas sobre o assunto ao meu professor D. José e ele sempre me respondia do mesmo modo:

“Essas coisas entram nos mistérios de Deus, a dúvida é pecado, porque o que está escrito na Bíblia é a palavra do Senhor”. Esta explicação não conseguia me convencer, e percebi que o meu professor, que era sacerdote, era mais uma vítima da enganação da poderosa igreja romana. A consequência disso foi que deixei de freqüentar a igreja e a escola. Aos quatorze anos eu havia me tornado um descrente desenganado. Para mim, a igreja, a religião e Deus, eram apenas uma farsa para enganar o povo e submetê-lo ao seu domínio.

Eu já estava com treze anos quando disse ao meu pai resolutamente que não queria continuar na escola, que não gostava de estudar; ele, que sempre me ouvia, aconselhou-me continuar estudando, porém, vendo a minha negativa, acabou cedendo, mas sob a condição de que eu aprendesse um ofício. Concordei, e atendendo sua exigência e o pedido da minha mãe, decidi-me pela profissão de alfaiate, que na época era muito bem retribuída.

E foi assim que, ao longo dos dois anos seguintes, fiquei trabalhando e aprendendo, em uma alfaiataria, a profissão que anos mais tarde seria tão útil para mim.

Nessas circunstâncias profissionais e morais, após a incerteza e a dúvida que o estudo religioso criara em minha mente, um pouco mais tarde a Guerra Civil Espanhola surpreendeu-me com quinze anos.

1936, Rebelião Militar

A situação na Espanha era muito difícil. Afonso XIII exercia um débil reinado; também é verdade que ele recebera uma herança ruim: a perda de Cuba e Filipinas, e a guerra civil dos Carlistas; depois, se bem não participou na I Guerra Mundial, entrou em uma desastrosa guerra no Marrocos, e o mal-estar interno do país era cada dia mais complicado.

A revolta de Abd-el-Krim transformara-se em um obstáculo intransponível para os nossos soldados, e essa desastrosa guerra era insustentável para um país empobrecido como o nosso.

Afonso XIII, incapaz de sair dessa situação calamitosa, entregou o comando ao general Primo de Rivera, que implantou uma ditadura de 1923 a 1929, um período analisado como positivo por alguns, e como negativo por outros. Entre outras coisas, acabou com a guerra do Marrocos e esvaziou as penitenciárias que estavam repletas de presos, aplicando a criminosa Lei da Fuga.

De 1929 até 1931 a situação torna-se insustentável, o povo manifesta-se pelas ruas, e as forças policiais são incapazes de controlar a situação. Afonso XIII, com medo de um desenlace fatal, abandona o país e escolhe o exílio no exterior.

Em 14 de abril de 1931 é proclamada a Segunda República, com a esperança de que esta fosse mais duradoura do que a Primeira, que teve uma vida muito curta, não chegando aos onze meses, de 11 de fevereiro de 1873 até 3 de fevereiro de 1874.

A direita espanhola sempre teve e ainda tem muito poder, e usa-o sem escrúpulo algum, utilizando todos os meios ao seu alcance.

Em 10 de agosto de 1932 o general Sanjurjo subleva-se em Sevilha contra a República. A rebelião fracassa, e o general é condenado à morte; indultado por Azaña, ele vai cumprir a sentença na prisão de Dueso (Cantábria). Em 1934 é anistiado, exilando-se em Portugal.

Nas eleições gerais de novembro de 1933 a direita está unida, saindo vitoriosa, e a República consegue o seu primeiro governo da direita.

No final de 1935 começou a tomar forma uma grande coalizão de partidos da esquerda, formando um Frente Popular, que obtém a vitória nas eleições de 16 de fevereiro de 1936. Mas a direita não está disposta a aceitar a derrota e, com todos os seus recursos, com o apoio da Igreja, dos militares e a ajuda da Itália e da Alemanha, em 17 de julho de 1936, sob o comando do general mais jovem e ambicioso que a Espanha já teve, após um falido golpe de estado contra o governo da República, começa a guerra mais sangrenta que este país já conheceu ao longo da sua negra história, a Guerra Civil Espanhola, com uma transcendência internacional de enorme magnitude.

Quando a guerra civil começou, eu tinha apenas quinze anos. A Espanha foi dividida em duas, de uma parte aqueles que apoiavam o governo legítimo da República, e da outra, aqueles que estavam com os golpistas, apoiando os militares. A guerra durou 32 meses, e acabou pela vitória do general Francisco Franco Bahamonde.

Em agosto de 1936 alistei-me à milícia, força que prestou serviços nos primeiros meses, até que houve um exército organizado, no qual ficou integrada. Entre outras coisas, fazíamos plantão nas entradas da cidade de Orihuela, para evitar que grupos descontrolados e anarquistas chegassem para queimar as igrejas; na cidade a que me refiro nenhuma foi queimada.

Também angariávamos víveres, formando um comboio de quinze ou vinte caminhões, que levávamos às frentes de Madri, para alimentar os nossos companheiros que tão bravamente lutavam ali.

No ano de 1937 estas milícias desapareceram para se integrarem ao exército; eu fui rejeitado pela minha pouca idade, porém, tão logo completei 17 anos, fui me alistar como voluntário para as brigadas que defendiam as frentes da Catalunha. Cheguei a Barcelona, e após um mês de preparação fui destinado à frente de Balaguer. Tendo passado três meses nessa frente, o comissário enviou-me para uma escola de instrutores que ficava em Gavá. Nessa escola fiquei mais três meses, retornando àquela frente como Tenente instrutor.

Durante a minha ausência desenrolaram-se terríveis batalhas, com centenas de vítimas; muitas dessas vítimas ficavam no próprio campo de trigo que dividia as duas linhas das frentes, a republicana e a nacionalista, muito próximas uma da outra; por causa disso não podiam ser retirados os corpos sem vida, já em decomposição.

O mau cheiro tornava-se insuportável, mas o enxame de moscas era muito mais desagradável. Assim chegou o verão de 1938. Alguns meses antes dessa

data, eu comecei a me preparar, fazendo os estudos necessários para obter o diploma de piloto de guerra. Era necessário que eu partisse para a Rússia (Stalingrado), de onde voltaria, após seis meses de prática, pilotando um avião de combate, para participar na contenda. De Barcelona devia partir para a Rússia no dia 28 de janeiro de 1939.

Minha divisão era motorizada, quer dizer, de choque; formada por voluntários, sempre estava nas frentes onde a sua presença era mais necessária. No final do mês de julho fomos relevados e transportados para as proximidades do rio Ebro. Pensávamos que alguma coisa importante estava sendo preparada, porque havia uma grande concentração de tropas naquela área.

A ordem chegou; havia começado a grande ofensiva. Em uma noite sem lua, atravessamos o rio pela cidade de Flix (Tarragona); tomamos a cidade e com cerca de 500 prisioneiros, avançamos 85 km em direção a Zaragoza, sem encontrar resistência inimiga.

Sem que ainda hoje eu saiba o porquê, detivemos por cinco dias o nosso avanço; tempo suficiente para o inimigo se reorganizar e passar ao contra-ataque, com o melhor das suas forças. Em uma frente de cinco quilômetros, tivemos de enfrentar duas divisões de infantaria, quatro bandeiras de regulares, duas divisões italianas, duas divisões da Navarra, e o melhor das forças motorizadas da Alemanha, carros de combate, tanques, duzentos aviões e a artilharia automática, que até então era desconhecida.

Nós não possuíamos essas forças destrutivas, nem em quantidade, nem em qualidade, e no final do dia perdíamos a nossa posição, porém, na escuridão da noite, em um contra-ataque surpresa, tornávamos a recuperá-la.

Os mortos eram milhares por dia, de um lado e do outro. Nesta situação resistimos por 30 dias, recuando somente três quilômetros.

Quando essa loucura terminou, o exército republicano estava totalmente aniquilado; 80.000 mortos em apenas dois meses.

Em setembro tornamos a atravessar o rio, vencidos e derrotados. Eu estava na infantaria e cada companhia era formada por 120 homens; da minha companhia apenas 14 sobreviveram.

Um mês mais tarde, as tropas franquistas, reorganizadas, empreendiam nova ofensiva. Alemanha e Itália estavam com pressa de acabar essa guerra cruel, que para eles era apenas um ensaio e preparação para o começo da Segunda Guerra Mundial.

Nossa resistência era muito fraca, nosso exército estava vencido, nossos amigos das brigadas internacionais tinham retornado aos seus países; mas nós continuávamos lutando e recuando em direção à fronteira francesa.

Em 26 de janeiro de 1939 os nacionalistas tomaram Barcelona, e nesse mesmo dia fui feito prisioneiro, a 35 quilômetros da capital. “Todas as minhas esperanças estavam desvanecidas, não podia mais partir para a Rússia e menos ainda pilotar um avião, que era o maior dos meus desejos. Mais tarde pude compreender que meu destino não era morrer na guerra, o que talvez tivesse acontecido se eu estivesse na Rússia, porque, sem dúvida alguma, teria tomado parte na Segunda Guerra Mundial, causa de tantos milhões de mortes”.

Meu pelotão também foi capturado, e com ele um rapaz de Guadix, que também era tenente. Eu tive o cuidado de jogar o quepe e a guerreira com os galões no rio, e vesti uma jaqueta de couro que usava nas licenças. Este amigo de Guadix removeu os galões da sua guerreira, mas ficando à mostra no lugar as marcas de cor mais escura que não estavam desbotadas pelo sol.

Nossa retirada estava sendo bem desordenada; por momentos o inimigo conseguia ficar por trás de nós, e naquele dia foi isso o que aconteceu. Morteiros e metralhadoras do nosso bando atiravam em nós. Conseguimos nos refugiar atrás de uma ribanceira, enquanto eu tentava me comunicar com eles para deixarem de atirar, e podermos sair daquela armadilha.

De repente, aparece à nossa frente um pelotão, comandado por um sargento que gritou: “joguem-se no chão, abandonem as armas!” Logo percebi que estávamos cercados; fomos desarmados e obrigados a sentar todos juntos. Meia hora mais tarde, o mesmo sargento ordenou que soldados nos levassem a uma casa de campo a 2 quilômetros daquele ponto, e finalmente disse: “Todos em marcha, e se alguém se desviar, atirem nele”. Formamos fila, e o sargento, reparando no meu amigo, disse: “você é tenente e não deve marchar com a tropa, siga-me”. A cinqüenta metros passava a linha férrea e caminhamos até lá; o sargento puxou o revólver e atirou. Minutos mais tarde passamos pelo cadáver; nisso apareceu um capitão com o chicote na mão e uma capa preta sobre os ombros, o sargento cumprimentou-o, o capitão olhou para o corpo sem vida ao lado da linha férrea, e o sargento, com a maior naturalidade, falou: “meu capitão, ele tentou fugir e tive de atirar”. O capitão cumprimentou também e seguiu seu caminho.

Chegamos à casa de campo (uma chácara que os militares tinham ocupado), e fomos obrigados a entrar em um galinheiro muito grande; estava vazio de aves,

mas ocupado em boa parte por outros prisioneiros. Um dos soldados de plantão, reparando em mim, agarrou-me da jaqueta e enquanto me insultava e sacudia, falava para o companheiro: “com essa cara e tão jovem, com certeza esse é voluntário, e por causa destes vermelhos” é que nós estamos aqui”, e enfurecido continuava gritando; depois, encostou seu fuzil no meu peito, disposto a atirar, porém nesse instante, seu companheiro interveio dizendo: “vamos lá, homem, não vale a pena, não estrague uma jaqueta tão bonita, pegue a jaqueta e as botas e deixe que ele vá morrer no campo de concentração”. Seu rosto mudou de expressão, abaixou o fuzil e mandou que eu lhe desse a minha jaqueta e as minhas botas; eu fiquei apenas com a camisa, e umas botas velhas e furadas que ele me deu.

Meus companheiros aterrorizados testemunhavam aquela situação tão tensa, e quanto tudo passou, todos nós respiramos fundo. Aquele indivíduo afastou-se de nós, e felizmente não mais soubemos dele.

No dia seguinte, fomos levados para Manresa (Barcelona), e instalados em um local, onde já estavam alojados cerca de quinhentos prisioneiros; recebemos água, mas nada de comida; eu fiquei três dias sem comer, porém outros passaram muito mais tempo sem comer nada.

No quarto dia fomos obrigados a seguir viagem, em direção a Cervera (Lérida); andamos 36 quilômetros a pé, escoltados pela guarda civil a cavalo e com longos chicotes, que utilizavam se alguém saía da fila ou parava esgotado pelo cansaço. O caminho foi longo e difícil, após quatro dias intermináveis sem tomar qualquer alimento.

Finalmente chegamos à estação de Cervera, onde havia um trem à nossa espera, formado por cerca de vinte vagões para o transporte de animais, e outro vagão para a tropa que nos escoltava. Esperamos cerca de duas horas; ali recebemos água e comida (dois pães e quatro latas de sardinha). Entramos no trem, sessenta pessoas em cada vagão, não deixando espaço para sentar; os vagões foram trancados por fora. Naquela situação permanecemos três dias; no terceiro dia chegamos a San Juan, Zaragoza, onde havia um quartel militar; as portas do trem se abriram e fomos para o quartel. Fiquei impressionado quando vi, na entrada do prédio, três grandes retratos, de Adolfo Hitler, Benito Mussolini e Franco, com suas respectivas bandeiras. Ali recebemos comida e depois voltamos novamente para o trem, nas mesmas condições anteriores. Com sua marcha lenta e suas longas paradas em vias mortas, para deixar passar

outros comboios, o trem demorou três dias para chegar à estação de Avilés.
(Astúrias)

Nota do Autor: A ofensiva do Ebro começou em 25 de julho de 1938. Os atacantes foram dois corpos do exército e duas divisões. Atravessou-se o rio de Fayón até Rasquera. Não houve resistência, e mais de 5.000 caíram prisioneiros. Eu atravessei o rio por Flix no dia 5 de agosto; nessa batalha a guerra foi decidida, tivemos 80.000 baixas e os últimos combatentes tornaram a atravessar o rio, vencidos e dizimados, em 15 de novembro.

Fim da guerra

Quando o trem dos presos chegou finalmente à estação de Avilés, após seis longos dias de viagem, a situação dos prisioneiros bem poderia ser chamada de desumana, própria da Idade Média. Quando os vagões eram abertos, os soldados logo recuavam, porque o cheiro era insuportável; muitos dos prisioneiros estavam deitados no chão dos vagões, uns por cima dos outros, incapazes de se manterem em pé.

Quem ainda tinha forças pulava para fora, e aqueles que não tinham eram removidos como se fossem sacos, e jogados no chão da gare. O comandante teve de “confiscar” vários caminhões para levá-los a uma pequena cidade, a 6 km da estação de Avilés.

Eles nos obrigaram a caminhar em fileiras de quatro. Ao longo da estrada havia muitas casas, parecendo uma rua comprida; ao nosso passo, os soldados formavam uma fila dos dois lados da rua, para que ninguém se aproximasse de nós; as mulheres queriam abrir caminho entre os soldados para nos dar alimentos, ao tempo que gritavam enfurecidas: “assassinos!” Os soldados tiveram de fazer grandes esforços para que elas não interrompessem a nossa marcha. Naquele tempo não havia homens nas aldeias de Astúrias, muitos morreram na guerra e outros estavam nas montanhas, em resistência à Guarda Civil; esperando inutilmente que as Nações Unidas intervissem para depor o governo de Franco. Falsos interesses políticos impediram que isso acontecesse, e os chamados “maquis” foram sucumbindo um após outro.

Finalmente chegamos a Candas (Astúrias); fomos levados a um galpão medindo uns 2.000 m² aproximadamente; parecia ter sido antes uma fábrica de enlatados. Quando entramos no galpão, encontramos lá cerca de 400 prisioneiros, fora os 1.200 chegados trem. O chão era de cimento, havia várias torneiras com água, uma porta grande, umas janelas que comunicavam com o exterior, porém não havia qualquer compartimento; de maneira provisória tinham construído uma separação para a cozinha e um departamento para o posto de comando. A tropa estava instalada fora daquele recinto. Acho

necessário esclarecer que não tínhamos camas, cadeiras ou mesas, também não havia colchonetes, só o piso úmido de cimento. Ficaram com as nossas roupas de inverno, deixando-nos apenas com a camisa, as calças e as botas de campanha, muito velhas. Sobreviver nestas condições extremas era difícil, porque o clima das Astúrias nessa época do ano é muito frio e chuvoso. Comparando isso com os campos de concentração alemães, vemos que os alemães não eram tão terríveis assim.

Éramos tratados de modo cruel e desumano; a comida era péssima e insuficiente. Na chegada recebemos novamente pãezinhos e sardinhas enlatadas; as latas vazias eram guardadas para servirem mais tarde como prato, mas naquele momento ainda não havia suficientes para todos terem uma.

De manhã, o desjejum era um pãozinho e uma panela de água escura que chamavam de café. Para almoçar, um guisado de caldo, com poucas colheradas de alimento sólido, e no jantar novamente a mesma coisa.

De manhã cedo, éramos obrigados a ouvir diariamente o sermão do padre, que após fazer umas preces, falava: “Todos vocês são pecadores, cometeram o maior de todos os pecados, vocês se levantaram contra a Santa Madre Igreja e precisam agradecer a Deus, porque em sua infinita bondade permite que vocês paguem seu grande pecado através do sofrimento e possam salvar suas almas ouvindo a Santa Missa”.

Logo após, na parte da tarde, devíamos cantar todos juntos e com o braço erguido todos os hinos guerreiros e patrióticos da época. Se alguém abaixava o braço, porque as forças faltavam para mantê-lo erguido, era barbaramente chicoteado e maltratado a pontapés; às vezes até a morte.

Dormíamos no duro e frio piso, porque não tínhamos cobertores; procurávamos juntar os nossos corpos uns com os outros, para nos transmitirmos calor e poder suportar o cruel e intenso frio do inverno. Nosso estado chegou ao ponto máximo da resistência humana. Ao amanhecer, muitos já estavam em pé, mas outros permaneciam imóveis, porque as forças já os haviam abandonado.

Todas as manhãs, às 8 horas, devíamos formar fila para o café, e sempre ficava alguém no chão, incapaz de ir para a fila. Os guardas gritavam e batiam neles com o pé, e se não reagiam, deixavam que eles ficassem ali mesmo, destinados a serem recolhidos pelo caminhão do abastecimento.

O caminhão aparecia todas as manhãs com os mantimentos e, no retorno, levava os corpos que ficavam no chão, sem que ninguém se preocupasse de examinar em que estado eles estavam, acabando em uma fossa aberta no descampado.

Em 28 de março de 1939 as tropas franquistas ocuparam Madri, e com isso, em 1 de Abril, Franco declarou oficialmente o fim da guerra. Porém a nossa situação continuou sendo a mesma, porque daquele lugar ninguém podia sair sem um aval, católico ou falangista.

Acabou a guerra e meu corpo começava a se ressentir, manifestando pleurisia, doença que acabaria comigo se ninguém pusesse remédio. Foi então que os meus “espíritos protetores” intervieram para me manter com vida. Naquela hora eu não sabia, mas hoje sim, entendo perfeitamente.

Entre os prisioneiros, havia um rapaz de uma aldeia próxima da minha, seu nome era Juan Tobar, barbeiro de profissão e uns dez anos mais velho do que eu; cortava o cabelo e fazia a barba dos oficiais e sargentos, e por causa disso tinha certos privilégios, não lhe faltava comida e conseguia licença para sair quando desejava. Eu não o conhecia, mas sem saber como, chegou aos seus ouvidos a notícia da existência de um prisioneiro da cidade de Orihuela; ele se mostrou muito interessado em me encontrar, queria me conhecer, e finalmente conseguiu. Quando me encontrou, abraçou-me com muita alegria, dizendo que éramos conterrâneos, porque ele era de El Mojón, uma aldeia a 8 km de Orihuela. Olhei seu rosto, e sem dúvida alguma, vi diante de mim uma pessoa dessas que é muito raro se encontrar ao longo da vida, Juan Tobar, era uma boa pessoa. Por motivos alheios à minha vontade, não pude agradecer a ele todo o bem que me fez, mas espero e desejo encontrá-lo no mundo espiritual, para poder dizer a ele: “Obrigado, Juan, obrigado, meu querido amigo”.

Após meu encontro com Juan, meu estado de saúde foi piorando; já eram sete meses naquele inferno, com muita dificuldade para respirar e até para comer. A dor que sentia era insuportável, às vezes até ficava inconsciente, e nesses momentos alguém avisava o Juan, que vinha imediatamente, e o meu bom amigo cuidava de mim; umedecia a minha testa e fazia-me tomar um pouco de alimento, e foi isso que impediu que em algum desses desmaios eu fosse lançado ao caminhão da morte.

Minha doença chegara ao apogeu, mas a bondade de Juan, junto com suas atenções e cuidados, permitiu que eu saísse dali com vida.

Do meu último desmaio, que não sei o quanto durou, acordei na casa de uma boa senhora, a quem eu nunca pude ver o rosto, porque a visão e a consciência não tinham voltado a mim por completo; eu ouvia as vozes das pessoas que me cercavam, mas não podia enxergá-las. Não sei dizer quanto tempo fiquei naquela casa, mas lembro que a senhora chamou um médico para me atender, dizendo: “Não podemos deixá-lo morrer, é uma criança, é muito jovem, é preciso levá-lo ao hospital!” O médico dizia: “É muito arriscado, é um prisioneiro de guerra” Mas a senhora concluiu: “Vamos correr esse risco, não vou deixá-lo morrer!”

No dia seguinte, em uma ambulância, fui transferido para o hospital de Avilés. Eu continuava meio inconsciente, não tinha forças para ficar em pé; dois enfermeiros me colocaram em uma maca e fui levado para uma sala de raios-x, para tirar radiografias; depois, fiquei em uma sala grande, onde havia umas vinte camas, fui colocado em uma e comecei a receber medicação. Três dias depois, foi retirado o líquido dos meus pulmões, repetindo essa operação mais duas vezes; o médico que me atendia falava que ia precisar de longo tempo para me recuperar. Com a ajuda do meu amigo Juan e dos bons espíritos, novamente tive condições para continuar vivendo.

Depois de três semanas no hospital, já conseguia me levantar, caminhando bem devagar, sem sair da sala. Foi então quando, com ocasião de me fazerem a ficha, eles me perguntaram a qual unidade militar eu pertencia, e quando descobriram que era um prisioneiro de guerra, alertaram a Guarda Civil. No dia seguinte apresentaram-se dois guardas, que me levaram para um campo de concentração.

Custodiado pela Guarda Civil, fui transportado em um trem até Santander, fazendo ali transbordo para outro comboio até Bilbao; chegamos lá à noite, e fomos recolhidos por uma ambulância que nos levou ao “campo”. Nesse lugar não quiseram nos admitir, alegando não terem capacidade para mais ninguém, aconselhando os guardas a nos levarem para Guernica, cidade situada a cerca de 30 quilômetros de Bilbao. Isso foi o que eles fizeram, e naquela mesma ambulância chegamos ao hospital militar de prisioneiros de guerra.

Lá me deixaram, despedindo-se de mim até com certa amabilidade, pois devo dizer que o seu comportamento durante o trajeto foi correto e gentil.

Fui conduzido a um aposento grande, onde já estavam outros prisioneiros, à espera de serem revistados para enviá-los ao seu destino; fiquei sentado num canto, esperando a minha vez. Aquele “Campo Hospital” era de trânsito; estava

atendido por freiras e dirigido por forças militares. O prédio parecia um antigo convento ou colégio, era muito grande, com três andares e no centro um jardim com palmeiras.

No andar térreo estavam todas as instalações: escritórios dos militares, refeitórios, armazém, banheiros, cozinha, lavanderia, guarda-roupas...

Uma escadaria ampla conduzia aos andares superiores do prédio; cada um dos três andares tinha uma ampla galeria aberta em torno ao jardim central, e para o lado interior situavam-se os quartos. Na ala direita do último andar ficava o claustro das freiras, e na ala esquerda, a parte da enfermaria dedicada aos mais gravemente doentes.

A cada três meses, passava pelo hospital uma junta classificadora de Madri, que examinava os relatórios dos prisioneiros; alguns deles eram deixados em liberdade condicional e outros eram enviados para uma prisão de alta segurança.

Este prédio estava na avenida da estação; era um dos poucos, junto com a estação ferroviária, que não ficaram destruídos pelo bombardeio bárbaro da aviação alemã, aliada do general Franco.

Eu estava no grupo dos recém-chegados, na sala de registro aguardando a atribuição de destino, quando um soldado apareceu e perguntou se entre nós havia algum alfaiate. Fiquei em pé e levantei a mão, o soldado olhou para mim e com um gesto deu-me a entender que devia segui-lo. Assim fiz, e sem dizer uma palavra chegamos a uma sala, com uma placa na porta: “Guarda-Roupa”. Após bater levemente, o soldado abriu e me fez passar; entramos ambos em um quarto grande e espaçoso, com uma máquina de costura, uma mesa, várias estantes com roupa e um armário. Encontrava-se lá uma freira, sentada em uma cadeira, costurando; devia ter uns sessenta anos. O soldado disse: “Irmã, este rapaz diz que é alfaiate”. A freira sorriu e respondeu: “muito bem, obrigada, pode retirar-se”, e olhando para mim por cima dos óculos, perguntou:

Como é o seu nome? José, eu respondi.

Muito bem, José. Sente-se. E continuou dizendo:

Eu sou a irmã Nicolasa, aqui conosco você estará muito bem. Agora você precisa conhecer a irmã Echevarria, ela é a responsável pelo nosso trabalho e você vai depender somente de nós duas.

Uma hora mais tarde apareceu no Guarda-Roupa a irmã Echeverria, que causou em mim uma impressão muito agradável, era muito bonita, com um olhar inteligente e um pouco brejeiro, devia ter uns vinte e cinco anos de idade.

Quando ela entrou, eu me levantei e ela me olhou, observando-me demoradamente, tanto que seu olhar me deixou confuso e baixei a vista; enquanto isso, a irmã

Nicolasa dizia a ela: “irmã, esse rapaz é de Orihuela, uma cidade de tradição muito católica, com uma Catedral e um bispado muito importante”. A irmã Echevarria não prestava atenção no que ela falava, e dando por terminada a entrevista, disse:

“Vamos colocar uma cama no terceiro andar, perto do nosso claustro, desse jeito você vai ficar mais próximo de nós, afastado dos outros prisioneiros e da vigilância militar”. E sem nada mais dizer, saiu.

A partir de então, a minha vida foi relativamente fácil. O meu trabalho era colocar as roupas de cama em ordem e remendar aquelas que ficavam velhas. E também devia rezar com a irmã, todos os dias, o ângelus, a ave-maria, o rosário, e assistir à missa aos domingos.

A comida era muito ruim, mas todo dia a irmã me arranjava um prato da comida cozinhada para elas, que estava muito gostosa, e carinhosamente dizia: “coma, José, você precisa se alimentar bem, está muito magrinho”.

Passara-se um mês da minha chegada, e eu estava me sentindo muito bem. As freiras interessavam-se muito por mim, e assim eu estava me recuperando quase por completo. Mas a minha paz acabou quando recebi a ordem de me apresentar no escritório do comandante. Fui para lá imediatamente; ao chegar, percebi que o comandante estava à minha espera. Quando olhei para ele, senti-me mais tranquilo, ele era jovem, distinto e agradável. Cravando em mim o olhar, perguntou: “Quem era você na sua cidade, o que você fez?”. “Nada, meu comandante”, eu respondi.

“Quando a guerra começou, eu estava com quinze anos, pouco depois saí de lá e ainda não voltei”. O comandante, sem deixar de me fitar, continuou dizendo: “este documento aqui diz o contrário, afirma que você é um perigo para o regime e o glorioso levantamento; por essa razão devo enviar você a uma prisão de alta segurança. Foi assinado pelo chefe da ordem pública e pelo chefe da Falange da sua cidade. Eu atualmente tenho boas referências suas e gostaria de ajudá-lo. Dou-lhe dez dias para você pedir à sua família um aval de boa conduta assinado pela Falange, o prefeito ou a Guarda Civil. Se esse aval não chegar, eu vou sentir muito, mas precisarei mandar você para a prisão de Gijón”.

O comandante tratou-me muito bem, mas quando deixei seu escritório, eu estava triste e preocupado, pois sabia o quanto era difícil, e até impossível, conseguir aquele aval. Eu sabia também que naquela época muitas pessoas eram fuziladas diariamente, acusadas injustamente de serem perigosas para o regime franquista.

Com lágrimas nos olhos, sentei na cama e comecei a escrever uma carta para minha mãe, mesmo sabendo que ninguém iria assinar o documento exigido, porque as mesmas pessoas que deviam assiná-lo eram aquelas que mandaram o meu pai para a prisão sem crime algum.

Antes de acabar a carta, veio a irmã Echevarria e colocando a mão na minha testa, com gesto afetuoso perguntou: O que está acontecendo com você, José, por que está tão triste? Conte para mim o que foi. Expliquei a ela tudo o que tinha acontecido, e ela, sorrindo, acalmou-me dizendo: “tudo vai ser resolvido se confiarmos em Deus; vamos pedir com fé, porque Deus nunca abandona os seus filhos, fique tranquilo e confie nele”, e com um gesto tranquilizador e amigável, saiu.

Antes de dez dias recebi um telegrama da minha mãe, dizendo que tinha ido suplicando e chorando, bater na porta de todas as pessoas que poderiam me ajudar, pedindo uma assinatura que ninguém quis dar. Contei o fato à irmã, e ela, sorridente como sempre, falou: “José, confie em Deus, e não se preocupe mais”.

Mais de três meses se passaram, e nada havia mudado a respeito da minha situação naquele lugar. Quando finalmente veio a junta classificadora para dar destino a todos os prisioneiros que estavam em condições de sair, todos nós fomos colocados em um salão grande, à espera de sermos chamados pelos funcionários, que estavam sentados a uma mesa com as nossas fichas e uma máquina de escrever. Eu estava assustado por causa da informação de má conduta que pesava sobre mim. Quando fui chamado, aproximei-me tremendo daquela mesa; mandaram que eu me sentasse em uma cadeira diante deles. Perguntaram o meu nome e comprovaram que a minha ficha estava limpa, não havia acusação; e lá entre eles comentaram: “podemos dar a ele a liberdade condicional”. Selaram e assinaram um documento, e disseram: “você deve se apresentar à Guarda Civil da sua cidade e entregar esse relatório, agora pode ir embora”.

Com grande alegria fui para o Guarda Roupa, onde as irmãs estavam à minha espera. Quando entrei, a irmã Echevarria, com aquele sorrisinho maroto que a deixava tão bonita, perguntou:

E aí, tudo bem?

Sim, eu respondi com um grande sorriso.

Eu já disse, sempre devemos confiar em Deus, disse ela finalmente.

As freiras deram-me roupa de inverno e dois escapulários de Nossa Senhora para me proteger; depois falaram com um chofer de caminhão que dois dias mais tarde devia partir para Madri; ele me levou sem que eu precisasse pagar. Chegando à capital, fui para o quartel da Guarda Civil, onde me disseram: “você está de sorte, essa mesma noite vai sair um caminhão militar com guardas para Múrcia, você pode ir também, eles deixarão você em Orihuela”.

O retorno dos vencidos

No dia 8 de janeiro de 1940 retornei para a minha cidade depois de mais de dois anos de ausência; voltei doente, humilhado e derrotado.

Ao chegar encontrei o meu pai na prisão, embora já tivesse conhecimento desse fato a través das cartas que minha mãe me escrevera. Ele foi tirado de sua casa, humilhado pelas ruas amarrado a uma corda; suas terras foram confiscadas, foi espoliado pelos falangistas e encerrado na prisão por dois anos, sem que existisse acusação alguma contra ele. Aqueles mesmos “senhores” falangistas, que se apropriaram das nossas propriedades, trancando o meu pai injustamente na prisão local, sem julgamento ou acusação alguma, só para justificar, de algum modo, o embargo de todos os bens de sua propriedade, foram os mesmos que tentaram me deixar encerrado em uma prisão sem saída.

Minha mãe ainda conservava uma pequena loja, e com ela ganhava o necessário para poder levar o almoço todo dia ao meu pai na cadeia. Trino, o meu irmão caçula, trabalhava em uma padaria, propriedade de uma irmã do meu pai.

No dia seguinte da minha chegada, apresentei-me à Guarda Civil, não houve qualquer problema, mas eu devia me apresentar toda semana no quartel, e não podia sair da cidade sem autorização. Ao longo de todo aquele ano minha mãe cuidou de mim, conseguindo o restabelecimento completo da minha doença pulmonar.

Oito dias após o meu retorno, encontrei alguns amigos que, como eu, não tinham nada para fazer. Estávamos na porta de um cabeleireiro de uma rua do centro, esperando um dos amigos que estava cortando o cabelo; de repente passou pela minha frente uma jovem de uns quinze anos, e ao olhar para ela, senti um calafrio interior que me fez estremecer. Quem era essa menina desconhecida para mim, que me impressionou daquele jeito? Apenas fiquei alguns segundos pensando e logo comecei a segui-la de perto; seu andar era elegante, vestia uma blusa de quadradinhos em branco e cinza, sapato de salto alto e saia listrada e plissada, que balançava graciosamente ao ritmo do seu

andar. No fim da rua, ela parou diante de uma vitrina, e aproveitei esse instante para falar com ela. Fitou-me com seus olhos grandes e expressivos, e com seu rosto bonito e simpático, apesar do acentuado gesto de seriedade, disse: “eu não falo com desconhecidos”. Está certo, disse eu, meu nome é Pepe e agora estamos falando, então não somos mais desconhecidos. Olhou para mim sorrindo, enquanto dizia: “eu me chamo Mári”.

Conversamos e acompanhei-a mais alguns minutos, até que ela parou e disse: “no final dessa rua é a minha casa e você precisa ir embora, porque meus pais acham que ainda sou muito jovem para sair com garotos”.

“Quando tornaremos a nos ver?”, perguntei a ela.

“No dia 17 é a festa de São Sebastião, a gente se vê lá”, respondeu ela.

No dia da festa passeamos e conversamos a tarde inteira, percebendo que nos sentíamos completamente felizes juntos e que os nossos destinos ficariam ligados para sempre.

Poucos meses depois, com licença de seus pais, formalizamos nosso relacionamento, e por cerca de cinquenta anos sempre nos mantivemos unidos como duas almas gêmeas.

Em dezembro de 1940 fui chamado para o serviço militar, e no sorteio realizado em Alicante, a sorte deparou-me Artilharia, com destino em Marrocos. Em 18 de janeiro saí para me incorporar ao Regimento de Artilharia com base em Tetuan.

Uma vez lá, fui destinado a uma Companhia de Montanha, destacada em acampamento no interior. Imediatamente recebi um mulo, que eu devia cuidar. O sargento obrigou-me a montar nele e levá-lo a um regato para limpá-lo e deixá-lo beber água; os outros colegas tinham também o seu, mas eu fiz as coisas tão mal, que quando estava chegando ao córrego, o pobre animal lançou-me para a água por cima das suas orelhas e caí no regato antes dele chegar. Em meio às risadas dos meus colegas e os gritos do sargento, eu dava até dó.

Após os quinze primeiros dias, eu já tinha um grupo de amigos veteranos, entre eles havia dois, de León, que eram alfaiates; contei a eles que era aprendiz desse mesmo ofício, porém não tinha freqüentado academia, e por essa razão não tinha conhecimentos sobre corte.

Em uma tarde de sexta-feira, quando o sargento veio ao pavilhão, falou: “se existe aqui algum alfaiate, apresente-se a mim, é para ir a Tetuan, a serviço do

coronel”. Fiquei muito surpreso vendo que os meus amigos não se manifestavam, e quando o sargento foi embora perguntei a eles o motivo.

Os dois responderam a mesma coisa: “esse coronel é um louco, pede um alfaiate para costurar suas roupas, mas se não gostar do trabalho, o prêmio é uma baita surra. No ano passado, um colega acabou no hospital, por esse mesmo motivo”. Mesmo assim, eu disse que entre o mulo e o coronel, eu escolhia o coronel, e então pedi que eles me dessem uma explicação e alguns desenhos com anotações, para eu poder cortar uma calça e um paletó, e com essas pequenas noções sobre corte e costura, apresentei-me ao sargento e postulei-me para ocupar a vaga requerida; ele me olhou um pouco desconfiado e falou: está bom, vamos na segunda-feira.

Três dias depois partimos. Quando chegamos ao quartel, o sargento me apresentou ao oficial de plantão, ele me ordenou segui-lo, levando-me à presença do coronel, que me olhou demoradamente e perguntou:

Você é alfaiate?

Sim, meu coronel, eu respondi. Ele continuou perguntando: De onde você é?

De Alicante, senhor.

O coronel, sem deixar de me fitar, continuou:

“Se o que você diz é verdade, se você não me engana, vai ficar muito bem aqui comigo”, e voltando-se para o tenente que estava à espera de ordens, falou: “Tenente, leve-o para o armazém, ali é onde ele vai dormir, fale para o sargento dar tudo o que ele precisar para fazer seu trabalho; agora ele vai ficar relevado de qualquer outro serviço, porque precisa costurar um casaco sahariano e uma calça para mim”. O oficial me apresentou ao sargento do armazém, e transmitiu a ele as ordens do coronel.

No dia seguinte tomei as medidas do coronel, necessárias para fazer as roupas, e expliquei a ele que para o trabalho ser bom eu ia precisar de um pouco de tempo. O coronel me tranqüilizou dizendo: “você vai ter bastante tempo, até dia 9 de março, que é a cerimônia do juramento à bandeira”.

Durante todo aquele mês de fevereiro fiquei trabalhando no uniforme, dormia pouco e tinha verdadeiros pesadelos com o coronel e o uniforme. Antes de fazer a primeira prova com o coronel, eu já tinha feito quatro com um rapaz do armazém. Dias depois da primeira prova, fiz a segunda, e no dia 28 de fevereiro a terceira e última, e o uniforme ficou pronto.

O coronel olhou-se demoradamente no espelho e sorrindo, falou: “José, você é um bom profissional, ficou muito bonito, estou satisfeito”. Eu respondi agradecendo.

No dia 9 de março, finalizado o ato da jura à bandeira, os oficiais estavam convidados para um almoço, que teria lugar na sala do comando. Os convidados mais importantes eram de Ceuta: O general Alcubilla, chefe da nossa divisão e governador civil e militar de Ceuta, e o coronel chefe do Estado Maior.

Quando o almoço terminou, um ordenança veio me buscar por ordem do coronel, para eu me apresentar imediatamente. Eu fui com ele sem entender a razão daquela ordem. Entrei para o recinto e coloquei-me às suas ordens; para minha surpresa, pegou-me pelo braço e falando com um militar de estatura média, e aspecto bonachão, disse: “meu general, este rapaz é o meu alfaiate”. O general me olhou sorrindo e falou: “meu filho, você é um artista, será que não quer fazer um uniforme para mim também?” “E outro para mim”, disse um coronel, de aspecto elegante que estava ao seu lado. Eu olhei para o meu coronel, que sorridente balançava a cabeça afirmativamente, e respondi “estou às suas ordens, meu general”.

Uma mudança importante em minha vida

Uma semana mais tarde, fui enviado para Ceuta, e apenas chegado lá, apresentei-me ao general, que me recebeu gentilmente, ordenando que eu fosse instalado em uma ampla sala, no sótão do prédio, onde ficava o governo militar. Na mesma sala, havia uma cama, uma máquina de costura, uma mesa grande para passar a ferro e um banheiro.

O general trabalhava todos os dias em seu escritório, das 9 às 13 horas, e adquiri o hábito de subir ao seu escritório, todos os dias bem cedo, para perguntar se ele precisava alguma coisa de mim; isto o deixava muito satisfeito, e com isso consegui certa independência, dando a entender aos outros oficiais que eu estava a serviço exclusivo do general. Quando algum oficial ousava me pedir para fazer algum trabalho, eu respondia que antes precisava falar com o general, o qual eles nunca faziam.

Uma vez instalado, comecei a confecção dos dois uniformes (um era para o general, e o outro era para o amigo dele, o coronel) e quando precisava fazer provas, fazia as duas ao mesmo tempo, no escritório do governo militar. Em pouco mais de um mês o trabalho ficou pronto, e quando fui entregá-lo, eles estavam tão satisfeitos que pediram para eu fazer mais um.

O general, sorrindo, olhando para o amigo, falou: “Agora José vai nos pedir um mês de licença”. “Não, meu general, não desejo uma licença, respondi; eu desejaria, se fosse possível, ficar aqui com o senhor, ao seu serviço”. Ele não esperava que eu fizesse esse pedido, e muito surpreso, falou: “isso não é possível, o seu coronel ficaria bem zangado se eu roubasse o alfaiate dele”. Ao ouvir essas palavras, eu não conseguia disfarçar o meu desapontamento. O coronel, que estava em silêncio, interveio dizendo: “talvez eu tenha a solução”; o general olhou para ele com curiosidade; ele continuou dizendo: “Eu tenho, no quadro do Estado Maior, um rapaz de Barcelona que é alfaiate, mandamos

aquele para Tetuan e nós aqui ficamos com esse”. O general ficou pensativo e, balançando a cabeça, terminou me dizendo: “Vou deixar você ficar aqui, espero que a raiva do seu chefe passe logo”. Eu agradeci a ele, sem poder esconder a satisfação.

Dia após dia eu continuava subindo ao escritório do general todas as manhãs. Para chegar até ele eu precisava passar através de um amplo salão, onde todos os capitães e comandantes ficavam esperando serem recebidos pelo governador para entregar a ele o relatório do dia. Chegando ao escritório, eu batia de leve e entreabria a porta, perguntando: “¿dá licença, meu general?” Ele erguia a vista e falava: “entre, filho”. Eu falava: “O senhor quer alguma coisa de mim hoje, meu general?” “Não, nada”, respondia ele, e depois costumava perguntar:

Como a sala está hoje?

Eu respondia: Ela está lotada.

Está bem, dizia ele. Pode ir, até amanhã.

Quando o general ou o coronel amigo dele encomendavam-me um trabalho, eu o fazia rapidamente, e trabalhava apenas para eles. Mas como o governo militar fechava à tarde, procurei outro emprego no exterior, para aproveitar aquelas horas.

Em Ceuta havia um modista, de Londres, que era um profissional muito bom, com bastantes encomendas. Falei com ele e fui admitido para trabalhar ali, apesar da minha pouca experiência.

A primeira coisa que ele me ensinou foi corte, depois aprendi a trabalhar em confecção de roupa feminina, sob a sua direção. Ele estava satisfeito comigo, porque precisava de um oficial e eu estava feliz porque estava aprendendo uma boa profissão, que foi muito valiosa depois, para me estabelecer em Barcelona e, a seu devido tempo, no Brasil. Com esse modista trabalhei mais de três anos, diariamente, de 14 a 20 horas.

Em outubro de 1.944, a guerra estava decidida a favor dos aliados, e o general Franco trasladou várias divisões de Marrocos para os Pireneus; a minha foi uma delas. O comando foi dado ao general Esparza, veterano da Divisão Azul.

O Estado-Maior da divisão instalou-se em Viella, e foi ali onde eu fiquei, como escolta do general; ele tinha um temperamento um tanto violento, mas não me fez sofrer.

Em 7 de maio de 1945 a Alemanha rendeu-se, e em 14 de agosto, foi o Japão. E em 25 de setembro daquele mesmo ano, eu fui licenciado.

Voltei para a minha cidade, após cinco anos de serviço militar, no exército do general Franco. Apesar disso, o ódio que determinadas pessoas no poder sentiam por mim, continuava latente; ódio injustificado, porque eu jamais tentei qualquer aproximação ou contato com eles.

O que eu almejava era apenas ficar na minha cidade, casar com a minha adorada noiva, me estabelecer profissionalmente e morar perto da minha família; e bem que eu tentei, mas os partidários do regime não deixaram.

Aluguei um local pequeno para trabalhar como modista, porque naquela pequena cidade de 50.000 habitantes não existia nenhum. Eles me perseguiram e ameaçavam continuamente; fui proibido de passar por determinadas ruas da cidade, e ameaçado de receber uma boa surra se desobedecesse. Isso, que hoje em dia parece incrível, na época era possível; a lei, e todos os direitos, eram apenas para os falangistas. Aqueles que eram classificados como “vermelhos” (de esquerda), não tinham quaisquer direitos perante a polícia, a justiça ou os tribunais.

Enquanto isso, meu pai foi liberado da prisão, porque um juiz, vindo de Madri para examinar os históricos das pessoas encarceradas em cidades como esta, colocou-o em liberdade, dizendo: “vá embora para sua casa, você não devia estar aqui preso, visto que não há acusação alguma contra você”.

Pouco depois, a casa onde nós morávamos foi confiscada, e ficamos apenas com a loja onde meus pais ganhavam a vida. A confiscação foi feita, segundo os “senhores” governantes, para pagar danos causados em um determinado palácio durante a guerra.

Tivemos de ir morar em uma casinha térrea, situada numa rua até hoje conhecida com o nome de “la corredera”.

Após cumprir o serviço militar, meu irmão continuou trabalhando na padaria da minha tia; ela nos ajudava procurando que não nos faltasse pão. Meu pai não resistiu tantos abusos e um ano mais tarde, com 58 anos de idade, faleceu de um acidente vascular cerebral.

Eu também não conseguia suportar tanta pressão política e no dia 2 de janeiro de 1947 parti para Barcelona; nessa cidade residia um amigo que conhecera quando com treze anos comecei meu aprendizado na alfaiataria da minha cidade; eu era um aprendiz, mas ele já era oficial, porque era quatro anos mais velho do que eu.

À chegada entrei em contato com ele e fui à sua casa; ele já era casado com Maria (que eu conhecia também). Quando disse a Paco que eu era modista, ele exclamou com alegria:

Você pode ganhar muito dinheiro aqui sendo modista! E sem hesitar propôs que trabalhássemos juntos, e eu achei muito boa essa idéia. Mas para começar era preciso ter recursos; ele me tranqüilizou dizendo que possuía duas máquinas e um pouco de dinheiro, ao que eu respondi: “eu também tenho duas máquinas, amanhã mesmo vou pedir à Mári para enviá-las”.

Alugamos um local na Rua Urgel, e logo começamos a trabalhar para casas comerciais como Mariuca, no Passeio de Grácia, e Molina em La Rambla. Montamos uma oficina de costura com vinte operárias e tínhamos mais trabalho do que podíamos realizar.

Aluguei um apartamento perto do trabalho, na Rua Sepúlveda e em 25 de maio daquele mesmo ano, casei com a minha querida Mári. No ano seguinte, minha mãe e meu irmão vieram morar com a gente.

Em 1949 começou a despertar-se em mim o desejo de deixar a Espanha, uma coisa inexplicável, porque a minha situação financeira e de trabalho era muito boa. Sair desse país na época era bem difícil para alguém como eu, classificado como contrário ao Regime. Era preciso apresentar um atestado de boa conduta assinado pela Falange, ou então dois avais assinados por comerciantes com estabelecimento aberto. Conseguir isso era quase impossível, mas mesmo assim não desanimei. Por cerca de dois anos fiquei procurando uma solução para o problema, sem encontrar nenhuma.

Meu desejo era ir para o México ou a Venezuela, mas um amigo meu que tinha ido para o Brasil, enviou-me um contrato falso para trabalhar como pedreiro; com esse contrato eu já estava em condições de obter permissão de entrada no consulado daquele país.

Finalmente aconteceu o “milagre” esperado. Minha esposa, que conquistava o carinho e a simpatia das pessoas, conseguiu que os donos da venda e da padaria onde tínhamos a nossa cartilha de racionamento se atrevessem a assinar o aval exigido pela polícia. O resto foi fácil, em vinte dias conseguimos toda a documentação e compramos os bilhetes para viajar no transatlântico “Provence”, que partia de Marselha no dia 20 de março de 1951, rumo ao Brasil.

Um novo ciclo e uma vida nova

Quando tivemos toda a documentação em ordem, deixamos o apartamento alugado em Barcelona; minha mãe e meu irmão alugaram outro apartamento menor, e continuaram trabalhando na mesma profissão, que já tinham aprendido comigo. Mári e eu nos mudamos para Orihuela e lá, com os pais da minha esposa, passamos o tempo que restava para empreendermos a viagem.

Nos últimos dias adoeci e precisei ficar de cama, com febre muito alta. E aconteceu que chegou o dia de partir para Barcelona, para preparar a bagagem, e minha esposa teve que organizar tudo sozinha.

Ignorando os conselhos do médico, no dia seguinte fui ao encontro de Mári, que já estava com tudo preparado para a partida. Cheguei a Barcelona, onde ela me esperava na estação, e nessa mesma noite empreendemos a viagem de trem; às sete horas da manhã chegamos a Marselha (França), onde devíamos pegar o barco. E no dia 20 de março, embarcamos no “Provence”, rumo ao Brasil.

Instalados no nosso camarote, fomos avisados para ir ao refeitório, pois estava na hora do almoço. Eu já estava bem melhor, porém Mári começava a sentir os efeitos de uma infecção causada por uma lasca de madeira, encravada na sua mão quando estava preparando os baús.

No dia seguinte chamei o médico para tratar da mão inflamada da Mári, pois ela havia passado a noite inteira com febre. O médico, após examiná-la, falou que a infecção era grave, e disse:

“Agora existe um antibiótico chamado penicilina, e se você me autorizar, começamos o tratamento já”. E com meu consentimento, aplicou o tratamento, melhorando em poucos dias.

Durante o resto da viagem correu tudo bem. Fizemos escala em Dacar, e também no Rio de Janeiro e em 5 de abril desembarcamos em Santos. Amigos espanhóis convidaram-nos para passar alguns dias naquela localidade, para conhecer as suas belas praias, e nos acompanharam na viagem até a cidade de

São Paulo. Com o auxílio dos nossos amigos, encontramos logo uma casa para alugar, no bairro do Ipiranga.

Poucos dias após a nossa instalação em São Paulo, consegui um emprego para fazer moldes de costura em “Modas Sônia”; esta casa era muito importante e pagava muito bem.

Não quero continuar o meu relato sem antes mencionar e recordar a família tão maravilhosa que foram para nós estes amigos espanhóis; ele era galego e sua esposa era filha de italianos. Tinham uma filha de nove anos, uma menina encantadora. Moravam perto da família, em uma casa na Avenida D. Pedro I, próxima ao monumento do Ipiranga. A casa alugada por nós ficava na partes de trás, na Rua Coronel Frias.

Faço essa referência como homenagem e pelas boas lembranças que ainda guardo, porque eles nos ajudaram muito na nossa chegada e nos ofereceram uma amizade sincera.

Já estávamos por sete felizes meses em São Paulo; então me ofereceram um emprego muito mais vantajoso no Rio de Janeiro. Eu estava em dúvida sobre esta oferta, sem saber o que fazer; mas finalmente resolvi me apresentar no escritório que a empresa tinha na cidade.

Agendei uma entrevista e compareci no dia indicado. O empresário estava à minha espera; causou-me boa impressão.

Falando com sinceridade, disse: “Tenho uma empresa em expansão e preciso de um designer de moldes que seja bom profissional; tenho cinco candidatos para esse cargo e se você estiver interessado, será o sexto. Você deverá ir para o Rio de Janeiro, eu pagarei a viagem de avião ida e volta e as suas despesas lá durante uma semana. Vamos testar você e, se tudo correr bem, vamos assinar um contrato; no caso contrário, garanto a maior discricção, para você poder continuar com o seu atual emprego aqui em São Paulo”. E continuou dizendo: “a firma “Rensor” é de confecção de senhora e uma das mais importantes deste país”.

Achei que era uma boa oferta e marcamos a viagem para um dia da semana seguinte; uma pessoa da empresa iria me receber no aeroporto.

No dia previsto viajei para o Rio, ficando lá por uma semana; fiz os testes exigidos, e tudo foi bem. Assinei um contrato de trabalho onde os meus rendimentos seriam justamente o dobro do que eu estava ganhando em São Paulo. No dia 24 de outubro de 1951 minha esposa e eu mudamos para o Rio, e

em 1 de novembro fui para a nova empresa, onde fiquei trabalhando por vinte anos.

Antes de continuar recordando o meu passado, quero deixar escrito que eu me sinto mais brasileiro do que espanhol, porque na Espanha nasci na matéria, mas no Brasil nasceu o homem novo que hoje sou. Meu espírito encontrou uma nova forma de vida; abriu os olhos e ansioso buscou uma luz para mudar de rumo e seguir um caminho diferente, para, um dia, muito longínquo ainda, conseguir a redenção espiritual.

Recém chegado ao trabalho, aluguei um apartamento na Praça São Salvador, bem perto da praia do Flamengo.

Na nova empresa a recepção foi muito boa, e não demorei muito em fazer bons amigos. O chefe de contabilidade me convidou para ir tomar um cafezinho em sua casa com minha esposa; ele morava próximo de nós, na Rua Laranjeira. Mári estava muito feliz, porque gostava de fazer novas amizades; comigo acontecia justamente o oposto, mas finalmente aceitei o convite. Eles nos receberam com muita simpatia. Era um casal relativamente jovem, de meia-idade, sem filhos. Ficamos longo tempo conversando sobre muitos assuntos, falamos da Europa, do Brasil, etc., mas em dado momento, a senhora, que se chamava Ana, contou que ela era médium espírita; Mári e eu nos olhamos um pouco confusos, pois não entendíamos do que ela estava falando, aquele era um assunto completamente desconhecido para nós. Ana percebeu o que estava acontecendo, mas continuou falando: “O Espiritismo é a comunicação do mundo corpóreo com o mundo incorpóreo, todos nós somos espíritos, encarnados ou desencarnados. Nascemos aqui na matéria e quando nosso corpo morre, o nosso Espírito retorna para o mundo espiritual, que é o verdadeiro, permanecendo lá até estar em condições de retornar novamente ao plano físico, em um corpo novo; e assim por vezes sucessivas, até conseguir a elevação suficiente para encarnar em um mundo melhor”. E concluiu dizendo:

“Este processo de ida e volta é a reencarnação”.

Depois dessa conversa, logo nos despedimos, e voltando para casa eu disse à Mári: essa senhora está louca, dizer que a gente nasce de novo, que depois de morrer a vida continua, ela não sabe o que está dizendo. Quando a gente morre, acaba tudo, a morte é para sempre, aquele que morreu jamais vai voltar! Mári me ouviu sem dizer uma palavra, e quando acabei de expor todas as incoerências que estavam em minha mente, ela me olhou serenamente e falou: “não julgue precipitadamente; dona Ana parece ser uma boa senhora, além

disso, ela fala com conhecimento de causa e nós não sabemos nada sobre essa questão”.

Minha esposa estava com a razão, e mantivemos uma relação de amizade com aquela família por mais de dezessete anos.

A fábrica “Rensor” ficava na Rua da Constituição, esquina com a Praça Tiradentes, no centro da cidade. Do outro lado da praça fica a Rua Sete de Setembro e no final desta rua, a livraria Freitas Bastos. Após o almoço, eu costumava dar um passeio pelas ruas próximas à praça. As lojas estavam abertas, não fechavam para almoço. Apenas havia passado uma semana da conversa de dona Ana sobre aquelas questões que para mim eram uma loucura, quando no meu breve passeio cheguei até a Livraria Freitas e parei para olhar uma vitrina cheia de livros espíritas. Dentre todos eles, interessei-me especialmente por três: “O Livro dos Espíritos”, “A Vida de Além-Túmulo” e “Depois da Morte”.

Receoso, como se estivesse cometendo um crime, decidi entrar naquela livraria e comprei os três livros.

Em pouco mais de uma semana, já tinha lido os três livros e tinha comprado mais quatro; porém, a coisa mais estranha, que eu não conseguia compreender na época, era que estava totalmente familiarizado com o significado daquela leitura. O que eu sentia é difícil de explicar, era como se tivesse nascido de novo, vivendo em um mundo diferente; um mundo maravilhoso, onde a vida tem um objetivo e um caminho para seguir, cheio de luz. De uma hora para outra, a minha vida tinha mudado, e se era pelo conhecimento espírita, só me restava exclamar: ¡Abençoado seja o Espiritismo!

Pode parecer estranho que somente com a leitura de alguns livros, uma mudança tão radical em mim acontecesse; porém devo lembrar que o meu Espírito tem raízes religiosas muito profundas; com onze anos eu queria entrar para a comunidade religiosa dos Franciscanos, só que fui impedido por meus pais, que não praticavam religião alguma. Fui educado em escola religiosa; eu sempre fazia perguntas, na aula de religião, que os professores não sabiam responder, e diante da minha insistência, acabavam dizendo que Deus tem seus mistérios e duvidar disso é pecado mortal. Isso fazia que eu duvidasse cada dia mais da religião que professava com tanta fé, e com quinze anos de idade eu já me havia tornado um jovem descrente.

Naqueles primeiros livros espíritas, eu encontrava aquilo que tão arduamente buscara na religião católica, sem conseguir; nessa religião só encontrei

dogmatismo, cego e fanatizado no passado. No Espiritismo, porém, encontrei a explicação lógica, convincente e sem mistérios, para saber o porquê de vivermos e de morrermos. Isto explica facilmente o desvanecimento como espuma do véu de ateísmo que me cobria.

Tinha encontrado, afinal, o Caminho da Verdade e da Vida. Foi assim como conheci o Espiritismo. Em um ano li uns quarenta livros; despertou-se em mim um grande desejo de saber, investigar, decifrar os grandes mistérios da religião antes inacessíveis para mim. E tudo sem participar do fenômeno mediúnico, que tanto prejudica o Espiritismo; porque o fenômeno é bom quando necessário, porém quando é utilizado como rotina ou passatempo, é muito perigoso e até prejudicial.

Comecei nesse caminho com um estudo disciplinado e progressivo, mudando meus hábitos e minha vida por completo. Desse modo tenho sido imensamente feliz durante os cinquenta e cinco anos que são transcorridos desde que o Espiritismo me ofereceu a oportunidade de empreender uma vida nova. Dediquei todos estes anos, com todos os meus recursos, a divulgar esta consoladora doutrina; para compartilhar com todos meus irmãos o bem-estar e a consolação que ele nos oferece nos momentos mais difíceis da nossa vida.

A primeira prova que sofri: uma “macumba”

Fazia cinco anos que conhecia o Espiritismo, eu continuava em meus estudos com grande dedicação e meus hábitos de vida tinham mudado por completo:

Deixei de fumar, coisa que fazia quase desde criança. Não mais assistia televisão durante a noite ou fins de semana, embora ouvisse no rádio todos os dias, das oito às dez horas da noite, em companhia de minha esposa, a emissão do programa “A Legião da Boa Vontade”, do radialista Alziro Zarur. Esse programa era educativo, humano e espiritual; desenrolava-se sempre com leitura de livros espíritas e também do Evangelho de Jesus, analisando e explicando seu significado e interpretação.

Enquanto ouvia o rádio, eu cortava e costurava roupinhas para um orfanato, para crianças de três a sete anos. Mári ajudava na costura e quanto estavam acabadas, ela mesma ia fazer a entrega, sentindo-se imensamente feliz. Posso garantir que aqueles cinco anos foram os mais felizes da nossa vida; sempre desejosos de trabalhar e descobrindo novos horizontes.

Naturalmente ainda não tínhamos entendido o verdadeiro objetivo das nossas vidas, nem qual era o nosso compromisso.

Uma tarde de sábado, eu estava lendo e comentando com Mári a leitura de um livro recém editado, com novas revelações, intitulado “Elucidação”. De repente, interrompi a leitura, exclamando: Mári! Olhe o meu braço! Ela olhou e disse: Meu Deus, isso parece uma intoxicação! No meu braço aparecia algo assim como uma queimadura e a coceira era desesperante. Após dois dias usando remédios caseiros, ficamos convencidos de que aquilo era mais grave do que pensávamos no início. Aquela ebulição estava se alastrando pelo corpo todo. Formavam-se pequenas ampolas que, quando arrebentavam transformavam-se em crostas, que lentamente iam cobrindo a minha pele, com um aspecto bem desagradável.

Visitei vários médicos, especialistas em doenças da pele, porém nenhum tratamento era eficaz. Finalmente, todos os médicos concordavam no mesmo diagnóstico: “É um vírus desconhecido”.

Sofri com aquela doença por mais de três meses, meu corpo estava cheio de pústulas e as pessoas afastavam-se de mim, como se estivesse com a peste. À noite, quando fazia as minhas preces, pedia a Jesus para me livrar daquilo, mesmo que em troca ele me desse um câncer.

¡Quanta ignorância, meu Deus, e quanto sofrimento por causa da vaidade e do orgulho!

Meu sofrimento era grande, porém meu orgulho era muito maior; quando alguns bons amigos falavam que aquilo era uma macumba (*) que alguém tinha feito para mim, eu sentia-me ofendido, e ficava zangado. Humilhava-me a idéia de aceitar que isto estava acontecendo comigo, espírita convencido e praticante, segundo o meu entendimento do que fosse o Espiritismo. Porque como eu tinha lido cerca de cem livros e feito algumas obras de caridade, pensava que não podia ser vítima de uma macumba, e que gozava de uma proteção que impedia um espírito inferior de se aproximar de mim para me fazer mal.

() Ritual religioso afro-brasileiro, de origem africana, voltado para a prática da magia negra. O rito praticado na macumba é com propósitos maléficos, destinados a fazer mal. Nesse ritual, animais são sacrificados. O médium, chamado de “cavalo”, come, bebe álcool e fuma, para dar satisfação aos espíritos invocados.*

Para fazer o trabalho, é utilizado um objeto pertencente à pessoa para quem é feita a macumba.

Mais tarde compreendi que todo o sofrimento passado era necessário para o meu Espírito descobrir que o maior inimigo estava dentro de mim mesmo, que fazia parte do meu ser, era companheiro inseparável em minhas passadas existências; esse orgulho, completamente camuflado, estava me assediando para me dominar, como tantas vezes no passado. Finalmente ele foi desmascarado, e com o auxílio de Espíritos amigos, consegui derrotá-lo.

Um bom amigo e vizinho, o Dr. Vidiera, foi visitar-me e falou: “José, fizeram uma macumba para você, no sábado você precisa vir comigo, ao Templo Espírita Tupyara, em Lins de Vasconcelos, para fazer uma limpeza e libertar você de tudo o que é ruim”.

Eu olhei para minha esposa e ela, dirigindo-se ao nosso amigo, falou: “Muito bem, no sábado vamos lá com você”. E como estava combinado, no sábado, às 15 horas, estávamos no Templo Tupyara.

Fiquei impressionado; sem dúvida trata-se do maior Centro do mundo, com capacidade para cerca de mil pessoas, todas elas sentadas, é realmente digno de se conhecer, além da qualidade e importância do trabalho que é realizado lá.

Na chegada, fomos logo para o escritório do diretor; seu nome era Antônio. O Dr. Vidiera fez as apresentações, dizendo:

“Antonio, este meu amigo e também vizinho precisa urgentemente ser ajudado”, ao mesmo tempo, virando-se para mim, pediu para eu tirar a camisa. Assim fiz, e o diretor do centro, quando me viu, exclamou:

“Meu Deus! Como você pode suportar um fardo como esse?”

Falou para eu vestir a camisa e pediu que o seguisse. Mári e eu o acompanhamos até a outra ala do prédio, ele bateu em uma porta, que após alguns minutos foi aberta, e fomos recebidos por um homem de meia-idade, vestido com uma túnica branca. Antonio perguntou a ele:

- Batista, você está ocupado? Ele respondeu:

- Estou atendendo uma senhora, mas já estou quase acabando.

- Muito bem, quando você terminar, atenda este amigo, precisa ser liberado do fardo insuportável que carrega com ele.

Fiquei à espera, com Mári, por cerca de quinze minutos e quando a senhora saiu, ele nos recebeu. Entramos em um quarto não muito grande, mobiliado com um sofá e três cadeiras, com uma ampla janela que dava para um pequeno jardim. Coloquei-me no centro da sala, tirando a camisa, e o Batista falou para eu apenas fazer uma prece, elevando meus pensamentos, ele também orou, mas antes colocou um copo d'água e um galho de arruda aos meus pés. Em pouco mais de um minuto ele caiu em transe, seu corpo e seu rosto envelheceram e sua voz mudou totalmente; começou dando uns passes ao redor do meu corpo, mas sem me tocar, sempre de cima para baixo, sacudindo as mãos no copo d'água, fazendo a mesma coisa também com o galho de arruda. Enquanto o médium me dava passes, o Espírito incorporado falou comigo; e com voz carinhosa disse:

“Meu filho, por que você continua tão orgulhoso? Você teve de sofrer este tormento, porque é necessário para você, porque chegou a hora de você começar a praticar a humildade, e se libertar dos vícios do passado. Eu vou

segui-lo de perto para ajudá-lo, sempre que você merecer; você deve confiar em Deus para trilhar o caminho que empreendeu”.

Ele acabou de falar e o médium saiu do transe; então o médium jogou a água e o galho de arruda pela janela. Antes de nos despedirmos, ele falou que eu devia voltar no sábado seguinte, para repetir o trabalho de limpeza. Depois de nos despedirmos, fomos para o escritório do diretor, onde ainda continuavam conversando ele e o meu amigo Dr. Vidiera. Deixamos o Templo Espírita Tupyara com o compromisso de voltar no sábado seguinte.

Passaram sete dias e retornamos ao Templo Tupyara, mas essa vez de maneira bem diferente, porque o meu corpo estava completamente limpo, apenas as cicatrizes restavam daquele “fogo selvagem”, como mais tarde fiquei sabendo que era chamado, e a lembrança de uma experiência que jamais o meu Espírito poderá esquecer, porque graças a aquela “abençoada” macumba, o meu Espírito ficou fortalecido para poder combater o seu pior inimigo: “O ORGULHO”.

Quando chegamos, fomos logo visitar o diretor do Centro, que nos recebeu muito gentilmente. Com alegria comentamos o sucesso do trabalho que os bons espíritos tinham feito comigo. Eu expressei a ele o desejo de cooperar com o Centro e a partir daquele dia passei a ser sócio mantenedor; então eu e minha esposa visitávamos o Templo Tupyara com bastante freqüência.

O acidente de Mári e seu compromisso

Dois anos transcorreram completamente felizes para nós. Eu, cada dia mais dedicado ao estudo para o conhecimento e a interpretação da ciência Espírita, cada dia mais compromissado na participação de obras de caridade, com uma visão bem mais clara e profunda sobre como deve ser interpretada essa doutrina, que, se bem utilizada, será um potente facho de luz no oceano de nossa vida.

Devemos lembrar as sábias palavras do nosso codificador Allan Kardec: “Ninguém poderá ser um bom espírita sem conseguir antes a própria transformação interior”. Para isto é preciso saber separar as coisas materiais das coisas espirituais. As coisas materiais são necessárias para viver na matéria, mas o Espírito deve dominar e nunca se deixar dominar por ela.

Há quase dois mil anos, Jesus falou bem claramente quando disse: “Dai ao César o que é do César e a Deus o que é de Deus”.

(Mt - 22:21). Essa é a filosofia que eu entendo e me esforço em praticar. Espero que um dia o meu Espírito possa dominar para sempre a matéria e dessa maneira empreender o glorioso caminho da sua redenção espiritual.

Como já disse, vivemos dois anos verdadeiramente felizes. Deixamos o apartamento alugado e compramos um no mesmo bairro, bem perto da praia do Flamengo; nessa praia passam três grandes avenidas, que vão do centro do Rio de Janeiro até Copacabana. Uma dessas avenidas passa perto do mar, de mão única sentido Copacabana; a central, de mão dupla, e a outra, de mão única sentido Cidade. Mári precisava visitar uma senhora doente, que morava no Méier, o maior bairro do Rio e devia pegar o ônibus na primeira avenida, sentido Cidade; porém, uma vez lá, viu uma velhinha que queria atravessar a avenida, mas não se atrevia porque o sinal mudava muito rápido para ela. Alguns dias antes, eu tive um sonho perturbador e confuso: “sonhei que a Mári

estava perto da praia, mortalmente ferida, como se alguma coisa muito pesada tivesse caído sobre ela, eu corria assustado para socorrê-la; muito esperançoso, observava que ela ainda estava viva, e pegando-a em meus braços, tentava tirá-la dali”. Eu tive esse sonho por duas vezes e quando contei à Mári, ela falou:

“Mas que barbaridade, meu Deus, não sei como é que você pode sonhar uma coisa dessas!”

Naquele dia, antes de sair de casa, Mári disse:

“Hoje tenho de ir visitar Dona Eugênia, só Deus sabe que eu tenho vontade é de não ir, os meus pés querem voltar para trás, mas é preciso que eu vá”.

Mári ajudou a senhora idosa a atravessar a avenida, mas quando deu meia-volta para retornar ao ponto onde devia pegar o ônibus, não percebeu que o sinal tinha mudado de cor; ele já estava vermelho. Nesse instante, o carro que passava atropelou-a de cheio, arrastando-a por mais de 12 metros pelo asfalto até conseguir parar. O próprio motorista auxiliou-a e levou-a para o Hospital Miguel Couto. Entre os restos de sua roupa foi encontrado o meu número de telefone, e fui avisado urgentemente; mal podia acreditar no que estava ouvindo, mas parti imediatamente para o hospital. Quando cheguei era meio-dia, entrei em uma sala bem ampla, onde havia muitos feridos, entre eles minha esposa, deitada em uma maca. Ela estava irreconhecível, seu rosto estava inflamado e seu corpo cheio de feridas provocadas pelo asfalto. Quando ouviu a minha voz, entreabriu os olhos e com voz muito fraca falou: “não se assuste”.

O médico estava à minha espera, afastou-me um pouco dela, para me dar informação. Mostrando as radiografias explicou que a situação dela era muito grave; estava com fratura de crânio, baço arreventado, pernas e braços quebrados. Falou que ela devia ser operada com a maior urgência. Sem poder conter as lágrimas, perguntei:

Doutor, ela vai se salvar?

Sem deixar de me fitar, ele respondeu: “pode cair em coma, ou então ficar inválida, ou cega, mas... devemos confiar em Deus”.

E com a mão no meu ombro, concluiu dizendo:

“Isto é um hospital público e ela precisa de cuidados especiais, então, vou me atrever a dizer que se você tem recursos, deve levá-la para uma boa clínica”.

Eu estava muito aflito, mas mesmo assim pude perceber que o doutor, pelo jeito carinhoso de nos tratar, era um Espírito amigo. Confiando nele, perguntei: “o senhor pode me recomendar uma clínica?” Ele respondeu: “aqui perto, na Rua Marquês de Abrahantes, a Clínica São Geraldo, essa é a melhor”. Dei meu

consentimento para que ela fosse levada para lá; ele pegou no telefone e dali a alguns minutos, disse: “existe um quarto livre, vamos com ela para lá imediatamente”. Com muita rapidez Mári foi colocada na ambulância e o doutor pediu para eu ir conversando com ela, para evitar que ela dormisse.

Na clínica já estavam à nossa espera e sem demora ela foi levada para a cirurgia. A intervenção durou cinco horas; quando terminou, perguntei ao cirurgião como ela estava, e ele respondeu que no momento estava tudo bem, sendo, porém, necessário realizar outra intervenção, que seria feita no dia seguinte, se ela não piorasse.

Vinte e quatro horas mais tarde, ela foi submetida a nova cirurgia que durou quatro horas, e felizmente, não precisou de outras intervenções. Estava com os braços engessados e em suas pernas foram colocados saquinhos cheios de areia, em ambos os lados, para deixá-las retas e imóveis.

Sem dúvida alguma, Mári era um Espírito forte. Sua aparência tinha mudado; seu corpo bem feito e seu rosto bonito e agradável, seus olhos grandes e expressivos e sua pele branca e fina, tudo estava transformado em um corpo irreconhecível, com um rosto desfigurado.

Após seis dias o médico estava bem feliz, porque ela estava se normalizando e sua reação estava sendo muito positiva; ele disse que um verdadeiro “milagre” estava acontecendo.

No sétimo dia de permanência na clínica, após o café da manhã, Mári pediu à enfermeira para trazer um espelho, pois queria ver seu rosto; a enfermeira respondeu que o regulamento não permitia dar um espelho ao paciente. Quando cheguei naquele dia, ela estava à minha espera para me pedir o espelho; falei com a enfermeira que argumentou do mesmo modo, ao que eu respondi que se ela não trouxesse um, eu mesmo iria comprá-lo. Então ela saiu e voltou dali a quinze minutos com um espelho. Mári olhou-se demoradamente, observando com muita calma e paciência seu rosto deformado, e voltando-se para mim e para a enfermeira, que acompanhávamos seus movimentos com intranqüilidade, falou: “graças a Deus, não estou tão mal assim, pensei que estivesse muito pior”.

Por três longos meses permaneceu de cama, virada para cima, sem fazer qualquer movimento. Para trocar os lençóis, era necessário pressionar fortemente o colchão para baixo, deslizando o lençol limpo enquanto o lençol usado era removido, sem deslocar o corpo.

A recuperação demorou mais três meses, sob supervisão do próprio cirurgião, que mesmo sendo profissional de prestígio internacional, tratava Mári com afeto especial, e sempre que surgia uma oportunidade, ele a apresentava aos colegas da profissão com certo orgulho, dizendo: “quando comecei a cuidar dela, ela era como um vaso quebrado, e hoje, após seis meses, poderia ser candidata em um concurso de beleza.

Voltando ao dia do acidente, quando disse ao meu chefe que minha esposa estava na clínica São Geraldo, ele ficou pensativo e falou: “José, essa clínica é muito cara, mesmo para mim, e no seu trabalho você não deve ter grandes preocupações, então falarei para eles passarem os débitos aqui para a empresa e depois a gente acerta as contas. Assim foi feito; cada semana a minha empresa pagava a conta da clínica; os honorários do cirurgião, porém, seriam cobrados quando ele terminasse seu trabalho e desse a alta médica.

O doutor, que estava informado de qual era a minha profissão, encomendou-me fazer dois casacos para seus filhos, um menino de nove anos e uma menina de onze, e eu os fiz com muito esmero e carinho.

Após seis meses em convalescença e recuperação, quando finalmente o doutor deu a alta para minha esposa, eu, profundamente emocionado, perguntei a ele quanto era a conta dos seus honorários, confiando em sua bondade para nos dar o tempo necessário para o pagamento. Ele ficou pensativo... E com um sorriso, falou: “José, eu sei que você é um artista em seu trabalho, você fez para mim dois casacos que provam isso; o preço deles deve ser muito alto, então, se você concordar, uma coisa poderá compensar a outra”. Com lágrimas nos olhos, eu só pude dizer: “Obrigado, doutor, muito obrigado, e que Deus o abençoe!” O bondoso sorriso em seu rosto e o caloroso abraço que ele nos deu, somente poderia vir de um ser superior.

Mári teve muito tempo para pensar, naqueles seis meses, então ela fez uma promessa a Nosso Senhor Jesus (eu digo promessa porque os princípios religiosos dela são muito arraigados), que consistia no seguinte: Se ficasse boa, se recuperasse o movimento em todo seu corpo, iria estudar para obter o título de enfermeira, e depois trabalharia por toda a sua vida ajudando e auxiliando os mais necessitados, sempre gratuitamente, sem receber nada em troca.

Em um ano ela ficou completamente boa, recuperou totalmente o movimento, então começou a estudar para obter o título de enfermeira, e cumpriu aquela promessa até o fim da sua vida.

Quando Mári começou a trabalhar como enfermeira, seu primeiro serviço foi no Hospital da Cruz Vermelha, no Rio de Janeiro. Nesse Hospital trabalhou por três anos, sem qualquer retribuição; foi um trabalho bem positivo para ela, porque adquiriu muita experiência, necessária para o serviço que realizaria depois.

Eu dedicava todo o meu tempo livre ao estudo e ao trabalho, participando de obras de caridade, distribuindo livros gratuitos para aqueles que não podiam comprar. No Hospital da Cruz Vermelha, onde Mári trabalhava, eu distribuía livros espíritas entre os pacientes, também comprava para eles os remédios que o Serviço de Saúde não fornecia, e estava sempre disponível para ajudar, em nome da crença que me transformara.

Depois de sua experiência na Cruz Vermelha, Mári foi prestar serviços em um dispensário da “Legião da Boa Vontade”, até o ano de 1966, quando o nosso filho nasceu; naquele dispensário o trabalho era um verdadeiro apostolado. Centenas de doentes sem-teto vindos até de muito longe, apareciam lá para serem atendidos e curarem suas feridas; alguns deles com úlceras em putrefação, que Mári curava com carinho; desinfetava as feridas com lixívia, colocava vendagens novas e dava a eles algum calmante para mitigar sua dor, para que ao menos por alguns dias aqueles pobres infelizes sentissem algum alívio.

Um dia, entre os muitos infelizes que desciam das favelas para pedir ajuda no dispensário, apareceu uma moça pedindo assistência urgente para uma senhora idosa que estava muito doente, na favela do Esqueleto. Mári, ignorando advertências de colegas para não ir, pelo grande perigo que representava subir até lá, acompanhou a jovem até um barraco úmido e mal-cheiroso; no chão, sobre um colchão velho, estava a velhinha doente, com febre muito alta. Ela medicou-a, aseou-a e esperou ao seu lado, orando até que a mulher começou a melhorar. O tempo tinha passado e começava a anoitecer; Mári empreendeu o caminho de volta um pouco assustada, e receosa viu segui-la a poucos passos um homem corpulento e mal-encarado. Apressou o passo e o homem fez o mesmo; finalmente, dando graças a Deus, chegou à rua e virando-se verificou que o homem estava parado perto dela. Fitando-a, ele disse: “a senhora pode subir essa favela sem medo quando achar necessário, ninguém vai molestar a senhora porque eu vou protegê-la”. Mais tranqüila Mári perguntou por que ele estava fazendo aquilo, ao que ele respondeu que a pobre velha atendida por ela era sua mãe.

Incansável e feliz, Mári continuava fazendo seu trabalho no dispensário, até que teve de interrompê-lo porque suas unhas ficaram contaminadas por um fungo que fez que ela perdesse todas as unhas. Mas com um bom tratamento e a paciência que a caracterizava, esperou que elas tornassem a crescer, e corajosamente voltou ao trabalho.

Mais uma vez tivemos ocasião de agradecer a Deus, por todos os obstáculos que coloca em nosso caminho, porque graças a eles podemos ver com plena claridade o rumo que o nosso espírito deve seguir para encontrar a verdadeira razão da nossa vida.

De há séculos atrás, Mári e eu caminhamos juntos; somos dois espíritos amigos que sentem e pensam com grande afinidade. Juntos, estamos felizes, na desgraça um apóia o outro e nos amamos, a dor nos une e o amor nos faz felizes, e juntos queremos continuar para conseguir nossa redenção espiritual.

O compromisso

Os fatos vividos pertenciam a um passado recente, mas que nós recordávamos como se fossem acontecimentos distantes nas nossas vidas.

Eu não imaginava que ainda estava para chegar o evento mais importante da minha atual existência.

Uma tarde do inverno carioca, eu estava no trabalho, quando senti uma dor muito forte nos rins, meu corpo dobrou e desabei no chão, sem poder conter os gemidos. Meus colegas não sabiam o que fazer; chamaram o médico, que me examinou e colocou-me uma injeção para aliviar a dor; para nos tranquilizar, falou que parecia ser uma pedra nos rins. Quando a dor passou, me levaram para casa, e no dia seguinte já estava bom e voltei ao trabalho.

Após algumas semanas as dores tornaram e continuaram se repetindo com maior freqüência. O médico continuava com a tese de que era uma pedra que precisava expulsar. Nesta triste situação, com dificuldade para urinar e com muita dor, dez meses se passaram.

Uma tarde, após o trabalho, voltando para casa de bonde (porque eu não ousava mais dirigir meu carro), tornei a sentir aquela dor, desci do bonde na Praça da Lapa e encostei-me a uma árvore, sem conseguir manter-me em pé; com a vista nublada, deixei-me escorregar para o chão; e ali fiquei incapaz de articular nem uma palavra; as pessoas que passavam do meu lado não paravam, com certeza pensando que eu estava bêbado.

Com dificuldade consegui enxergar uma parada de táxi do outro lado da praça, então, com lágrimas nos olhos exclamei:

“Meu Deus, dai-me forças para chegar até lá!” Com enorme esforço consegui ficar em pé e, cambaleando, atravessei a praça; o motorista de táxi me ajudou a entrar no carro e me levou para casa.

Quando cheguei, minha esposa chamou o médico, que me deu um remédio para amenizar as dores, e me aconselhou ir ao hospital no dia seguinte, para um reconhecimento completo. Assim fiz, fui ao hospital geral, onde foram feitos os exames correspondentes; através de uma sondagem o estado dos meus rins foi

examinado, radiografias foram feitas também, e após quatro horas, recebi o resultado. O doutor me chamou ao consultório, fez que eu sentasse à frente dele, e olhando-me, falou:

Costumo dizer a verdade aos meus pacientes sobre o estado deles.

Interrompi-o dizendo: doutor, eu quero saber toda a verdade.

Ele suavizou a expressão do rosto e disse: o seu estado é grave.

Levantando-se, pegou as radiografias que estavam sobre a mesa e colocou-as sobre o painel luminoso; sem deixar de me olhar, e apontando para elas, continuou falando:

O rim direito está perdido, o esquerdo precisa ser tratado, você deve ser operado com urgência.

A expressão do meu rosto com certeza mudou naquela hora, porque ele se aproximou de mim, e colocando a mão no meu ombro, disse:

Fique tranqüilo; você vai ser operado na melhor clínica do Rio “A Casa de Portugal”. Vamos deixar o fim de semana passar e na segunda feira vou internar você, para ser operado na terça-feira.

E concluiu dizendo: “vamos confiar em Deus, tudo vai correr bem”.

Saindo do hospital, fui para a Clínica A Casa de Portugal, para combinar o dia da internação. O doutor já tinha telefonado e eles estavam à minha espera.

Em casa, quando contei à minha esposa tudo o que tinha acontecido, ela não se conteve e começou a chorar.

Pouco a pouco fomos ficando mais tranqüilos e aceitando a situação. A noite chegou, e como todos os dias, às 22h, nos propusemos a fazer a nossa prece; coloquei um copo d’água sobre a mesinha à minha frente, e nos ajoelhamos para orar. Naquela noite, fizemos a prece com maior fervor e emoção, pois havia uma reflexão prévia e um estado de comprometimento, então acabei a oração dizendo:

“Senhor Jesus, meu querido Mestre, eu sei que tu me amas e que só desejas o melhor para mim, eu te peço, se possível, uma nova oportunidade; quero ser teu serviçal, o menor deles, o mais humilde de todos, quero trabalhar para ti, designa para mim uma tarefa ao alcance das minhas faculdades, que eu prometo cumprir sempre, até o fim da minha vida”.

A água do copo havia se transformado em água fluidificada, eu bebi e nós fomos dormir. Às quatro horas da madrugada acordei, com vontade de ir ao banheiro, e urinei sem sentir qualquer incômodo, coisa que não acontecia há semanas. Com alegria, acordei minha esposa; ela não podia acreditar no que eu

estava dizendo; aquela noite nós não conseguimos mais dormir, por causa da emoção.

De manhã fomos ao Hospital da Cruz Vermelha, onde Mári trabalhava, ela falou com o diretor, que nos recebeu muito gentilmente; depois de contar a ele o parecer do Hospital Geral, ele nos tranquilizou, e deu ordem de me fazerem radiografias, pedindo que depois de feitas fossem entregues a ele mesmo.

O doutor examinou as radiografias demoradamente e com um sorriso, dirigiu-se à Mári, dizendo: “acho que houve algum erro, seu marido está com os rins saudáveis, vocês não têm mais por que se preocuparem”.

Saindo da Cruz Vermelha, fomos para a Casa de Portugal. Quando eu disse para a enfermeira que nos atendera no dia anterior que não queria ser operado, ela me ouviu espantada e falou com o cirurgião, que me fez acompanhá-lo ao seu consultório. Ao entrar, ele me disse:

- Mas que bobagem você está dizendo! Por acaso você não sabe que se não fizer a cirurgia, antes de três meses você estará morto!

Eu ouvia em silêncio, e quando ele acabou de falar, mostrei as radiografias da Cruz Vermelha. Ele examinou-as com incredulidade, e rapidamente falou:

- Essas radiografias não são suas, já esqueceu que seus rins estão em decomposição há meses? Como pode acreditar que agora, e de uma hora para outra, você está curado? Esqueça essas loucuras, milagres não existem; na terça-feira você deve ser operado.

Quando ele acabou de falar, eu, com muita calma, respondi: - Doutor, eu fico muito grato por o senhor se interessar tanto por mim, mas a minha decisão é irrevogável, porque eu, sim, acredito em milagres.

Depois de assinar um documento assumindo toda a responsabilidade pelo que viesse a me acontecer, por não querer ser submetido à cirurgia, despedi-me dele e com minha esposa saí da Clínica de Portugal.

Hoje 45 anos são passados, e jamais voltei a sofrer dos rins em todo esse tempo.

Após tanto sofrimento, mais uma vez tive de dar graças a Deus, porque através daquela doença meu Espírito encontrou o caminho que devia seguir; assumindo o compromisso necessário, para divulgar a doutrina Espírita, que é o verdadeiro objetivo da minha existência atual.

De volta à Espanha

Em 1966 parecia o começo de um ano feliz para nós. O nosso filho tinha nascido; Mári sentia-se mais feliz do que nunca e, naturalmente, eu partilhava e sentia também essa felicidade; porém sem esquecer nem por um momento o sério compromisso assumido com Jesus. Cada dia eu me sentia mais comprometido e grato a Ele.

Eu queria divulgar a doutrina Espírita, que tanto bem me fizera; desejava partilhar com os outros a paz e a felicidade que eu sentia, mas mesmo assim, alguma coisa me inquietava que eu não sabia ou não queria definir. Não era uma censura o que eu sentia; o sentimento intuitivo que eu percebia era como uma voz oculta que eu não queria escutar. Era um eco vindo de muito longe, para me dizer que o meu compromisso era mais importante do que tudo o que eu estava fazendo, que devia empreender um novo caminho, para desenvolver e realizar a minha tarefa.

À noite, em uma sala que eu destinara ao estudo, passava todo o meu tempo em leitura e oração, até a hora de dormir, que era sempre muito tarde.

Nas minhas preces pedia aos bons espíritos que me orientassem para saber qual o caminho que eu devia seguir. Hoje posso compreender perfeitamente aquilo que na época achava tão difícil. Hoje posso ver com clareza aquilo que na época considerava incompreensível. No fundo do meu ser, eu sabia qual era o caminho a seguir, mas resistia àquela idéia, procurando outro caminho alternativo, e isto me inquietava de uma forma que eu não sabia interpretar.

Minha situação era complicada; com o esforço do meu trabalho durante os melhores anos da minha vida, conquistara um bom patrimônio, um bem-estar e uma vida cômoda; mas para cumprir o grave compromisso assumido, para ser um serviçal fiel de Nosso Senhor Jesus, eu precisava renunciar a tudo, empreender uma vida nova e recomeçar em um novo caminho.

Essa idéia, aparentemente tresloucada, não tinha cabimento em minha mente.

Com todas essas preocupações o tempo passava, até que chegou o ano de 1.970, e sem que eu saiba como aconteceu, tive um confronto com meu chefe,

com quem até então tinha um bom relacionamento, e deixei aquela empresa, após quase vinte anos de trabalho.

Quando contei à minha esposa o que tinha acontecido, ela não podia acreditar, e sem esconder sua preocupação, perguntou:

“E agora, o que nós vamos fazer?” Tranquilei-a dizendo: “amanhã mesmo parto para São Paulo, lá eu tinha muito boas propostas de trabalho”. Ela me ouvia com tristeza; eu continuei: “em São Paulo temos bons amigos, e você vai se sentir muito bem lá”. Mári balançou a cabeça em um gesto de resignação, e falou: “aqui nós estamos bem, mas mesmo assim, eu aceitarei o que você decidir”.

Como tinha previsto, viajei no dia seguinte para São Paulo e me hospedei no “Hotel Senador”, no centro da cidade. Já tinham passado três dias desde a minha chegada; as propostas de trabalho feitas antigamente já estavam ocupadas por outras pessoas, e voltei para o hotel muito desanimado.

Ao meio-dia, antes de ir ao refeitório fui ao meu quarto para me assear antes de almoçar. Sentei na cama, pensativo, mesmo desorientado; naquele momento, sem que eu saiba como, senti uma influência espiritual que anulou todas as minhas faculdades; ao mesmo tempo, um Espírito muito querido e respeitado por mim aproximou-se e sem nada dizer, estendeu-me sua mão. Eu senti uma paz que não poderia descrever agora; lenta e completamente emocionado, peguei em sua mão, sentindo como meu Espírito se afastava do meu corpo; e em um desdobramento lúcido (ainda posso lembrar com a maior clareza as imagens que vi) fui conduzido a um plano astral, sempre apoiado por aquele bom Espírito. Olhei para baixo, assustado e trêmulo pelas coisas que estava enxergando; a cena era horrível, tão dantesca que é muito difícil de relatar. Uma infinidade de seres gemia contorcendo-se em grandes poças de lama malcheirosa; todos gemiam, choravam, gritavam, pedindo auxílio para sair dali.

Daquelas poças emanava uma espécie de vapor, semelhante a enxofre, que me impedia de respirar. Eu, aterrorizado, comecei a chorar. Foi então que pela primeira vez o Espírito que me acompanhava falou; com muita calma e carinho, ele me disse:

“Meu filho, é preciso que você grave em sua mente este quadro desolador, para você poder compreender a enorme importância de difundir a luz ali onde se vive nas trevas. Os nossos irmãos infelizes, que tanto sofrem aqui, sofrem pela sua ignorância, pelo desmedido desejo de gozar das sensações da matéria. Todos nós, meu filho, somos responsáveis pelo que semeamos, e

inevitavelmente colheremos o que temos plantado. Precisamos difundir a luz e o esclarecimento, para dissolver a escuridão e as trevas. Onde você vê mais escuridão, é lá que você deve realizar sua tarefa”.

Saí do transe e me encontrei na mesma posição em que estava antes do desprendimento. Sentado na cama, chorando desconsoladamente. Porém, o mais significativo era que o quarto estava impregnado daquele mesmo cheiro forte e asfixiante que tinha sentido antes. Quando consegui me acalmar, ainda com os olhos marejados, consegui dizer: “Senhor Jesus, perdoai-me, porque tenho estado cego”.

A emoção que eu sentia naquela hora, depois do desdobramento, da viagem astral com plena lucidez dos meus sentidos, não há como descrevê-la com palavras; eu sentia em mim uma emoção que me deixava confuso, e ao mesmo tempo enxergava uma grande claridade, lá longe, no horizonte, iluminando o caminho que eu devia seguir.

Não fui almoçar nem saí do quarto; lentamente fui me acalmando, e às 17h eu já estava bem e com a certeza de ter compreendido a mensagem. Tinha chegado a hora, eu devia renunciar aos meus desejos materiais e cumprir o compromisso assumido com o meu querido Mestre Jesus. Precisava voltar para a Espanha, começar uma nova vida; uma vida de renúncia e de trabalho, a serviço do mundo espiritual, com o qual estava comprometido.

O “Hotel Senador”, onde me hospedava, era um bom hotel familiar, seu dono era espanhol, e eu fui recomendado por um bom amigo de ambos. Pouco antes do jantar ele subiu ao meu quarto para me perguntar se estava tudo bem comigo, e eu agradeci e desci com ele para o refeitório.

Naquela noite telefonei para os amigos de São Paulo, aquela família que com tanto carinho nos recebera na nossa chegada ao Brasil. Falei que estava lá e que iria visitá-los antes de ir embora. Também entrei em contato com minha esposa, pedindo a ela que viesse ao meu encontro; o quarto com uma cama já estava reservado para o nosso filho. Naturalmente, pelo telefone só pude explicar brevemente o que tinha acontecido, ela me ouviu um pouco surpreendida e disse: “amanhã você me explica tudo melhor, acalme-se e vamos confiar em Deus”.

Eu consegui descansar e dormir bem naquela noite. De manhã, ainda não tinha acabado de tomar meu café, quando vi entrar no salão um bom amigo meu, chamado Jesus, com quem tinha falado pelo telefone na passada noite. Ele me abraçou e sem me deixar dizer nada, perguntava: “como você pode fazer

isso, viajar a São Paulo e ficar em um hotel? Agora mesmo você vem para a minha casa”. Eu tentava explicar que estava à espera de Mári, e que já tinha um quarto reservado, mas ele não quis me ouvir; subimos ao quarto, ele pegou a minha mala, e sem dar ouvidos a razões, desceu com ela e colocando-a no carro, partimos para sua casa, na Av. D. Pedro I.

Fui acolhido pela família com grande alegria, e à tarde fomos receber Mári, que chegou com o menino, alegre e contente, sem parar de falar o tempo todo. Depois do jantar, nós nos retiramos ao nosso quarto; tranquilamente eu contei a ela tudo o que me acontecera e finalizei meu relato dizendo: “precisamos voltar novamente para a Espanha”. Ela se aproximou de mim e pegando em minha mão carinhosamente, falou: “meu bem, você sabe que eu sempre irei onde você for; eu nunca vou me separar de você, mas antes de tomar uma decisão, precisamos analisar certos pontos que são de vital importância”. E começou a enumerar:

Nós não temos dinheiro, depois de pagar os bilhetes vai restar muito pouco; todos os nossos recursos estão investidos.

Na Espanha agora, com a ditadura franquista e o fanatismo da Igreja Católica, vai ser bem difícil para você cumprir a sua missão.

Esse ponto eu considero ainda mais difícil. Voltamos para o nosso país, para começar uma vida nova, partindo de zero; precisamos nos estabelecer e encontrar um emprego; e você já está com quase 51 anos.

Esperei até a minha querida e fiel companheira acabar de falar, abracei-a e disse: “nós voltamos para a Espanha, Jesus é o nosso guia e Ele nos ajudará”.

Minha decisão estava tomada, porém uma questão terrível estava me atormentando; a costura na Europa tinha evoluído muito nos vinte anos que se passaram desde a minha partida para o Brasil. Será que eu tinha condições para enfrentar esse progresso? Esta dúvida me deixava muito preocupado.

Depois de dois dias, eu disse à Mári: “preciso sair, vou ao hotel me despedir e pagar a conta”. O ônibus me deixava na Praça da Sé, bem perto do hotel, e nessa mesma praça fica a Catedral, com sua grande escadaria; eu andava devagar, preocupado com a questão que me inquietava. Sem saber o porquê, senti o impulso de subir e entrar na Catedral; no interior não havia ninguém, apenas dois guardas de segurança; as portas estavam abertas, o interior era muito espaçoso, com bancos em ambos os lados; o teto era muito alto, porém o que mais me impressionou foi o fato de não haver imagens, nem confessionários, nem púlpitos, apenas o altar com uma imagem de Jesus crucificado; o ambiente

era muito acolhedor; sentei em um banco e fiquei em estado meditativo, perdendo a noção do tempo.

A minha preocupação foi desaparecendo aos poucos e ao mesmo tempo, quase em estado de inconsciência, apareceu diante dos meus olhos um sistema de corte profissional, simples e claro, que ia se materializando em minha mente. Eu não saía do meu espanto, as minhas dúvidas haviam desaparecido.

Saí da Catedral e fui para o hotel; despedi-me do dono e voltei para a casa dos meus amigos. Ao chegar, a primeira coisa que fiz foi um desenho, em papel cartão, de todo o sistema de corte visualizado naqueles momentos meditativos; ainda hoje, passados 35 anos, conservo aquele cartão com as anotações.

Duas semanas mais tarde, voltamos para o Rio; comecei a utilizar o novo sistema de corte fazendo roupa para Mári, e percebi que a roupa ficava perfeita, não era necessário fazer qualquer correção durante a prova. Este sistema de corte profissional tão perfeito foi primordial para a minha promoção na empresa, onde mais tarde consegui passar a ser o responsável da seção de moldes.

Depois começamos os preparativos da viagem; reservamos bilhetes no próximo barco que partia para a Espanha, e finalmente, no dia 14 de outubro de 1.970, embarcamos no transatlântico “Cabo São Vicente” no Rio de Janeiro e no dia 30 do mesmo mês chegamos a Barcelona. Continuamos viagem pela estrada até Orihuela, nossa cidade natal; ficamos em casa dos pais de Mári, que receberam a notícia da nossa chegada com grande alegria. Durante alguns dias fomos visitados por parentes e vizinhos, todos estavam muito felizes com a nossa volta.

Os dias iam passando e o meu sorriso ia se tornando forçado, eu estava preocupado, não me sentia bem naquele ambiente; Mári, que sabia como eu estava me sentindo, falava:

“Não se preocupe, Deus vai nos ajudar, precisamos ter confiança nele”. Eu tinha fé e confiava no auxílio do mundo espiritual, mas também era consciente das dificuldades da minha situação; precisava começar uma nova vida, e na minha idade não sabia como nem onde encontrar um emprego e divulgar o Espiritismo.

A Espanha continuava sob a ditadura do General Franco, intolerante e intransigente, sem liberdade de expressão; a única crença religiosa permitida era a Católica Apostólica Romana; o único partido político, a Falange.

Ficamos os primeiros quinze dias com a família, até que finalmente eu parti para Madri, na esperança de encontrar um bom emprego.

Por duas semanas andei procurando emprego inutilmente, e decepcionado, parti para Barcelona, esperando ter ali melhor sorte; permaneci lá mais duas semanas, procurando trabalho, mas sem resultado. Eu já estava bem desanimado, e nessa situação voltei para Orihuela.

Mári fazia grandes esforços para me alentar, mas em realidade eu já não tinha argumentos para continuar.

Dois meses haviam se passado desde a nossa volta, eu estava desorientado, sem saber o que fazer. Nas minhas preces, muito aflito, eu falava:

“Senhor Jesus, eu tenho fé e não duvido de Ti, mas, qual foi o meu erro, Senhor? Eu assumi um compromisso que desejo cumprir, mas como posso realizá-lo se não tenho recursos? Ajuda-me meu Jesus, para que eu possa realizar a minha tarefa, eu quero ser um teu serviçal, o menor e o mais humilde de todos”.

Os tristes dias de Janeiro chegaram após dois longos meses desde a minha volta; o meu estado de ânimo era muito baixo, sentia-me desorientado e sem saber qual decisão tomar; eu rejeitava a idéia de voltar novamente para o Brasil, mas também não encontrava uma saída razoável para resolver a minha lastimável situação. Mári esforçava-se em me alentar, porém era muito triste ver que ela também estava começando a cair no desânimo.

As coisas estavam assim, quando apareceu em casa dos meus sogros um senhor falando que era diretor de uma importante fábrica de confecção de roupas de senhora, com novecentas pessoas trabalhando. Aquele senhor me disse que seus chefes queriam falar comigo para uma oferta de emprego; eles tinham certas referências sobre a minha capacidade profissional. Gostariam muito de me conhecer e chegar a um acordo, se possível.

Depois me pediu para acompanhá-lo. Diante daqueles argumentos, eu mal podia esconder a minha alegria, então aceitei o convite e entrei no carro com ele.

Chegamos à empresa, localizada na periferia da cidade, ocupando uma área muito grande. Entramos diretamente no escritório dos donos da fábrica; eram dois sócios, que me receberam com muita gentileza e após as devidas apresentações, insistiram para que antes eu desse uma olhada nas instalações da fábrica. O movimento ali impressionava pelo grande volume, porém causava má impressão pela bagunça: novecentas pessoas trabalhando em um espaço

pequeno demais, com roupas confeccionadas amontoadas pelos cantos. Em suma, uma falta de organização em todos os sentidos.

Voltando para o escritório, fui perguntado sobre qual era a minha opinião sobre as instalações da empresa. Sinceramente, expus a eles o meu parecer, então eles se entreolharam muito significativamente e perguntaram se eu queria trabalhar para eles; respondi que tudo ia depender das condições; tornaram a se entreolhar, e com um sorriso, perguntaram: “quanto é que o senhor quer ganhar?”

Passados alguns segundos eu disse: “se eu dissesse quanto estou ganhando no Brasil, não acreditariam; os salários são muito baixos aqui, então, os senhores façam uma oferta e eu digo se aceito ou não.”

Um deles tomou a palavra para dizer que eles costumavam pagar para os chefes o dobro do que para os operários, seis mil pesetas; mas eu, para começar, ia receber dez mil; levantei-me, então, dizendo: “Cavalheiros, agradeço muito a sua oferta, mas não estou interessado”. Despedi-me e saí.

Em casa todos estavam à minha espera, desejosos de saber o resultado da entrevista. relatei detalhadamente o acontecido, e todos me ouviam com a maior atenção, sem dizer nada; minha sogra, porém, sem poder se conter, exclamou:

“Rapaz, você não sabe o que acaba de fazer, isto aqui não é a América!” E continuou dizendo: “Aqui ninguém ganha o que foi oferecido a você, nem sequer um diretor de banco; com esse dinheiro vocês teriam de sobra para viver, sem faltar de nada”.

Mári, sem dizer nada, me olhou interrogante; voltando-me para ela eu disse: “nós não viemos aqui para viver bem, e sim para realizar uma determinada tarefa, portanto, o que eles me ofereceram não é suficiente”. E assim, deixei a questão encerrada.

Em uma cidade pequena como Orihuela e naquela época, a notícia do que acontecera e de como eu tinha rejeitado a oferta realizada logo se espalhou.

Alguns dias mais tarde, uma senhora apareceu em casa para me dizer que ela tinha uma oficina com quarenta operárias. Estava preparando um catálogo de roupa feminina e não tinha capacidade suficiente para a realização das amostras de jaquetas de senhora que precisava; por isso buscava o meu auxílio. Eu me comprometi a resolver o problema, e em duas semanas realizei um pequeno catálogo de dez jaquetas. Quando já estava pronto, ela perguntou

quanto devia me pagar e eu falei que deixava a questão com ela. E agradecendo o favor de forma exagerada, ela me pagou trinta mil pesetas.

Recebi uma nova visita do diretor da empresa de confecção, para me dizer que seus chefes continuavam interessados nos meus serviços, e que, por favor, o acompanhasse no dia seguinte até a fábrica, para falar com eles.

Fui recebido amistosamente, convidado a tomar um café e depois passamos a tratar da questão que nos reuniu ali.

Eu ouvi com atenção seus argumentos, todas as dificuldades que eles tinham para abastecer o mercado, e também o compromisso que assumiam para comigo, de aumentar o meu salário a cada ano; mesmo assim, a sua oferta inicial aumentaria em duas mil pesetas. Terminaram de falar, e em silêncio, sem tirar os olhos de mim, esperavam a minha resposta. Eu, muito seriamente, agradei a oferta que eles me faziam, porque ela era realmente muito boa, mas devido à minha situação, não me interessava, então, para não fazê-los perder mais tempo, disse que somente aceitaria a oferta de emprego se fosse para receber o dobro do que até agora eles me ofereciam. Um pouco surpresos, trocaram umas palavras em voz baixa e finalmente aceitaram as minhas exigências.

Comecei imediatamente a trabalhar e durante seis meses fui fazendo mudanças até que finalmente fiquei sendo o único responsável pela seção de moldes da empresa, que foi melhorando aos poucos; naquela firma permaneci trabalhando por cerca de trinta anos.

A primeira providência que tomei foi comprar uma casa para morar, de 106 metros habitáveis, que custou 340.000 pesetas, a pagar em quinze anos (falo no preço da casa para servir de referência sobre o valor do dinheiro na época).

Não foi possível adquirir mobília, tínhamos apenas um sommier com suas patas e um colchão, e uma pequena cama para o menino, que estava com 5 anos. Meus sogros me deram uma mesa de cozinha e três cadeiras, um pequeno guarda-roupa e dois cobertores; um irmão de Mári emprestou-nos um fogão de mesa para cozinhar. E assim foi como começamos a viver uma das épocas mais importantes da nossa existência.

A tradução do meu primeiro livro

O trabalho na fábrica me deixava pouco tempo livre, eu encerrava o expediente todo dia às 22h e nos sábados às 14h.

Na Espanha não era possível se encontrar um livro espírita, então, para começar a minha tarefa de divulgação, era preciso traduzir de outro idioma para o espanhol, e depois, imprimir. Escolhi para essa primeira impressão um livro em português, ditado pelo Espírito Paulo de Tarso, pensando que o nome do apóstolo causaria maior respeito do que qualquer outro autor.

A tarefa não foi nada fácil, foram mais de trezentas páginas traduzidas à mão e com muito pouco tempo; demorei mais de três meses para terminar, o que aconteceu no fim de 1.971. O livro já estava datilografado, pronto para ser impresso; porém a maior dificuldade agora era encontrar uma imprensa que ousasse imprimi-lo, um enorme risco por causa da situação política da Espanha naquela época.

Precisei recorrer a um parente e amigo (um primo-irmão), que sendo falangista tinha certa influência com o regime franquista. O meu primo Paco, assumindo toda a responsabilidade para si, conseguiu que uma imprensa de Elche (Alicante) imprimisse o livro clandestinamente. O livro ficou pronto e foi-me entregue em um mês, tendo de pagar um preço abusivo por aquele serviço, devido às circunstâncias. Por dois mil livros eu paguei 500.000 pesetas (quase o dobro do custo do apartamento que eu tinha comprado havia poucos meses). Essa foi a razão de por alguns anos eu não poder comprar móveis para a minha casa.

Com isso começou o meu trabalho de divulgação do Espiritismo na Espanha; distribuindo o livro espírita pelo país inteiro. Trabalho que ainda hoje, após 35 anos, continuo fazendo, não só na Espanha como também em outros países de fala espanhola.

Todo fim de semana, utilizando qualquer meio de transporte público, principalmente ônibus, eu viajava para as cidades mais importantes, transportando a maior quantidade possível de livros. Comecei a distribuição

em Málaga, e durante vários anos, aproveitando férias e fins de semana, viajei pela Espanha inteira, distribuindo livros espíritas gratuitamente. Os livros eram deixados em bancos de praças, em cabines telefônicas, em portais de prédios, em estações de trem ou de metrô; sem me importar com o risco que eu corria. Fui semeando um caminho de luz por todo o território nacional, divulgando e dando a conhecer a existência do mundo espiritual.

Ao mesmo tempo, o meu trabalho na fábrica de confecção era mais intenso a cada dia, e os meus recursos financeiros iam aumentando também; então, eu me atrevi a pedir um empréstimo bancário para pagar o livro e depois comprei um carro, financiado, pois não poderia ser de outro modo. Quando tive o carro, meu trabalho tornou-se mais confortável, porque podia viajar com maior facilidade e transportar mais livros de cada vez. Mári e o menino, que já estava com seis anos, também participavam na “semeadura” de livros; nós nos sentíamos felizes quando bem discretamente espreitávamos à distância, vendo como alguém entrava na cabine telefônica, ficava muito surpreso ao encontrar o livro, abria-o, depois olhava em volta e não vendo ninguém, guardava o livro com movimento rápido, afastando-se rapidamente também sem olhar para trás. Então, fingindo uma nova chamada, nós tornávamos a colocar outro livro na cabine; fazendo a mesma coisa em estações, em bancos de passeios e praças; também dávamos livros em mãos, a pessoas que encontrávamos pelas ruas. Este era o objetivo das minhas viagens, e ninguém poderia imaginar o bem-estar e a alegria saudável que é possível sentir quando todos nossos recursos e esforços são empregados para que um nosso semelhante encontre um pouco de luz em seu caminho e consiga ser mais feliz.

Minha esposa também estava cumprindo seu compromisso: em muito pouco tempo já era conhecida, faltando tempo a ela para atender a tantas pessoas necessitadas de ajuda; pessoas idosas e doentes que ninguém cuidava, outras que não podiam sair sozinhas à rua ou ao médico, muitos destes idosos com filhos que não tinham tempo para cuidar deles. Muitos apareciam em casa, à procura de Mári para colocar uma injeção, curar feridas ou medir a pressão arterial. Ela sentia-se muito feliz, e tratava a todos com carinho. Quando alguém queria recompensar seu trabalho, ela falava: “faça uma doação para os frades de São Francisco, eles são pobres e estão precisando de ajuda”.

O nosso lar era um refúgio de paz, harmonia e felicidade. Nas quartas-feiras à noite, continuando um hábito adquirido no Brasil, às 22h30min fazíamos o Evangelho no Lar, e naquela noite não assistíamos televisão.

Continuando com a divulgação, em 1.974 consegui imprimir outro livro, usando o mesmo sistema do livro anterior para imprimir e distribuir. Com esse segundo livro a distribuição foi mais fácil, porque eu já tinha amigos em várias cidades da Espanha (Málaga, Barcelona, Madri) e podia depositar algumas caixas de livros em suas casas; estes amigos cooperaram de bom grado, me ajudando com a distribuição; graças a eles eu pude me relacionar e comunicar com muitas pessoas, que me pediam livros e consultavam sobre questões espíritas. Eu atendia a todos com muito prazer, ampliando assim a minha tarefa.

No meu lar a harmonia e a felicidade continuavam; minha esposa cumprindo o seu compromisso e eu cumprindo o meu. Estávamos afastados dos amigos por causa da nossa vida austera e de poupança, mas era necessário ser assim para podermos cumprir o compromisso assumido. Com esse sistema de vida, eu ganhei a fama imerecida de “pão-duro”; fui criticado também por colegas do trabalho, porque matriculei meu filho em uma escola pública e estava sem mobília em minha casa. No ano seguinte, já em 1.975, consegui comprar alguns móveis e cortinas; isso deixou Mári muito feliz, exclamando: “Obrigada, meu Deus, porque neste apartamento tão despido, eu me sentia despida também”.

Após a morte de Francisco Franco (chefe do Estado espanhol) a Espanha passa a ser uma monarquia parlamentar; por essa razão a minha tarefa de divulgação tornou-se muito mais fácil, já que a partir de então não precisei mais ficar na clandestinidade para imprimir e distribuir os livros com liberdade. Três novos livros saíram do prelo, que comecei a enviar pelo correio a vários lugares da Espanha, embora continuasse com os deslocamentos a cidades importantes como Barcelona, pois a Catalunha foi uma das regiões onde esta campanha fez maior sucesso; talvez porque era visitada por nós com mais freqüência, porque um irmão de minha esposa morava em Barcelona e podíamos nos hospedar em sua casa.

Certo dia, distribuindo os livros ainda na época da ditadura franquista, e passando na frente de um quartel da polícia nacional, em Barcelona, Mári, “muito ousada”, aproximou-se dos dois guardas que estavam na porta, e sem mais nem menos, ofereceu um livro a cada um deles, que aceitaram surpresos; ela falou que os livros eram gratuitos, e deu o endereço onde nós estávamos para o caso de precisarem de mais. Eu estava um pouco afastado dela, olhando muito inquieto o que ela estava fazendo. Mári voltou ao meu lado e disse:

“Viu só? Você não queria que eu oferecesse o livro, e eles aceitaram e até agradeceram, então eu dei a eles o nosso endereço para o caso deles precisarem de mais livros. Eu, muito alarmado, respondi:

“Mas , criatura, olhe o que você fez! São policiais e quando eles virem o conteúdo do livro vão nos levar para a cadeia”. Mári me olhou como se não compreendesse, e concluiu dizendo:

“Não sei por que você fica com medo! O livro é lindo e eu tenho certeza de que eles vão gostar”.

Diante de tais argumentos, eu não sabia como explicar a ela a realidade e a gravidade da nossa situação, então fiquei calado e mentalmente pedi ajuda a Nosso Senhor Jesus.

Na manhã seguinte a campainha tocou; antes de abrir a porta, minha cunhada perguntou quem era; então ouviu dizer:

“Abram, somos a polícia”. Ela, assustada, disse “a polícia está aqui!” Abriu a porta e viu dois policiais aproximarem-se dela, perguntando sobre nós; minha cunhada disse que nós éramos seus cunhados, e convidou-os para entrar. Os guardas entraram e disseram que queriam falar comigo. Eu, que sem ser visto estava ouvindo tudo, saí e fui ao encontro deles. O mais moço dirigiu-se a mim para me dizer:

Na tarde de ontem sua esposa deu um livro a dois dos meus colegas; o tema do livro é muito interessante e ao mesmo tempo, desconhecido para nós, então alguns dos nossos colegas gostariam de também ter um livro desses, se possível.

Eu, com um grande sorriso, e muito “aliviado”, respondi:

Com muito prazer darei os livros que me pedem.

Os dois policiais olharam um para o outro e aquele que ainda não tinha falado, voltou-se para mim e disse:

Bom, o problema é que aqueles que estão interessados são perto de cinquenta.

Sem pensar sequer, respondi:

Não se preocupem com isso, darei uma caixa que contém cinquenta livros.

Agradeceram e despediram-se, mas antes de ir embora perguntaram por que eu dava os livros de presente, sem cobrar nada. Então eu, assumindo certa aparência religiosa, expliquei:

Eu estive muito doente, quase moribundo, e fiz uma promessa a Nosso Senhor Jesus; prometi a Ele que se ficasse bom, faria o que estou fazendo, e como fiquei curado, estou cumprindo a minha promessa.

Eles me ouviram com atenção, mas em tom de brincadeira um deles acabou dizendo:

Eu nunca acreditei em milagres, mas parece que eles existem mesmo. E foram embora, levando consigo os cinqüenta livros.

Nós três nos entreolhamos e respiramos fundo. Minha cunhada exclamou: “Quanto medo eu passei!” Mári abraçou-me muito feliz; e eu, só consegui dizer: Obrigado, meu Deus!

O arrependimento

Antes de continuar o relato dos episódios da minha vida, quero recordar um, de grande importância por me lembrar a grande sabedoria do filósofo que disse: “Eu daria tudo que sei, em troca do muito que ignoro”.

Eu não levei em consideração a sabedoria dessas palavras, e imprudentemente segui um caminho errado.

Em 20 de novembro de 1.975 falecia o General Franco; dois dias depois, as Cortes designavam D. Juan Carlos de Borbón como Rei da Espanha. Assim iniciava-se a Transição Democrática, embora fosse apenas em julho de 1.976 quando se tornou possível romper com a estrutura franquista, através da designação, pelo rei Juan Carlos I, de Adolfo Suárez como Primeiro Ministro.

Na Espanha já era possível comprar livros e fazer uso do direito à palavra; a democracia era uma realidade. Eu sentia-me feliz e realizado, por ter produzido em plena ditadura dois livros clandestinos, que foram distribuídos gratuitamente em toda a Espanha.

Minha tarefa foi um sucesso, então pensei que já podia retornar para o Brasil e continuar lá cumprindo o meu compromisso. Estes eram meus pensamentos; novamente a minha vaidade me enganava! E os espíritos “os meus amigos de sempre”, deixaram que eu seguisse o caminho errado, porque devia aprender do meu próprio fracasso, pois assim é como aprendemos a vencer nosso orgulho; e a nossa própria experiência é que nos faz mais fortes e mais sábios.

Sob um falso pretexto, justifiquei minha ausência na empresa onde trabalhava. E após seis anos de renúncia, sacrifício e devotamento a serviço de um sublime ideal, divulgando o Espiritismo, sem reparar em esforços, desafiando e vencendo o perigo que na época representava distribuir uma literatura contrária aos princípios ideológicos do regime político, apesar de tudo isso, pleno de alegria e felicidade, preparei a minha viagem de volta ao Brasil.

No dia 2 de novembro de 1.976, com minha esposa e meu filho, embarcamos no transatlântico “Cabo São Vicente” de novo, porém nessa ocasião rumo ao Rio

de Janeiro. Depois de tranqüila e feliz viagem, chegamos ao Brasil no dia 16 de mesmo mês.

Quando chegamos, fomos para a nossa casa de Piratininga, em Niterói.

Dois dias depois, fui visitar a firma onde trabalhei antes de voltar para a Espanha; eles me receberam com muita alegria e naquela mesma semana comecei a trabalhar novamente naquela empresa.

Tudo parecia correr bem, e por algumas semanas foi assim, porém aquele bem-estar desapareceu de forma súbita, foi como uma tempestade de verão.

Apenas tinham passado dois meses, quando eu comecei a me sentir mal; Mári perguntava: “o que está acontecendo com você, parece isolado, preocupado, ausente?” e me acariciava querendo partilhar comigo daquele mal-estar que eu sentia. Eu não sabia como explicar a ela o que estava me acontecendo realmente, porém um sentimento de culpa estava se apoderando de mim, e quando à noite eu fazia a minha prece, não tinha como evitar que o pranto me assaltasse.

O verão passou (o verão no Rio de Janeiro é quente e úmido, vai de dezembro até fevereiro, e a temperatura média é de 30°C. A cidade do Rio localiza-se no sudeste do Brasil) e, quando abril de 1.977 chegou, eu tive de deixar o trabalho, porque não estava em condições de continuar; sentia-me inseguro e distraído, mergulhado em meus próprios pensamentos.

Quando voltei para casa e comuniquei à minha esposa que tinha deixado o trabalho porque me sentia incapaz de realizá-lo, ela me abraçou carinhosamente dizendo: “Meu bem, não desanime, você é um Espírito forte e se caiu ao iniciar a batalha, vai ter também a coragem e a força para se levantar e continuar na luta, até a vitória final. Jesus, nosso bom amigo, nunca nos abandonará e eu, meu bem, sempre estarei apoiando você, irei onde você for e sempre estarei ao seu lado”.

Naquela noite fizemos uma prece juntos e com lágrimas de verdadeiro sentimento, eu fui dormir bem mais tranqüilo, sentindo-me realmente bem. Às quatro horas da madrugada acordei sem conseguir tornar a dormir, porém com a mente clara e com uma idéia dominante, como se me lembrasse de alguma coisa que estava esquecida. A princípio não compreendia o sentido da idéia que dominava a minha mente, mas ela tornava-se cada vez mais forte e clara; e por duas horas somente consegui pensar naquilo. Vou tentar resumir o que passou pela minha mente naquela madrugada.

“Você está se sentindo mal, porque você é um Espírito que sempre cumpriu seus compromissos, por isso nós depositamos a nossa confiança em você; a tarefa a realizar é muito importante; nós estivemos sempre com você, ainda estamos e estaremos para sempre. Você se preparou durante muito tempo para poder realizar essa tarefa, e quando ela estava só no começo você já achou que estava terminada. Influenciado novamente pelo seu eterno inimigo “o seu orgulho”... Você precisa humilhá-lo! E precisa voltar, para terminar o trabalho, que na realidade ainda nem começou. É preciso você se ver sozinho e doente, para realizar a grande missão da sua vida”.

Eu não entendia o sentido daquelas palavras, apenas tinha uma visão clara do que precisava fazer. Devia voltar para a Espanha e continuar minha tarefa!

Eu nem podia imaginar que dez anos mais tarde, Mári, a minha querida parceira ia me deixar sozinho para voltar para o mundo espiritual. “Meu corpo adoeceria lentamente e meu Espírito se fortaleceria com o sofrimento; o desejo de cumprir meu compromisso e de conseguir a minha redenção espiritual era o que me daria forças para vencer todos os obstáculos e ser um humilde e pequeno serviçal do meu querido Mestre e Senhor Jesus”.

Quando falei com Mári e expliquei meus pensamentos e a decisão que novamente tinha tomado, ela disse: “sempre é tempo de retificar, reconhecer os nossos erros é uma virtude. Devemos voltar... mas, e o trabalho?”

Ela me olhava com carinho, e aproximando-se de mim, me abraçou e perguntou: você sabe como é que se combate o orgulho? E sem esperar a minha resposta, concluiu dizendo: “com a humilhação” e continuamos abraçados, sem falar, durante alguns minutos.

Eu a ouvia, deixando que ela falasse, porém, ao mesmo tempo perguntava a mim mesmo:

“Como você foi capaz? Depois de seis anos de sacrifícios e privações, depois de renunciar a um sistema de vida e a um bem-estar conseguidos com vinte anos de trabalho, depois de começar uma nova vida aos 51 anos de idade. Como você foi capaz, depois de 25 anos de estudo e trabalho espírita, de fazer algo assim?”

Mári continuava ao meu lado, me olhando, esperando que eu respondesse. Quando consegui sair do meu isolamento, abracei-a de novo e soluçando, disse: “Que o Senhor Jesus tenha piedade de mim!”

Apesar de a situação ser preocupante, fui me tranquilizando lentamente, parecia que os espíritos amigos estavam me socorrendo.

Naquela noite dormi bem e no dia seguinte levantei-me muito animado. Telefonei para o meu chefe, dono da empresa de confecção na Espanha e depois de pedir desculpas pelo meu comportamento, perguntei a ele se ainda estava interessado no meu trabalho, porque eu estava pensando em voltar. Ele respondeu dizendo que minha posição naquela empresa era insubstituível, mas eu devia estar de volta para trabalhar no dia 1 de junho, porque era necessário começar o catálogo de inverno.

Essa notícia causou em nós muita alegria, mas também uma grande preocupação, porque essa viagem errada ao Brasil foi feita com a intenção de ficar para sempre, por essa razão nós trouxemos tudo o que foi possível, e agora precisávamos carregar tudo de volta, motivo pelo qual era necessário voltar de barco. O primeiro transatlântico que passava pelo Rio de Janeiro era o “Eugenio C” (um barco italiano), ele saía do Rio em 22 de outubro e chegava a Barcelona em 7 de novembro.

Eu sabia que arrumar toda a bagagem, embarcá-la e, além disso, cuidar de uma criança de 10 anos, não era uma tarefa fácil, porém Mári, muito corajosa e cheia de força como sempre, tranqüilizou-me dizendo que não me preocupasse, porque com o auxílio de Deus tudo deveria correr bem.

No dia 29 de maio de 1.977 voltei de avião para a Espanha, e no dia 1º de junho apresentei-me na fábrica. Voltei ao trabalho de forma natural, como se ele nunca tivesse sido interrompido, porém meu pensamento estava com a minha família; contava os dias que faltavam até 7 de novembro, quando estaríamos juntos novamente.

Finalmente esse dia chegou; fui ao porto de Barcelona esperar a minha esposa e o meu filho. O nosso encontro foi muito emocionante, agradecendo ao Bom Jesus sua tolerância e a nova oportunidade que Ele estava nos dando.

Aluguei um furgão de transporte público e naquele mesmo dia voltamos para Orihuela, chegando à nossa casa já de madrugada.

No dia seguinte retomamos a nossa vida depois de um ano, no mesmo ponto onde ela fora interrompida, recordando com tristeza o terrível “pesadelo” que por um instante de fraqueza tivemos de viver.

Esse triste capítulo da minha vida deu-me o conhecimento e a certeza de que um Espírito que empreende uma determinada tarefa, e que cumpre essa tarefa sentindo firmeza no trabalho realizado, em um momento de fraqueza pode cair do “cavalo” porque às vezes o orgulho faz das suas; mas esse Espírito, sendo capaz de se levantar e empreender de novo o caminho voltará com mais

coragem, com mais vigor, e sentindo-se então mais forte do que antes de sua queda.

Nota do Autor: Eu não queria incluir esse triste capítulo neste livro, porque ele está impregnado de muitas lembranças e sentimentos, feridas do passado que foram reabertas ao revivê-las enquanto escrevia; mas considerei a importância dessa aprendizagem pelo pedido insistente de Ana M^a Garcia, para que essa parte de minha vida fosse incluída.

Eu assumo novamente a responsabilidade do trabalho

Quando a família tornou a estar reunida na Espanha, retomamos o nosso trabalho, interrompido equivocadamente.

Eu dedicado ao trabalho na fábrica e divulgando o Espiritismo pelo país inteiro, e Mári realizando a sua caridosa tarefa, com total devotamento, as nossas vidas transcorriam de forma singela e feliz. Assim chegamos a meados de 1.980; naquele verão estávamos fazendo planos para, pela primeira vez, sairmos de férias, mas não podíamos imaginar que estava chegando a hora de sofrer uma grande provação, muito dolorosa e triste.

Inesperadamente, Mári percebeu uma pequena dureza em um dos seios; quando ela me mostrou, era tão pequena que se tornava difícil de localizar. Tranqüilizei-a dizendo que talvez fosse coisa sem importância; ela foi ao médico no dia seguinte, e ele, depois de examiná-la, um pouco preocupado enviou-a ao cirurgião. Ela voltou preocupada também, e pediu-me para acompanhá-la ao cirurgião no dia seguinte.

Quando chegamos ao consultório, o cirurgião examinou Mári demoradamente, e ela logo perguntou: “doutor, é grave? Pode me dizer a verdade, eu sou enfermeira”. Ele respondeu: “ainda não posso dizer o que seja; primeiro precisamos tirar umas radiografias, e se fosse necessário, fazer outros exames clínicos, para saber de que tipo é esse tumor, então, não vamos nos alarmar antes de tempo”.

Porém, nós saímos muito preocupados, e ficamos à espera do resultado dos exames. Dois dias depois, voltamos ao consultório com as radiografias, que o doutor examinou com muita atenção, e depois, com voz grave, falou que era preciso fazer uma cirurgia sem demora. Mári, com o olhar fixo no doutor, perguntou:

“Quer dizer que eu tenho um câncer, doutor?”

Ele respondeu, suavizando a voz:

“Sim, mas estamos de sorte, porque ele foi detectado a tempo”.

Um mês depois, minha esposa foi operada de um câncer de mama, com extirpação da mama direita e dos gânglios linfáticos da axila. Quando ela deixou a clínica, o cirurgião prescreveu 25 sessões de radioterapia, que foram recebidas em toda sua cruzeza e dor. Quando esse tratamento acabou, novos exames foram feitos e para nossa grande alegria fomos informados de que o perigo havia passado. A cirurgia foi um sucesso, e doravante ela poderia retomar sua vida com normalidade.

Mári continuou dedicada por completo ao seu trabalho; ela era indiscutivelmente um Espírito corajoso, que não se deixava intimidar; tinha também um corpo de aparência agradável, cuidava muito de sua imagem, vestia-se bem e seus movimentos eram de uma elegância natural. Apesar de tudo, a perda de um seio acabou por influenciar negativamente seu caráter, mas em pouco tempo superou essa influência, voltando ao normal. Ela era simpática, jovial, expressiva, e com uma facilidade natural para simpatizar com as pessoas; sendo assim, veio a ter certa amizade com seu médico cirurgião, a quem visitava de vez em quando.

No verão de 1984 o doutor telefonou a ela pedindo para ir vê-lo. Mári ficou surpresa pela chamada, e pediu-me para acompanhá-la. No dia seguinte, quando chegamos ao consultório, doutor recebeu-nos muito feliz, dizendo:

“Pedi para você vir aqui porque vendo você tão elegante, fico sentido porque os pontos que eu dei na operação deixaram essas cicatrizes horríveis debaixo do seu braço, Comentei o assunto com um colega meu de Múrcia (cidade próxima a Orihuela), especialista em cirurgia plástica, e ele está disposto a operar você; eu garanto que ele vai tirar todas as suas cicatrizes, e é claro que ele não vai cobrar valor algum pelo trabalho; o que você acha?”

Mári me olhou sorrindo, buscando a minha aprovação, e compreendendo o significado de seu olhar, falei:

Se é o seu desejo, eu não vejo qualquer inconveniente. Antes de acabar a nossa entrevista, o doutor agendou o dia para fazer os exames que eram necessários para a nova intervenção. Foi o que fizemos, e quando tivemos as novas radiografias fomos logo entregá-las; ele colocou-as no visor luminoso para examiná-las, mas depois de alguns instantes, ficou imóvel, seu rosto empalideceu, e com expressão grave disse que havia uma mancha suspeita no pulmão esquerdo.

Também para nós aquela era uma notícia inesperada; é bem difícil explicar o que os dois sentíamos naquela hora. Mári foi a primeira a reagir, e diretamente perguntou:

- “Doutor, eu estou com câncer de pulmão?”

Ele olhou para ela, e sem responder a pergunta, escreveu algumas linhas em uma folha; depois entregou aquela folha para mim, guardada em um envelope fechado, dizendo:

- “Amanhã bem cedo vocês devem estar no hospital de Alicante, devem entregar esse envelope ao doutor R..., que é o melhor especialista que nós temos para tratar essa patologia.”

Às 8h do dia seguinte chegamos ao hospital e após esperar cerca de duas horas, o doutor nos recebeu; entregamos o envelope, ele leu, e sem fazer comentário algum mandou Mári tirar novas radiografias e duas horas mais tarde tornou a nos receber para um novo reconhecimento. Examinou demoradamente as novas radiografias e fez algumas perguntas; suavizando bastante a expressão séria do seu caráter, em tom tranqüilizador, virou-se para minha esposa e falou:

Você está com câncer de pulmão, mas ele foi encontrado a tempo, e tenho certeza de que vamos conseguir vencê-lo. Você precisa começar já mesmo um tratamento de quimioterapia, no “Hospital Perpétuo Socorro”; é o hospital melhor preparado para esse tipo de tratamento, então, saiam agora mesmo direto para lá.

Nós nos despedimos dele e saímos para o hospital indicado levando todos os exames feitos até então. Lá chegando, fizemos entrega de toda a documentação e radiografias, e foi marcado um tratamento de quimioterapia por semana, toda quinta-feira.

De volta em casa, eu queria encorajar Mári, porém, sem ter qualquer argumento para isso, o que eu poderia dizer a ela! Visto que a fé que ela tinha era muito maior do que a minha, apenas pude abraçá-la e dizer com olhos marejados de lágrimas: Meu bem, só Deus sabe o quanto eu desejo compartilhar com você todo esse sofrimento, sempre estarei ao seu lado, precisamos confiar em Nosso Senhor Jesus! Ela sentou-se ao meu lado, emocionada, e olhando a imagem de Jesus ali na sala, diante de nós, disse a Ele como se o estivesse realmente vendo:

“Senhor, eu acredito em Ti, confio em Ti, aceito a tua vontade e te ofereço a minha vida, porém com a maior humildade, te peço forças para suportar a dor e

para continuar realizando o meu trabalho, porque acima de tudo, desejo cumprir o meu compromisso até o fim da minha vida”.

No dia seguinte, quinta-feira, às 9 horas da manhã nós já estávamos no hospital, esperando o médico nos receber, para começar o tratamento. Finalmente chegou a nossa vez, e entramos no consultório; o doutor era um homem alto, de meia-idade, educado, mas com o rosto sério, de poucas palavras. Convidou-nos para sentar, enquanto ele lia o histórico clínico que estava sobre a sua mesa; quando acabou de examinar o protocolo todo, confirmou que era uma manifestação do câncer no pulmão esquerdo, mostrando a radiografia e indicando uma mancha, do tamanho de uma moeda de um centavo. Mári, sempre com a coragem que era natural nela, perguntou:

Doutor, isso tem cura?

Ele respondeu:

Eu espero que sim, já tratei casos piores do que esse, e ficaram curados.

Ele nos fez passar para o quarto ao lado, para começar o tratamento com quimioterapia, e antes de sair, falou:

Você precisa comprar uma peruca, porque em breve o seu cabelo vai começar a cair.

O enfermeiro que aplicava o tratamento tinha muita prática e era muito gentil. Primeiro falou com Mári, explicando com muita paciência todo o mal-estar que ela ia sentir; falou para ela ter muita calma, porque após 12 horas todo aquele desconforto ia passar. Enquanto falava, ele começou a preparação, mandou Mári sentar em uma poltrona, e lentamente foi injetando nela aquele líquido. Eu a observava do assento onde pediram para eu me sentar, percebendo o terrível efeito que aquela substância estava causando; seu corpo perdia toda a energia, sua cor natural transformava-se em uma pele esverdeada e envelhecida, seu rosto refletia uma sensação de dor e angústia. Quando aquele líquido acabou de passar, ela continuou sentada no mesmo lugar por meia hora, até que com o auxílio de um profissional, consegui levantá-la e levá-la até o carro; e nessa circunstância angustiada foi que chegamos à nossa casa, em Orihuela. Circunstância repetida em diferentes períodos, por vários anos.

Cada quinta-feira, após as sessões, ao chegar em casa sempre encontrávamos um vizinho que nos ajudava, para Mári sair do carro e entrar no elevador, até deixá-la sentada no sofá, pois ela não queria ficar na cama. Assim passava ela o resto do dia, com náuseas e incapaz de comer qualquer coisa.

Na manhã seguinte, antes de eu sair para o trabalho, ela já estava em pé, se preparando e se arrumando para sair, porque nunca descurava a sua aparência. Eu perguntava:

O que você está fazendo, onde é que você vai? E ela, com um ingênuo sorriso, respondia:

Meus doentes estão à minha espera. Fique tranqüilo, não se preocupe, eu estou bem.

Aquilo que o doutor tinha anunciado aconteceu. O cabelo caiu, e ela passou a usar uma peruca, que arrumava e penteava cada semana no cabeleireiro. Assim, três longos anos se passaram, suportando a dor e as noites sem conseguir dormir; mas ela, com sua paciência e resignação, com aquela heróica coragem, cumpria sempre sua tarefa, que para ela era um compromisso espiritual que manteve até os últimos dias da sua existência.

A cada certo tempo, o médico que tratava dela fazia novos reconhecimentos e exames, acompanhando com o máximo interesse todo o processo da doença; até que um dia, já em 1.988, ele nos comentou sobre sua surpresa diante do caso de minha esposa, porque após um tratamento tão longo, a mancha do pulmão não desaparecia, estava igual em tamanho e aparência, como se fosse uma cicatriz. Quando o doutor falou aquilo, Mári, muito animada, perguntou se podia viajar para o Brasil; ele sorriu e respondeu que não havia qualquer inconveniente para essa viagem, acrescentando: “justamente eu estava pensando interromper o tratamento de quimioterapia, substituindo-o por outro mais suave, em forma de comprimidos, que você deverá tomar três vezes por dia”.

Nosso desejo era viajar ao Rio de Janeiro para visitar o “Templo Tupyara”, para que lá fosse feita uma operação espiritual em Mári.

Tirei férias na empresa e no dia 1º de julho partimos para o Brasil; viajamos de avião, e chegamos ao Rio após 9 horas. Logo fomos para nossa casa da praia, que estava bem cuidada e arrumada graças a uma boa amiga, que cuidou de tudo enquanto nós estávamos na Espanha.

No dia seguinte fomos ao “Templo Tupyara”, onde fomos recebidos muito carinhosamente. Nesse mesmo dia Mári foi operada, e durante três semanas ficou submetida ao tratamento necessário depois de uma operação espiritual. Aquele mês de julho foi o mais doloroso de sua longa enfermidade; de dia, como de noite, a dor era insuportável. À noite ela deitava, mas cinco minutos mais tarde, levantava-se da cama; eu ajeitava-a no sofá, onde ficava por mais cinco

ou dez minutos, deixando o sofá para ficar perambulando pela casa. Ela dizia: “descanse você”; mas como eu poderia descansar, se ela ficava caminhando a noite toda, como alma penada, abafando os gemidos. Eu a ouvia dizer, bem baixinho: “Meu Jesus, dá-me forças, não agüento mais, por que Tu me mandas tanta dor, Senhor?” E assim os dias iam passando.

Finalmente, no dia 5 de agosto, tomamos o avião de volta para a Espanha. Com injeções de morfina foi como ela conseguiu suportar a viagem. Chegamos ao aeroporto de Alicante, e voltamos para casa de táxi. Uma vez ali, ela não mais conseguiu mover-se; poucos dias depois, foi para o Hospital de ambulância, ficando lá até o dia 24. Naquele dia, às quinze horas, sem abrir os olhos, ela pegou em minha mão, e com muita paz e uma expressão de suma tranqüilidade no rosto, desencarnou.

O que eu senti naquele instante? Senti uma imensa tristeza pela separação do ser que eu mais amei nesse mundo. Gostaria de acompanhá-la, sentia-me muito só sem ela, era como se tivessem arrancado a parte mais importante do meu ser, que não poderia ser substituída por nada nem por ninguém. Porém, ao mesmo tempo, eu me sentia feliz, uma sensação de paz me envolvia. A minha querida companheira tinha deixado de sofrer, quebrando os dolorosos grilhões de sua prisão, e eu vivo com a esperança de chegar esse dia feliz quando poderei ir ao encontro dela.

Passaram-se dias, semanas e meses; meu trabalho na fábrica aumentou e minha tarefa de divulgação também, o meu tempo estava sempre ocupado, mas mesmo assim, eu me sentia sozinho, a ausência dela me entristecia, sentia sua falta, precisava da sua companhia. Todo dia, na hora do almoço, ela tão carinhosamente preparava para mim os pratos de que eu mais gostava; agora, quando eu sentava à mesa, sozinho, sua lembrança vinha à minha mente, meus olhos ficavam marejados de lágrimas e eu era incapaz de continuar almoçando. Naqueles momentos eu ficava dominado pela emoção e em poucos meses perdi 22k. Minha aparência, realmente, era a de um doente.

A justiça divina

Quando minha esposa ainda vivia nesse plano material, gostava de fazer planos para o futuro, embora quase nunca fossem realizados; ela me dizia: “quando você se aposentar, nós vamos passar o inverno no Brasil, perto da praia; e quando o tempo bom chegar, nós voltamos de novo para cá, porque a minha saúde ressentia-se muito neste inverno da Espanha, tão frio e úmido.

Quando cheguei aos 65 anos, tive de explicar à Mári que ainda precisava continuar no trabalho por mais três anos, porque com a reforma do sistema público de aposentadoria na Espanha, era exigido um tempo maior de cotização para se ter direito a uma pensão de aposentadoria, e eu não tinha contribuído à Previdência Social os anos necessários para poder me aposentar. Mas antes dessa data chegar, Mári desencarnou, partindo para o mundo espiritual no mês de Agosto de 1.988. Eu me senti muito sozinho, então vendi a casa de Piratininga e quando completei 68 anos, em vez de me aposentar, continuei trabalhando até a idade de 78 anos, esperando assim obter mais recursos para continuar divulgando a doutrina Espírita com maior intensidade, para que ela pudesse chegar até os mais pobres e necessitados, que sofrem as injustiças de todos os tempos.

O Espiritismo revela a causa de todo o sofrimento e ao mesmo tempo é uma esperança consoladora, que dá forças para suportar as desgraças dessa vida e a segurança em um futuro melhor, confiando sempre na justiça de Deus. Eu acredito firmemente na justiça divina. Trabalho e emprego os meus recursos em divulgar essa crença, aceito a minha solidão, as enfermidades e privações como uma bênção de Deus; agradeço a Ele a cada dia por me dar forças para suportar todas as provações, e sinto-me o homem mais feliz do planeta.

O Espiritismo já tinha sido autorizado de novo na Espanha, pois a guerra civil e o começo da ditadura tinham feito desaparecer a Federação Espírita Espanhola e todos os centros espíritas existentes. Somente após cerca de cinquenta anos, o Espiritismo voltou a ser legalizado. Já era permitido comprar livros espíritas e como eu havia imprimido cinco livros de diferentes títulos,

entrei em contato telefônico com Rafael González Molina, em Madri; ele era o presidente da Federação e tinha a exclusiva dos livros espíritas na Espanha. Comprei a ele grandes quantidades de livros que eu não podia imprimir, de André Luiz e outros. Esses livros foram distribuídos gratuitamente a todos os grupos e centros espíritas da Espanha.

Com tudo isso, eu não podia imaginar que a parte mais difícil, mais dolorosa e necessária para a evolução do meu Espírito ainda estava para chegar, e que ao mesmo tempo eu devia realizar a tarefa de divulgação mais importante da minha vida.

Trinta e oito anos haviam se passado desde o dia feliz em que conheci o Espiritismo, e durante todo esse tempo estudei e pratiquei o que ele ensinava, mas agora eu me pergunto:

¿Será que eu conhecia realmente o verdadeiro sentido da transformação espírita? Honestamente, devo dizer que não.

Sim, é verdade que renunciei a uma vida fácil no meu querido Brasil, para voltar novamente à Espanha franquista, começando uma vida nova com 51 anos de idade, sacrificando todos os bens materiais para financiar a importante campanha do livro gratuito, que ainda hoje estou realizando. Também é verdade que levo a sério as minhas convicções, e que sempre cumprio meus compromissos, e que, tendo assumido um com o meu Bom Jesus, sempre mantive o desejo de cumpri-lo, e estou cumprindo e continuarei nesse esforço até o último hálito da minha vida.

Devo ser sincero, e reconhecer que a transformação interior que deve sentir um verdadeiro espírita dar-se-á quando ele seja capaz de viver na vida material colocando em primeiro lugar os interesses da via espiritual, que é a verdadeira, aquela que sempre sobrevive aos corpos da matéria. A transformação interior somente se manifestou em mim após o retorno da minha querida companheira ao mundo espiritual. Então, senti um grande vazio, faltava-me a sua companhia que para mim era tão necessária.

Sinto sua presença perto de mim, que me alenta e me diz:

“Tenha paciência, acabe sua tarefa e então você estará em condições para voltar aqui!”

Hoje eu me sinto forte e bem-disposto, desejo continuar vivendo e trabalhando, e ao mesmo tempo desejo acabar essa tarefa para poder retornar

à minha querida pátria, onde eu sei que estão os meus bons amigos à minha espera, para me receber. Sentindo e pensando dessa maneira, sinto-me seguro e desejaria que os meus queridos irmãos espíritas participassem da felicidade que esta transformação interior está me proporcionando, tão necessária para empreender com muita paz a viagem de volta que a todos nós aguarda.

A moral de Jesus é a moral Espírita. O Espiritismo não é uma religião, mas seus fundamentos, seus princípios, sem dúvida alguma, são religiosos. Eu me considero espírita, livre-pensador, cristão convencido, e rejeito o fanatismo de qualquer índole que for.

Desde que Jesus veio nos ensinar a moral que todo bom cristão deve seguir, muitas civilizações já passaram, iluminando essa triste humanidade com suas luzes, em diversas épocas. Seus grandes holofotes brilharam na noite dos séculos, para se apagarem depois; e o homem ainda não percebe que, por trás dos limitados horizontes de seu pensamento, o além está aguardando para conduzi-lo ao seu inevitável destino. Impotente para dissipar o mistério que o cerca, emprega suas forças e recursos em coisas da Terra, e afasta-se cada vez mais dos esplendores de sua tarefa espiritual, que constituiria sua única grandeza e sua futura felicidade.

A missão dos verdadeiros espíritas é divulgar essa consoladora doutrina, para que a humanidade possa evoluir e ascender com um ideal cada vez mais elevado, uma mente mais clara, mais positiva e mais decidida para lutar e vencer na matéria ganhando a vida espiritual.

Apenas a idéia e o pensamento geram a ação, e a vontade para conseguirmos a nossa redenção espiritual, para sermos cada vez melhores e crescermos a cada dia, apenas essa atitude pode nos conduzir até esses longínquos cumes, onde a obra humana encontrará seu florescimento e sua regeneração.

O Universo é regido pela lei da evolução, e isso é o progresso. Nós mesmos, desde o nosso remoto e longínquo passado, quando nosso princípio inteligente começou sua evolução na matéria animalizada, percorrendo os tempos e os mundos, até que nossa alma sentiu a necessidade de se individualizar para se conscientizar da própria existência, começamos outra etapa evolutiva, sempre seguindo o imperativo desígnio da lei da evolução.

Hoje não é mais possível se desconhecer essa força, essa lei soberana que vai arrastando o Espírito junto com seus atos através do infinito, do tempo e do espaço, rumo a objetivos cada vez mais elevados, porque o acaso e a sorte não

existem; essa lei, apenas pelo nosso esforço e vontade pode ser cumprida, e somente assim.

Para poder realizar essa obra, necessária e útil para a evolução geral, e colher todo o seu fruto, é preciso, acima de tudo, aprender a discernir, a compreender a razão, a causa e objeto dessa evolução, saber até onde ela conduz, a fim de nela tomar parte com a plenitude das nossas forças e faculdades, que vivem adormecidas em todos nós, nessa prodigiosa ascensão.

Nosso dever como espíritas é mostrar o caminho à humanidade futura, da qual nós também iremos fazer parte a seu devido tempo; assim nos é ensinado pelos espíritos, que são os grandes instrutores do mundo invisível, como também a natureza, com a perpétua renovação das coisas todas, ensina a quem a souber estudar e compreender.

Devemos caminhar rumo ao futuro, rumo a uma vida sempre renascente, pela imensa via que nos abre um Espiritismo dinâmico, eficaz, sem fanatismo, e estudado de forma racional.

O Espiritismo volta-se especialmente para os espíritos evoluídos, os espíritos livres e adiantados que quiserem encontrar uma explicação lógica para os grandes infortúnios da vida neste planeta. A experiência, a razão e os ensinamentos dos espíritos, oferecem um conceito e interpretação das verdades e das leis universais. Assim, gradativamente, as mais obscuras adversidades são esclarecidas; o além, entreabrindo-se, revela o aspecto divino nos seres e em tudo aquilo que existe.

O Espiritismo é uma filosofia aberta a todos os seres livres que desejarem progredir. Ele nada impõe, apenas propõe, apoiando essa proposta em fatos experimentados e provas visíveis. Não exclui qualquer outra crença, porém eleva-se sobre todas elas, com uma extensa e clara expressão da verdade.

Os espíritos superiores abrem o caminho e nos revelam os princípios eternos, que cada um de nós está em condições para compreender segundo o grau evolutivo alcançado ao longo das nossas existências. Esse estado de entendimento apenas pode ser conseguido através de uma completa renúncia das coisas superficiais da vida material, com uma submissão clara e passiva a um conjunto de princípios e fórmulas sujeitas a um rígido molde.

A revelação do Espiritismo é uma exposição livre e sincera de uma doutrina que nada tem de imutável (*), mas que constitui uma nova etapa rumo à verdade eterna e infinita. Todos têm o direito de analisar seus princípios, mas

se os aceitarem deverão transformar sua vida e cumprir os deveres que a moral espírita impõe.

() Nota do autor: O Espiritismo não é imutável, porque sempre acompanha os progressos da ciência e descobre novos horizontes, segundo o estado evolutivo da humanidade que o estuda e pratica.*

Allan Kardec sempre nos alertava contra o dogmatismo e o sectarismo. Em suas obras recomenda não deixar o Espiritismo se cristalizar, e evitarmos os métodos fanatizados, tão nefastos, que arruinaram para sempre o espírito religioso do nosso planeta.

A ciência e a religião caminham afastadas, sem perceberem que ambas seguem o mesmo caminho e perseguem o mesmo objetivo; por essa razão podemos afirmar que, seguindo uma caminhada paralela através do tempo, a ciência e a religião terão de inevitavelmente se encontrar um dia, visto ser idêntico o fim que ambas perseguem. Com elas o mundo dos fatos e o mundo das causas se agruparão; os termos da inteligência humana acabarão por se unir, o véu do invisível será rachado e a obra divina será exposta a todos os olhares, no seu divino esplendor.

A finalidade do Espiritismo não é destruir, mas unificar e renovar. Ele vem para, no domínio das crenças, separar uma idéia nova, plena de vida, de uma idéia dogmática que agoniza. Recolhe e agrupa as verdades de ordem geral por ele proclamadas, verdades ocultas e manipuladas pelos numerosos sistemas religiosos interessados em manter uma venda nos olhos a toda a humanidade.

O Espiritismo é o consolador prometido que vem para nos dizer:

“A hora da verdade e do conhecimento é chegada, é tempo de ser livres, de pensar por si mesmos e obter uma visão ampla do seu futuro e destino.”

A alma é imortal, foi criada por Deus para ser eterna, o nada não existe e nada pode deixar de existir. Nenhuma individualidade pode deixar de ser. A dissolução das formas materiais somente prova uma coisa: que a alma foi separada do corpo, quando o fenômeno chamado “morte” acontece, e nem por isso o Espírito deixa de existir, prosseguindo em sua evolução, em novas condições, sem perder sua identidade.

Cada vez que o Espírito abandona seu corpo terrestre, encontra-se na vida do espaço, unido ao seu corpo astral ou fluídico, do qual jamais pode ser separado, porque sem ele não poderia se manifestar. Esse corpo tem a forma ou aparência que nós mesmos criamos com nossos pensamentos e ações.

Ele é sutil, facilmente transformável, existe em nós em estado permanente; é invisível, e mesmo assim serve de molde ao nosso corpo material. O corpo fluídico permanece sempre; é preexistente ao nascimento, sobrevive à morte do corpo e acompanha o Espírito em todas as suas transmigrações.

Não basta saber e acreditar; é imprescindível viver de acordo com nossas crenças, colocando em prática tudo aquilo que orgulhosamente manifestamos que sabemos e acreditamos. Devemos aplicar à nossa forma de vida os princípios superiores que adotamos.

A felicidade não está nas coisas exteriores nem nas contingências que nos acontecem; está em nós mesmos, na vida interior que sentimos e vivemos. Que importa o céu escurecer sobre nossas cabeças, se a luz está na nossa mente, se a alegria do bem e a liberdade moral estão no coração? Cada Espírito carrega consigo sua claridade ou suas trevas, seu paraíso ou seu inferno, e tudo, sem exceção, é resgatado e aperfeiçoado através da dor.

Eu sei que alguns dos meus irmãos de crença dissentem da minha forma de expor e interpretar a doutrina Espírita; eu respeito essa discrepância, porque cada um interpreta sua crença de acordo com seu entendimento e sua utilização. Eu explico e expresso essa doutrina como sinto e vivo. Há 55 anos que estudo o Espiritismo e 35 que vivo apenas para sua divulgação. Sinto-me feliz despertando as consciências, como felizmente um dia a minha foi despertada.

Considero-me um semeador que lança a semente no campo, à espera da chuva e das condições necessárias para que ela possa germinar, e num dia feliz entregar seu precioso fruto.

A família carnal

Poucos meses depois dos tristes acontecimentos que acabei de relatar, meu filho foi dispensado do serviço militar, que estava prestando em Ceuta. Como ele tem um caráter muito despreocupado, o meu desejo era que ele se casasse e formasse uma família, pensando que isso iria ajudá-lo a se tornar mais responsável, porém, lamentavelmente, não foi assim; quinze meses depois de sua mãe desencarnar ele casou com uma boa menina, de nome Ângeles, e verdadeiramente devo dizer que ela é mesmo um “anjo”.

Com recursos financeiros obtidos com a venda da casa do Brasil, montei para ele uma pequena empresa, na esperança de orientar sua vida pelo caminho certo.

O casal veio morar na minha casa. Com os cuidados e atenções de Ângeles, minha vida normalizou; recuperei meu peso corporal e minha estabilidade. Ela foi e continua sendo para mim uma filha, amiga e camarada; partilhando desde o primeiro momento minhas idéias espíritas. Na época, eu assistia as reuniões semanais de um grupo espírita de Crevillente (localidade de Alicante, a 25 km de Orihuela). Ângeles me acompanhava a todas as reuniões, como também a todos os congressos e palestras.

Hoje, para mim, Ângeles não é a esposa do meu filho, e sim uma filha, por quem sinto o maior respeito, confiando plenamente nela e na sua honestidade.

Meu filho precisa do apoio contínuo de sua esposa, porque seu Espírito é cada vez mais fraco. Após quinze anos de casamento, ainda está na mesma situação; sem valorizar o sacrifício que Ângeles tem de fazer para suportar, por tanto tempo, o pesado fardo que ele lhe impõe. Ele recusa-se a reconhecer que se um dia o apoio dela faltasse, ele cairia para não mais se levantar.

Tenho três netos maravilhosos: José Roberto, Maria Ângeles e Estela, com 15, 12 e 7 anos de idade, respectivamente; os três foram embalados em meus braços desde o nascimento, cantei para eles dormirem, e acordei à noite quando eles choravam, para cuidar deles. Par mim, mais do que netos, eles são

meus filhos, eu os amo e eles me amam e me respeitam como se eu fosse seu verdadeiro pai.

O vazio que senti em mim quando minha querida companheira me deixou para retornar à nossa casa espiritual foi em grande parte preenchido por essa nova família que a providência divina colocou em meu caminho, e aumentou a minha fé nessa providência que nunca nos abandona quando precisamos dela.

Hoje, afastado deles por motivos de trabalho, sinto mais a minha solidão, porém o Espírito de Mári acompanha-me sempre, me alenta, me infunde coragem e me acalma porque me faz compreender que está cuidando de todos nós.

Confio nos bons Espíritos e tenho plena certeza de que eles estarão me dando a ajuda necessária para eu poder cumprir meu compromisso e ter condições de continuar realizando essa tarefa até o último dia da minha existência na Terra.

Todo o sacrifício ou renúncia feito aqui, em benefício dos nossos semelhantes, tem seu prêmio ou galardão no mundo dos Espíritos.

Se quando for para o mundo espiritual eu merecer alguma pequena recompensa pelo trabalho realizado, atrevo-me humildemente a pedir a Nosso Bom Jesus, para me conceder o benefício de continuar de lá a minha tarefa de divulgação, porque se aqui fui tão imensamente feliz com isso, tenho certeza de que lá também serei.

Em 1.992 assisti ao Congresso Espírita Mundial, que teve lugar em Madri. Para mim foi um congresso muito importante, por diversas razões: nele conheci o meu querido amigo Manuel Robles; tive também a oportunidade de cumprimentar alguns importantes palestrantes brasileiros. Nesse congresso foi onde conheci pessoalmente o Rafael González Molina, com quem já tivera contato, como relatei em páginas anteriores. Aproveitei a ocasião para comprar mais livros espíritas, fazendo uma importante e vultuosa compra.

Comecei a sentir a influência inconsciente de Espíritos que mais adiante deviam influir muito em minha vida; comecei a sentir a influência de Amália Domingo Soler, Espírito amigo, que tanto bem me tem feito e ainda continua fazendo.

Ângeles e eu continuávamos participando nas reuniões de Crevillente, mas como ela tinha dificuldades para viajar por causa de sua gravidez, o grupo decidiu por unanimidade que as reuniões fossem realizadas em minha casa. Eu preparei e acondicionei uma sala um pouco afastada da residência e ali continuaram as nossas reuniões, de modo que Ângeles pudesse comparecer.

Inauguração do centro espírita

Em dezembro de 1.993 aconteceu em Montilla (Córdoba), o primeiro Congresso Espírita Espanhol, e a pedido de Rafael González, presidente da Federação, apresentei um relatório intitulado “A História das Religiões” para um auditório muito numeroso. Já acabando a minha intervenção, comuniquei ao público assistente que em breve ia ser aberto um novo centro espírita em Orihuela; a inesperada notícia causou surpresa e muita alegria em todos os presentes.

Nosso grupo estava formado por oito membros, entre eles o médium Manuel Ferrández; todos muito unidos, até que depois do meu compromisso assumido publicamente no Congresso de Montilla, comuniquei a eles que era chegada a hora de abrir um centro espírita em Orihuela, pedindo sua colaboração para encontrar e alugar um espaço na cidade. Eles me ouviram muito surpresos, e menos Manolo (o médium) e Ângeles, os outros acharam que a idéia era uma loucura e um verdadeiro despropósito; nenhum deles estava disposto a participar de algo que estava condenado ao fracasso. Um deles tomou a palavra para dizer:

“Em Orihuela, uma cidade totalmente fanatizada pelos dogmas religiosos da Igreja Católica, uma cidade onde existem 36 igrejas, um seminário e um bispado, abrir aqui um centro espírita só pode ser comparado com aquele louco que plantou cebola na praia!” Mesmo assim eu comecei a procurar um espaço para abrir o Centro.

O local já estava apalavrado e também estava reservado o salão da Caja de Ahorros del Mediterráneo, onde Divaldo Pereira Franco daria uma palestra para inaugurar o Centro.

Na mesma data, eu começava a construção de um galpão, em terreno ao lado da casa, em uma urbanização a 5 km da cidade. O galpão estava sendo construído para guardar um caminhão usado pelo meu filho em seu trabalho.

Uma noite, tendo deitado para dormir, acordei com uma idéia fixa e clara em minha mente: “o Centro deve ser aberto no galpão que está sendo construído”;

naquela noite eu não consegui mais dormir. De manhã, antes de sair para o trabalho, esperei o mestre de obras que estava realizando a construção, e falei:

“Manolo, nós precisamos fazer algumas mudanças. Aqui, nesse lado direito do galpão, você deve fazer um quarto, com uma porta e uma janela para o exterior; onde está o armazém, uma porta na parte da frente e outra na lateral, três janelas grandes e um banheiro ao fundo, na parte de trás”. Ele, pensativo, perguntou: “E por onde é que o caminhão vai entrar?” Eu respondi: “não há nenhum caminhão, depois eu explico, quando tiver mais tempo”, e saí depressa para o trabalho.

Anulei o compromisso de aluguel do local para o Centro e também a reserva do salão da CAM para a palestra de inauguração que iria oferecer Divaldo Pereira Franco. Nossas reuniões continuaram em minha casa, porém, no final sempre surgia a mesma questão; todos diziam que eu estava errado, sempre insistiam em que eu devia desistir daquele projeto condenado de antemão ao fracasso, dizendo: “abrir um centro aqui, no rural, em uma urbanização afastada, sem transporte público, isso é uma loucura, um fracasso e um desprestígio para o nosso ideal espírita”. Eles diziam que sempre estariam me apoiando, mas não participariam de um projeto como aquele.

Com esses argumentos, mesmo a minha vontade enfraquecia, eu pensava que talvez eles estivessem com a razão, mas meu Espírito sempre foi disciplinado, seguro em suas decisões, cumprindo sempre seus compromissos, e se o mais importante da minha vida eu tinha assumido com Jesus, e o meu maior desejo consistia em cumprir fielmente aquele compromisso, as idéias que em mim surgiam não podiam estar erradas. Essa confiança, essa fé, me fez vencer todos os obstáculos e como humilde instrumento, continuei com o projeto.

Nem meus amigos e nem eu mesmo poderíamos imaginar então que o Centro de Orihuela estava destinado a ser um dos mais importantes e conhecidos no mundo espírita, pelo seu grande trabalho de divulgação.

Todos meus colegas de grupo estavam receosos, não querendo participar da abertura do Centro, mas finalmente decidiram ajudar na instalação e transformação do local, adequando-o para torná-lo um Centro Espírita.

No dia 9 de maio de 1.994 foi inaugurado o Centro Espírita “La Luz del Camino”, situado na Rua Cádiz, nº 12-bis, Urbanização Montepinar, Orihuela (Alicante).

No ato da inauguração tivemos a presença de Divaldo Pereira Franco, Rafael González Molina e Carlos Campetti como convidados, e uma assistência muito

numerosa de público; mais de 200 pessoas compareceram para participar do evento, e nele foram distribuídas centenas de livros espíritas gratuitamente, e vimos coroados de êxito e alegria os nossos esforços. Desde o primeiro momento esse Centro nasceu forte e vigoroso; na inauguração contamos com a presença de Espíritos de relevância, como Adolfo Bezerra de Menezes, José María Fernández Colavida e Amália Domingo Soler.

Mais tarde pude apreciar os sábios conselhos do Espírito que me guia: o Centro devia estar em um lugar tranqüilo, com o ar puro da montanha, longe da agitação da cidade, porque era para ser usado pelos Espíritos como centro de reunião e de estudo, de onde devia sair um fecho de luz para iluminar as consciências de uma grande parte da humanidade.

Consciente da minha responsabilidade, multipliquei os meus esforços; minha tarefa de divulgação era mais intensa a cada dia. Continuei comprando livros em quantidades maiores, livros de André Luiz e do Padre Germán, entre outros, porém a despesa era demais para mim, então tive de voltar ao método da impressão, como tinha feito anteriormente. Busquei livros de Amália Domingo Soler, porém não encontrei.

Imprimi dez mil cópias de dois títulos diferentes e mais dez mil unidades do livro “O que é o Espiritismo”. Continuei com a impressão de duzentas mil unidades do livrinho “O Espiritismo em sua expressão mais simples”. Com esse último título lancei uma campanha intitulada “COM UM LIVRO ESPÍRITA A FAMÍLIA VIVE MELHOR”. Os companheiros do Centro entregaram um exemplar em cada casa de Crevillente, Elche e Alicante. Muitos dos grupos espíritas da Espanha receberam grandes quantidades desse livrinho, participando também dessa campanha de divulgação.

Já em 1.996, e quando menos eu esperava, recebi através de um membro do grupo, um pacote de escritos de Amália Domingo Soler; aqueles escritos eram enviados por Salvador Sanchís Serra, de Barcelona; ele era um grande colecionador da revista “La Luz del Porvenir”.

Foi então quando, naquele momento da minha vida, fiquei convencido de que de algum modo Amália estava perto de mim, que ela estava me utilizando como instrumento para divulgar o Espiritismo, pois esse foi o principal objetivo de sua última existência. Eu achava isso incrível, porque nunca me julguei com mérito suficiente para um Espírito tão elevado ser o principal guia dos meus trabalhos; mas devia aceitar essa feliz realidade, porque embora não conhecesse Salvador Sanchís, recebi dele muitos escritos para poder compor os

primeiros livros de Amália. Nunca cheguei a conhecer Salvador pessoalmente; ao longo do tempo, fiquei sabendo que ele me conhecia desde o ano de 1.972, quando estive em Barcelona distribuindo livros espíritas.

Todos os escritos de Amália necessários para compor os seis livros editados até agora, chegaram às minhas mãos sem que eu os procurasse; isso é muito significativo, e agora compreendo que desde que eu assumi o compromisso com Jesus, o Espírito que me guia tem me preparado para que eu fosse capaz de realizar esta grande tarefa.

Nunca agradecerei o suficiente à minha querida Amália, Espírito de Luz que eu tanto respeito e que tanto bem está me fazendo, pela utilização da minha humilde pessoa como instrumento para que o mundo espírita conheça seus incomparáveis escritos, destinados a divulgar o Espiritismo no século XIX de um modo tão lógico e singelo, levando conforto e esperança às almas sofredoras.

Esses escritos são considerados o maior complemento da codificação espírita, e mais de cem anos tiveram de passar para que eles fossem agrupados em seis livros, e fossem dados a conhecer em todos os países de língua espanhola, levando o conhecimento aos mais necessitados, gratuitamente, de modo que em sua vida encontrem um raio de luz, com a esperança em um mundo melhor.

Apenas chegados às minhas mãos aqueles exemplares da antiga revista “La Luz del Porvenir”, fiz uma seleção entre os escritos, para compor o primeiro livro, com o mesmo título da referida revista, que Amália publicou e dirigiu de 1.879 a 1.899, começando assim essa coleção de seis livros que hoje em dia é sem dúvida uma das jóias mais valiosas que o Espiritismo possui.

Em 1.997 saíram do prelo os primeiros exemplares de uma edição de 20.000 livros do “La Luz del Porvenir”. Esse primeiro livro da coleção foi recebido no mundo espírita com grandes elogios, que não há como descrever; porém a alegria que eu tive foi maior ainda, alegria que talvez eu não devesse manifestar para não cair no orgulho, o meu maior inimigo. Devo aceitar sempre um segundo lugar, com humildade, reconhecendo que o mérito dessa incomparável tarefa de divulgação é exclusivo de um grande Espírito da luz, trabalhador incansável, conhecido por todos nós como Amália Domingo Soler. Sinto-me imensamente feliz, como fiel e humilde trabalhador seu.

O lançamento deste livro de Amália, o primeiro deles, fez grande sucesso, como já disse: um livro tão importante, distribuído gratuitamente causou uma grande motivação, e muitos confrades próximos a mim sentiram o desejo de

participar da tarefa que estávamos realizando, com a finalidade de ajudar e esclarecer famílias carentes, que sofrem sem compreender a razão dos seus infortúnios. Eu não devia esperar agradecimento algum ou qualquer benefício de ninguém, porque o mérito que pudesse ter pelo sacrifício realizado aqui somente poderá ser recompensado no mundo espiritual. Jesus nos ensinou: “Quem quiser salvar sua vida, perdê-la-á; mas quem perder sua vida por amor de mim, salvá-la-á” (Lucas 9:24).

Mais tarde esfriou aquele entusiasmo e motivação desses amigos de ideal que antes desejavam participar, porque assumir um compromisso é muito fácil, porém é muito difícil perseverar nele; para manter um compromisso é preciso fazer dele o principal objetivo de nossa vida, como disse Jesus: “Ninguém pode servir a dois senhores, pois odiará um e amará o outro; não podeis servir a Deus e a Mamom”. (Mateus 6:24)

A presença de Amália

Nos porões de um edifício em reformas, em Jaén, foi encontrada uma coleção de revistas envelhecidas e cheias de umidade de “La Luz del Porvenir”, que, sem que se saiba como, chegaram às mãos de Manuel Uceda Flores, que imediatamente as enviou para mim, sendo recebidas com grande alegria. Coloquei as revistas ao sol, para perderem a umidade acumulada durante um século e rapidamente comecei a composição de “La Luz del Camino”.

Compor estes livros de Amália foi um trabalho meticuloso, realizado em colaboração com o Centro Espírita, com o maior cuidado e carinho. Em primeiro lugar foi feita uma seleção entre os escritos, daqueles capítulos mais atualizados, para com eles compor os livros e, a partir daí, a composição e revisão dos textos, até o acabado final e a preparação para impressão. Assim, esse segundo livro, “La Luz del Camino”, saiu do prelo em 1.998, com uma edição de 20.000 exemplares.

No final de 1.997 recebemos no Centro Espírita de Orihuela a visita de Divaldo Pereira Franco, de quem Amália se serviu para me dizer que seus livros deviam ser conhecidos em todos os países de língua espanhola. Eu nunca tinha contemplado essa idéia por causa da elevada despesa desse tipo de remessas fora da Espanha (o transporte hoje em dia tem um custo igual ou superior à impressão dos livros). Mas não tive a mínima dúvida em aceitar o pedido do Espírito que me guia em minha tarefa e comecei a colocá-lo em prática como fiel instrumento.

Assim o livro espírita gratuito começou a chegar aos países da América, sendo “La Luz del Camino” o primeiro desta campanha em ser enviado e também o primeiro a ser traduzido em língua portuguesa, sendo publicado em 2.003 no Brasil pela Editora Leopoldo Machado.

Em fevereiro de 1.999, com 78 anos de idade, deixei o meu trabalho na fábrica para me aposentar, não tendo mais os meios financeiros suficientes para continuar com a campanha do livro espírita gratuito. Essa situação era muito triste para mim, e também uma realidade onde eu não enxergava a saída.

É verdade que a partir daquele momento eu poderia dedicar mais tempo às tarefas do Centro, porém uma inquietação preocupante apoderou-se de mim; passaram assim alguns meses, até que um dia quente e úmido de julho, típico desta região, eu estava mergulhado em meus estudos e meditações, quando senti, com grande emoção, a presença de Amália ao meu lado, que, colocando a mão no meu ombro, perguntou em tom enérgico, mas carinhoso:

“Então, meu amigo, por que você está tão preocupado e indeciso? Nossa tarefa ainda não está concluída, devemos seguir em frente”.

Eu, mentalmente, disse a ela, muito surpreso: Mas como, se não temos recursos...

Amália, sem tirar a mão do meu ombro, concluiu dizendo:

“Meu amigo, continue a executar sua tarefa, tenha fé e confie em Deus”.

Não posso descrever a emoção que senti; quando relembro aquele momento, dos meus olhos brotam lágrimas de gratidão a esse bom Espírito que me guia. Diante de tanta grandeza, sinto-me pequeno, e desde a minha pequenez agradeço a Jesus todas as oportunidades que ele me deu, todos os benefícios que ele me concede permitindo-me, na minha insignificância, ser um dos seus serviçais; e também por todas as provações colocadas no meu caminho para que o meu Espírito possa, um dia, atingir sua redenção espiritual.

Sem qualquer dúvida, compreendi que aquela tarefa devia continuar até o último dia da minha vida, e que as dificuldades eram apenas obstáculos que eu precisava vencer para fortalecimento do meu Espírito.

Iniciei a composição do terceiro livro, que, segundo Amália, seria intitulado “A Luz da Verdade”, e no começo do ano 2.000 recebi a primeira entrega desse livro, de uma edição de 20.000 exemplares.

No começo de 1.999 recebi a agradável visita do meu querido amigo e irmão Antonio Silva Arroyo, vindo do México para me conhecer; durante uma semana tive a oportunidade de curtir o prazer da sua companhia.

Alegando que já estava com um tour preparado, Antonio Silva insistiu bastante para que eu viajasse ao México para dar uma série de palestras em diversas cidades. Ele insistia em que os espíritas mexicanos estavam muito interessados em me conhecer, e, além disso, argumentava com a coincidência da visita do querido confrade Alípio González ao México; ele também desejava me conhecer e partilhar comigo um tour doutrinário. Antonio Silva conseguiu

me convencer, e a viagem foi preparada para o mês de outubro daquele mesmo ano.

Iniciei essa viagem ao México acompanhado por Ana M^a e Antonio, que para mim eram como verdadeiros filhos. Depois de onze horas de vôo, chegamos ao aeroporto, onde estavam à nossa espera Antonio Silva e sua família, que nos ofereceram hospitalidade e tudo que precisássemos. No dia seguinte à chegada, começou nosso tour doutrinário; o querido amigo Alípio, uniu-se a nós depois de alguns dias.

Foram quinze dias importantes, porque, sempre acompanhado por Antonio Silva, Espírito de muita elevação, consegui fazer uma sementeira muito positiva para a divulgação e o conhecimento do Espiritismo. Lá encontrei verdadeiros espíritas, dispostos a trabalhar desinteressadamente na divulgação da Doutrina, que também me ajudaram mais tarde para ampliar a campanha do livro espírita gratuito no México.

Ninguém poderia imaginar que o meu bom amigo, o meu querido irmão Antonio Silva, devia desencarnar em dois meses. Ele insistiu muito para eu ficar no México, e foi preciso fazê-lo compreender que eu não podia deixar a tarefa espiritual que vinha realizando na Espanha; mas prometi que no ano seguinte tornaria a visitá-lo. Pouco convencido, Antonio projetou viajar novamente à Espanha no mês de janeiro; mas não pode realizar essa viagem, porque no dia 31 de dezembro de 1.999 partiu para o mundo espiritual.

Sou muito grato à minha querida Mári e principalmente ao Espírito de luz que me orienta, alenta e fortalece para que eu possa vencer as minhas enfermidades, realizando até hoje a tarefa encomendada. Obrigado, Amália! Obrigado, Mári! A luz que me guia, o amor da minha vida, a esperança do meu futuro são vocês. Obrigado por me acompanhar na minha viagem ao México! Sempre que precisei, senti sua presença ao meu lado, e com humildade reconheço que o sucesso das minhas intervenções foi fruto da sua inspiração.

Amália, Espírito querido, eu quero ser um fiel instrumento seu, agradecendo sempre a sua ajuda para consegui-lo!

Querer é poder!

Comecei a composição do quarto livro “A Luz do Espírito”, que só foi possível imprimir dois anos mais tarde, pois o único recurso financeiro de que eu sempre dispus foi o meu salário de trabalhador e depois a minha aposentadoria. Esse quarto livro, editado em julho de 2002, foi distribuído com muito sucesso na Espanha, e a maior parte da edição de 20.000 exemplares foi para os países da América, do mesmo modo que os anteriores.

Eu já tinha em minhas mãos as revistas de “La Luz del Porvenir” com os escritos de Amália necessários para a composição do quinto livro, intitulado “A Luz que nos Guia”. Este livro saiu do prelo no início de 2.004, com uma tirada igual à do livro anterior. Não creio necessário dizer que cada um desses livros é uma luz que se espalha por todo o mundo espírita, como um potente farol que guia a porto seguro os navegantes que lutam no mar embravecido.

No começo do ano de 2.005, já estava composto e preparado o sexto livro intitulado “A Luz do Futuro”. Sentia o feliz desejo de imprimi-lo, de vê-lo nascer, como mais um filho, imensamente querido por mim, mas foi preciso esperar com paciência até conseguir juntar o dinheiro necessário para sua edição e impressão, pois a quantia a desembolsar era considerável para os meus recursos como aposentado. Saiu afinal, uma primeira edição, em novembro de 2.005.

Na codificação espírita realizada por Allan Kardec encontramos os pilares, os alicerces da grande revelação dos espíritos; a síntese que marca o rumo que a humanidade deve seguir para atingir sua elevação espiritual, vencendo a influência material. É uma obra inalterável em seus princípios fundamentais, realizada por um Espírito disciplinado e de muita elevação.

Nos escritos de Amália Domingo Soler, também conhecida como “A Grande Senhora do Espiritismo”, encontramos uma grande transparência, fácil e compreensível para todos os humildes. Seus escritos chegam ao coração como um bálsamo que alivia sua dor, que dá forças e esperanças para suportar os reveses e desenganos de uma vida plena de obstáculos e aparentes injustiças.

Por isso posso afirmar que os livros de Amália são o maior complemento da grande obra kardeciana.

Além do oceano esses livros são recebidos com entusiasmo e carinho. Muitas pessoas de lá se comunicam comigo, gratos por eu não ter me esquecido deles na minha tarefa de divulgação. Muitos centros espíritas agradecem a oportunidade de poder colaborar nessa campanha de divulgação empreendida por mim. Pedem para eu ir visitá-los, pois eles desejam me conhecer e suas possibilidades financeiras não permitem uma viagem à Espanha.

Essas provas de afeto me emocionam, quero agradecer e dizer que o meu Espírito está sempre com eles, mas estarei mais perto ainda quando deixar este corpo físico.

Não quero me envaidecer pela tarefa que realizo, eu vivo só e afastado do mundo; considero-me rico e feliz, porque existem milhares de pessoas, em diferentes partes do mundo, que me estimam. Com minhas enfermidades e minha solidão, sou um homem feliz, porque me sinto útil e realizado.

Agradeço a Deus e aos bons espíritos por todas as provações que encontro em meu caminho, porque elas me fazem exercitar as forças que todos possuímos para resistir e vencer.

Quero dizer a todos os meus irmãos de ideal, a todos os espíritas, que ao aceitar a doutrina ou filosofia espírita já estão contraindo um compromisso, porque aceitam a existência da vida no mundo espiritual e sua continuação, com todas as conseqüências, no mundo material. Somos conscientes de que a verdadeira vida está no mundo espiritual, e sabemos também que lá só encontraremos aquilo que não desperdiçarmos aqui, aquilo que com esforço e sacrifício consigamos economizar aqui, investindo em benefício dos mais necessitados. Tomando conhecimento de tudo isto, apenas depende de nós mesmos colocá-lo em prática ou deixá-lo para futuras encarnações. Mesmo assim, quero recordar o que a nossa querida Amália dizia: Querer é poder! E quem quer faz muito mais do que quem pode.

Renúncia e sacrifício deixam de existir quando nos integramos na tarefa com todo o nosso coração. Quando nos familiarizamos com o sacrifício, novos sentimentos nascem para substituí-lo: o amor, a paz y a felicidade; isso eu posso afirmar, pois ao longo da minha vida tive de sofrer muitas privações, para dedicar meu tempo e meu dinheiro a divulgar o Espiritismo, mas este sacrifício não é percebido por mim como tal.

O conhecimento do Espiritismo mudou minha vida, deu grande impulso e fortalecimento ao meu Espírito, despertando nele o desejo adormecido de superação, buscando um caminho novo para conseguir a elevação. Para atingir esse glorioso objetivo existem vários caminhos. No início eu me sentia muito animado com o caminho escolhido, não querendo ver que era o mais confortável; mais tarde, houve uma mudança na minha vida, e eu vivi por uma década me sentindo realmente feliz, ignorando que o compromisso assumido pelo meu Espírito era em verdade muito maior.

O corpo material atuava como um espesso véu, que, envolvendo o meu Espírito, impedia-o de ver com clareza. Foi preciso que eu passasse pela dor e a enfermidade, para enxergar um pouco melhor através desse véu material. Arrependido, compreendi que tinha escolhido o caminho errado, e então tive de renunciar à vida fácil, para começar uma vida nova, seguindo outro caminho.

Tive de vencer novos e grandes obstáculos, mas saí vitorioso, ultrapassando todos os encontrados em meu caminho; uma década se passou me sentindo de novo seguro e feliz. Meu Deus! Eu não podia imaginar que deveria tornar a mudar de rumo, que apenas existe um caminho, que ele é o único que pode nos levar à liberdade, conseguindo assim a nossa redenção espiritual.

Quando menos eu esperava, apareceu de novo a enfermidade e a dor. Por oito anos sofri a companhia dessa imagem que representa o sofrimento e finalmente perdi a minha companheira, o ser que eu mais amei neste mundo.

Com esse acontecimento, um doloroso período da minha existência material começou; no entanto, ele foi o mais elevado para o meu Espírito imortal. Comecei a sentir os vestígios da solidão, as doenças apareceram no meu corpo e me acompanham até hoje. Foi então quando o meu Espírito descerrou o véu escuro que o envolvia e encontrou finalmente o verdadeiro caminho a seguir.

Agora agradeço a Deus por tudo o que passei para chegar a encontrar o verdadeiro caminho, mas resta ainda uma dúvida e eu pergunto:

Será que não fechei inconscientemente os olhos, será que não perdi tempo demais até encontrar a verdadeira razão da minha vida? Acredito que sim, e sei que não é mais possível recuperar o tempo perdido, mas tenho a plena certeza de que jamais tornarei a me deixar envolver nesse véu escuro, nem abandonarei o caminho empreendido.

Tenho certeza de que uma das maiores tarefas que um espírita pode realizar é a divulgação do Espiritismo. Repetirei mais uma vez que isso só é possível

através do exemplo, ninguém pode ensinar alguma coisa se antes não a pratica. Isso foi o que fiz e ainda continuo fazendo.

No Centro Espírita “A Luz do Caminho” que eu dirijo, realizam-se estudos sobre Espiritismo, aprofundando em suas raízes, sua reforma moral, seu estado atual e seu possível futuro; tudo isso a partir de um estudo racional e moral, sem fanatismos, crenças ou práticas que previamente não tenham sido rigorosamente analisadas.

Aqui eu ensino Espiritismo, e esse pequeno grupo que compõe este Centro já está preparado; seguindo-me como bons discípulos, eles possuem um conhecimento científico e moral elevado e, o mais importante, é que eles o vivem e praticam. Todos sacrificam seu tempo e seus recursos financeiros para divulgar o Espiritismo no mundo. Agora são apenas sete os sócios do Centro, mas esses sete valem por cem; eles participam com muita dedicação de todas as tarefas que realizo, seguem os meus conselhos como se eu fosse um pai para eles; isto me faz sentir feliz e tratá-los como se fossem meus filhos. Tudo isto é conseguido ensinando através do exemplo, porque mesmo que o agricultor disponha de uma terra fértil, sem ser cultivada não poderá dar uma boa colheita.

Eu me sinto feliz e satisfeito, depois de ter conseguido formar esse pequeno grande grupo; eles compreenderam e aceitaram os meus princípios. Agora eu me sinto mais tranqüilo, porque tenho a certeza de que vou deixar este Centro em boas mãos, e no futuro a tarefa de divulgação vai continuar sendo realizada quando eu voltar para o mundo dos Espíritos.

Tenho certeza de que eles permanecerão unidos, respeitando a minha memória e, acima de tudo, o compromisso que adquiriram por convencimento e decisão própria.

Entre outras atividades, neste Centro Espírita atendemos também diferentes casos obsessivos, aplicando um tratamento singelo; não utilizamos passes, nem orações, nem água fluidificada; nosso trabalho consiste apenas em esclarecer a mente, com idéias novas para que a pessoa afetada mude de sintonia. Para isso utilizamos o método racional do conhecimento, com um tratamento que é preciso seguir sem se desviar dele, assumindo um sério compromisso que como objetivo principal exige uma mudança de vida, costumes e hábitos. Para conseguir isso, nós fornecemos todos os livros necessários de forma gratuita, que a pessoa em questão deve ler, estudar e meditar, sem esquecer o mais importante, que é aplicar em seu modo de viver estes novos ensinamentos.

Quando alguém vem ao Centro para pedir ajuda é assim como nos ajudamos, sem exigir pagamento algum, sem perguntar o nome ou o endereço. Explicamos que tudo depende dele ou dela, que se cumprir o compromisso, será livre da obsessão, porém se não cumprir, sua situação será pior a cada dia.

Este tratamento tem dado muito bons resultados, nós confiamos nele e continuamos aplicando-o.

Já estou chegando ao fim da minha tarefa, ao fim da minha existência, com a velhice e a enfermidade; mesmo assim, e embora não seja fácil de entender, estou vivendo os anos, meses e dias mais felizes da minha longa vida, porque é agora quando o meu Espírito tem esclarecimento suficiente e necessário para cumprir o verdadeiro compromisso que assumiu mesmo antes de reencarnar neste corpo.

O meu filho e toda sua família precisaram mudar de residência por causa do trabalho; agora eles moram a 7 km da minha casa: eles insistem para eu ir morar com eles, para não ficar sozinho nesta casa, mas eu sempre respondo a mesma coisa:

“Eu não posso deixar de cumprir a minha tarefa e a minha obrigação no Centro, quero cumprir o meu compromisso até o último dia da minha existência, que será quando o meu bom Jesus quiser”.

Devido à diabetes, má circulação e as lesões nos pés causadas por essas doenças, passo algumas noites sentado em uma cadeira, sem poder dormir por causa das dores; então, nessas longas noites, lágrimas correm dos meus olhos e peço a Jesus forças para não desanimar, e ao mesmo tempo agradeço a Ele por ser tão bom para comigo, porque Ele me fortalece, porque eu confio nele, porque com Ele eu me sinto seguro e sem medo. Sinto-me jovem, sem deixar que a velhice do meu corpo fraco e doente, guiado por um marca-passo, possa influir na fortaleza do meu Espírito.

Nossa fraqueza ou nossa força está em nossa mente; se conseguirmos dominá-la, dirigi-la e utilizá-la como instrumento de nossa vontade, podemos vencer todas as dificuldades, todos os obstáculos que surgirem em nosso caminho; se, pelo contrário, nos submetermos a ela, se perdermos o controle e a direção sobre ela, e nos transformarmos em vítimas da sua fraca vontade, então seremos pobres doentes, sem defesa diante de todas as desgraças que uma mente enferma é capaz de imaginar.

Nós mesmos somos os únicos responsáveis por nosso passado, presente e futuro; somos os construtores da felicidade ou desgraça, da dor ou bem-estar que sentimos.

Com a nossa livre e soberana vontade temos criado nosso céu ou nosso inferno e nele devemos viver, até que utilizando novamente nosso livre arbítrio, tomemos o controle da mente para mudar de rumo, e seguir um novo caminho de apenas uma direção, que nos leve a uma nova vida de paz e de felicidade.

Ajudar os espíritos

Existe apenas um sistema efetivo e permitido, para ajudar os Espíritos sofredores que vivem em um mundo de sombras e dúvidas, criadas por eles mesmos. Este mundo é tão real para eles, que nele vivem escravizados, sofrendo os tormentos do chamado “inferno”. Com suas fraquezas eles o criaram e com seu esforço deverão sair dele, pois nada, ninguém pode liberá-los dessa situação, se antes não sentirem a dor do arrependimento. Quando isso acontecer, o mundo maior vai ajudá-los, submetendo cada um deles ao tratamento necessário para que possam empreender o caminho da própria regeneração. Eu diria aos meus irmãos espíritas que ficassem tranquilos, pois nenhum Espírito fica abandonado no mundo espiritual; aquele mundo é como um imenso hospital, de onde nenhum doente poderá sair enquanto não tiver condições para se valer por si mesmo.

O único sistema que existe para acelerar a recuperação destes enfermos é a instrução e o esclarecimento para que, conhecendo a verdade, ela os ilumine.

Os Espíritos vivem conosco, seguem-nos de perto, em realidade, nós nunca estamos sozinhos. Eles nos acompanham em nossas reuniões, e intervêm nas nossas vidas mais do que imaginamos. Precisamos melhorar o nosso comportamento porque eles nos observam; também precisamos assumir um compromisso com a leitura, no Centro Espírita ou em nossa casa, sempre em uma hora determinada, para eles poderem comparecer, para escutarem e aprenderem, porque à sua mente chegarão novas idéias que lentamente os fazem pensar em algo que até então não tinham entendido. Mas isto não é conseguido conversando com um Espírito poucos minutos em uma reunião; são necessários meses e anos para que um Espírito aceite novas idéias, capazes de esclarecer sua mente para conseguir uma mudança, uma visão diferente e necessária para seguir um novo caminho.

O Espiritismo não fica estacionado no passado ou no presente, ele é renovado pesquisando e evoluindo sempre a partir dos seus fundamentos, descobrindo sempre novos horizontes. Os Espíritas e os centros onde eles se agrupam,

precisam seguir o mesmo caminho, ampliando o conhecimento e o compromisso assumido. Devemos cumprir esse compromisso aplicando em nossa vida o conhecimento que já tivermos alcançado. A transformação interior que um Espírita precisa fazer deve tornar-se uma realidade; somente assim estaremos em condições de ensinar e divulgar um Espiritismo não dogmático, com um estudo racional. Ninguém possui força moral para ensinar algo que ele mesmo não aplica à sua própria vida, devemos ensinar pelo exemplo, pois “uma imagem vale mais do que mil palavras”.

Quando o Centro Espírita “A Luz do Caminho” abriu, desenvolvia um trabalho rotineiro, com sessões mediúnicas, a fim de esclarecer alguns Espíritos sofredores. O Centro tinha numeroso público, vindo da província inteira.

Eu continuava com a minha tarefa de divulgação, em solitário, sem pedir a ajuda de ninguém, porque nisso alguém só pode participar de forma voluntária. Alguns se sentiram incômodos, vendo a tarefa que eu fazia enquanto eles apenas assistiam o fenômeno, e aos poucos, foram deixando de comparecer. Ainda outros ficaram animados, querendo participar do meu trabalho e assumindo um compromisso; mas isso não é fácil, então, primeiro alguns e depois os outros, todos foram abandonando o Centro.

Finalmente, chegaram os últimos, que motivados pelo exemplo, foram superando-se sempre mais. Alertei-os de que não devem esperar jamais a gratidão de ninguém pela tarefa que realizam, entre outras coisas, porque nós mesmos somos os únicos beneficiados.

As reuniões mediúnicas foram suspensas porque percebi que aquilo era apenas um show com entrada franca, uma crença fanática, justificada apenas em alguns centros (muito poucos), que possuam as qualificações necessárias para essas práticas e tão somente em casos específicos e justificados.

Em nenhum livro da codificação são recomendadas estas práticas mediúnicas contrárias ao bom senso e ao estudo raciocinado dos livros espíritas. É verdade que no início o fenômeno foi utilizado porque ele era necessário então para a manifestação dos Espíritos, porque eles precisavam nos alertar sobre a existência do mundo espiritual ignorado por nós, que a vida continua após a morte e que esse fenômeno muda o estado do nosso corpo, continuando com vida; uma forma de vida que livremente cada um de nós escolheu. Esse fenômeno acontecia anteriormente porque ainda não existia uma cultura espírita que nos ensinasse o caminho a seguir. Hoje nós temos essa cultura, com milhares de livros que nos revelam todos os mistérios, através de ótimos

médiuns que receberam dos Espíritos elevados as comunicações necessárias para compor esses livros, cheios de sabedoria e com uma lógica fora de qualquer dúvida. Portanto o fenômeno pertence ao passado, sendo muito perigosa a sua prática fanatizada.

O Espiritismo, como também o espírita, deve se renovar sempre, caminhar sempre em frente, sem reparar em obstáculos; se estacionar, cairá na rotina e no fracasso.

Devemos desconfiar dos Espíritos sofredores, que com algumas exceções, são os mendigos do espaço. As leis são iguais lá e aqui, e quem quiser se renovar poderá conseguir isso com seu próprio esforço e com auxílio dos bons Espíritos, passando antes pelo arrependimento; e ninguém, por caridoso que fosse, poderia tirar um Espírito das trevas se ele não ganha méritos por si mesmo para sair delas. No mundo espiritual não existe o perdão sem a retificação das faltas cometidas, porque a única lei válida é a lei do merecimento.

As relações com os Espíritos inferiores exigem segurança, conhecimento, tato e firmeza. Não todos aqueles que usam dessas práticas estão preparados para conseguir bons resultados com elas. É preciso ter verdadeira superioridade moral, para dominar esses Espíritos, reprimir seus arrebatamentos e convencê-los a mudar de comportamento; essa superioridade somente pode ser adquirida por uma vida isenta das paixões materiais. O evocador ou doutrinador precisa de força moral suficiente para que seus fluidos possam dominar facilmente os fluidos dos Espíritos inferiores.

Não ponho em dúvida o desejo dos espíritas em geral de ajudar os irmãos sofredores, desejo que eu respeito, mas sinceramente acredito que essa ajuda seria bem mais eficaz, muito mais, se fosse prestada enquanto eles ainda estão encarnados. A ajuda no plano espiritual é mais complicada, porque primeiro deve existir arrependimento, o Espírito precisa reconhecer as faltas cometidas e sentir desejo sincero de se corrigir; quando se dão essas condições, o mundo espiritual tem recursos suficientes para ajudá-los.

A manifestação dos Espíritos inferiores foi necessária no início, porque havia importantes razões para isso. O mundo maior considerou que era chegada a hora de dar a conhecer o mundo dos Espíritos, oculto até então por interesses religiosos; para tanto permitiu que Espíritos inferiores se manifestassem ruidosamente, com movimento de mesas, de portas e janelas, provocando vozes estridentes, lamentos e outros fenômenos físicos. Tudo isso era necessário para

impressionar os homens e tirá-los da indiferença, despertando o desejo por conhecer o fenômeno, e de algum modo afastá-los do seu profundo interesse voltado apenas para a matéria. Essa é a justificativa de o Espiritismo, no começo, fazer a sua revelação desse modo. Os fenômenos vulgares, produzidos por Espíritos sujeitos ainda à influência da matéria, eram apropriados às exigências daqueles primeiros anos, e ao estado mental daqueles cuja atenção se desejava chamar.

Cumprido esse objetivo, os Espíritos superiores têm se manifestado para esclarecer as inteligências, pelo conhecimento, utilizando meios menos grosseiros, com a colaboração de médiuns psicógrafos e auditivos bem mais preparados.

Após as manifestações físicas, que eram dirigidas aos sentidos, os Espíritos têm falado à inteligência, ao sentimento e à razão. Esse aprimoramento gradativo das comunicações prova que o mundo espiritual possui grandes meios e combinações variadas para ajudar a todos os seres, encarnados e desencarnados; sempre que estivermos sinceramente arrependidos e dispostos a nos corrigirmos, receberemos imediatamente a ajuda do mundo espiritual para nos impulsionar pelo caminho da evolução e do conhecimento.

Nós não temos condições para iluminar os Espíritos, entre outras coisas, porque o plano espiritual é um mundo mental, agitando-se em torno a nós, estamos todos juntos, não existem planos de separação, nós mesmos criamos o mundo onde queremos viver. Tudo está em nossa mente, o bem e o mal, o sofrimento e a felicidade, o céu e o inferno.

Quando deixarmos nosso corpo aqui na Terra, o nosso Espírito levará consigo tudo aquilo que criou através de suas vivências, e essas criações mentais manifestam-se no perispírito como se fosse um espelho refletindo a verdadeira imagem do Espírito.

Assim, inevitavelmente, deve perceber a situação real em que seu Espírito se encontra; pleno de felicidade se viveu uma existência desmaterializada, ou sofrendo dolorosos tormentos se apenas viveu para satisfazer suas ambições materiais. Mesmo que ele tente justificar com falsos argumentos o tipo de vida que levou, não consegue, porque sente medo ao contemplar sua imagem totalmente diferente daquela que ele tinha; sente o frio, o calor, a fome e o desejo desesperado de viver todas as paixões que alimentou aqui na Terra. Encontra-se com um corpo tão materializado que em determinadas circunstâncias, mesmo pode ter dúvidas sobre a realidade da sua morte.

O perispírito ou corpo fluídico, como nos ensina Allan Kardec, em seu estado natural possui uma forma vaporosa, é composto de uma combinação de fluidos derivados do fluido universal que por sua vez provém de uma transformação da matéria primitiva.

Os fluidos são diferentes para cada planeta, mas os habitantes de um mesmo planeta recebem ou atraem todos eles os mesmos fluidos, portanto, em sua origem não existem fluidos bons ou fluidos maus. Nós recebemos os fluidos em estado natural e o nosso Espírito transforma-os segundo seu próprio estado mental; uma mente limpa e saudável envolve-se em fluidos bons e transparentes; uma mente enferma, viciada e materializada, contamina os fluidos que recebe, que se adaptam fielmente à forma mental que os utiliza.

Quando a morte do corpo acontece, os fluidos que lhe davam vida ficam liberados e retornam à sua origem, limpos, em seu estado natural, porque estão liberados da matéria que alterava seu estado. O Espírito volta para o mundo da verdadeira vida e com ele traz refletido em seu corpo espiritual todos os vícios, fraquezas e paixões que ele mesmo criou, portanto, somente ele é responsável pela situação dolorosa que vai encontrar no mundo espiritual e das futuras existências de retificação que deverá viver, até conseguir liberar seu corpo espiritual de toda a negatividade acumulada. Lentamente, o sofrimento quebrará os grilhões que o escravizam às paixões da matéria. Quando afinal ele for capaz de reconhecer sua verdadeira situação e a aceitar com humildade, deixará de ser um mendigo do espaço e de se lamentar, de pedir ajuda inutilmente; desaparecerão de sua vista as zonas tenebrosas, as paisagens desoladas e as visões aterradoras que são apenas criações das mentes enfermas. Só então receberá a ajuda de irmãos espirituais que sempre o acompanharam de perto, esperando o momento oportuno para socorrê-lo, e com verdadeiro amor, prepará-lo para um novo ciclo de existências, necessárias para a evolução do seu Espírito.

A mente materializada transmite ao perispírito uma imagem completamente material. Sente as mesmas paixões e necessidades que sentia na Terra, sente que seu corpo espiritual possui a mesma constituição que o seu corpo material possuía, porém, tudo isso é uma imagem falsa, criada por sua mente doente, porque agora seu corpo é fluídico.

Os Espíritos sofredores consideram-se vítimas de um destino fatal, vítimas de seus parentes, de seus amigos ou do mundo onde viveram, eles são incapazes de reconhecer que ninguém sofre sem ter dívidas e que no mundo espiritual

ninguém está abandonado, mas a ajuda só é recebida quando a culpa é reconhecida, iniciando uma mudança real.

É lamentável que certos irmãos, possivelmente bem-intencionados, em sua ignorância desejem ajudar os Espíritos e se atrevam a oferecer algo que não possuem; porque a luz necessária para seguir o nosso caminho, devemos ganhá-la com nosso esforço e sacrifício, e mesmo que a tivéssemos, não poderíamos dá-la e nem sequer emprestá-la.

Em nossas existências na Terra, nós temos o nosso livre-arbítrio, e fazemos um mau uso dele por nossa própria vontade. Então, obrigatoriamente precisamos resgatar e corrigir o mau uso que fizemos antes. Aqui na Terra semeamos, e aqui mesmo teremos a colheita da nossa plantação.

O sofrimento que encontramos no além, é apenas uma conseqüência do nosso comportamento aqui, mas não devemos abrigar falsas ilusões, a correção deve ser feita ali onde o crime foi cometido.

Não devemos enganar os nossos irmãos sofredores com falsas promessas. Não nos enganemos a nós mesmos pensando que libertamos aqueles irmãos do sofrimento. Não nos deixemos utilizar por Espíritos que tomam uma identidade que em caso algum pode ser comprovada.

Esses trabalhos, que com tanto entusiasmo e boa vontade são feitos nas reuniões mediúnicas, são muito parecidos ao que os sacerdotes católicos fazem, perdoando os pecados através da confissão.

Eu quero lembrar a todos os meus irmãos espíritas que ninguém pode tirar um Espírito do sofrimento; ele mesmo precisará fazer isso, reconhecendo seus erros, e quando isso for feito, imediatamente receberá no mundo espiritual a ajuda necessária. O mundo espiritual não depende de nós: nós é que dependemos dele.

Os livros da codificação nos ensinam que não existe o perdão das faltas cometidas sem a necessária correção de todas elas.

O Espiritismo é uma ciência filosófica; para entendê-lo é preciso estudá-lo racionalmente, aprofundar-se nele, pesquisando em suas raízes e no seu grandioso futuro. Para poder compreendê-lo é indispensável praticá-lo e vivê-lo, de forma estrita, com a moral de Jesus que essa Doutrina nos ensina. Assim é como nós o entendemos e o praticamos no Centro Espírita “A Luz do Caminho”.

Estudo, meditação e trabalho

O Espiritismo, entre outras coisas, é uma ciência filosófica e moral. Para conseguir esse conhecimento, é preciso estudá-lo e praticá-lo; com dedicação e trabalho conseguiremos a nossa transformação interior; somente então estaremos verdadeiramente preparados para divulgá-lo.

Para ensinar Espiritismo, primeiro temos de vivê-lo e praticá-lo nós mesmos. Sem essas condições não devemos ser mestres de ninguém; e sem o conhecimento e a moral necessários para ensinar, é melhor não fazê-lo, para evitar que alguém possa nos dizer o que Jesus disse aos fariseus: “Guias cegos, que coam um mosquito e engolem um camelo!” (Mateus 23:24). Evitemos ser como o cego que guia outros cegos e todos vão cair no precipício.

Sinto muito ser tão claro e talvez áspero demais; não é minha intenção ofender ou diminuir nenhum irmão espírita, mas acho necessário dizer as coisas como elas são. Sem a pretensão de me exhibir ou querer ser superior a ninguém, porque não sou, devo esclarecer para justificar as minhas palavras, que estou no Espiritismo há 55 anos; com ele minha vida mudou, um homem novo nasceu, e toda a minha vida foi gasta em divulgar e ensinar essa Doutrina que um dia será a luz que ilumine esta humanidade. Sinto-me feliz e considero-me com a moral necessária para ensinar esta luminosa idéia.

O meu maior desejo é que todos aqueles que se sintam interessados por conhecer esta Doutrina possam estudá-la e praticá-la, para poder divulgá-la; posso dizer a vocês que esse é também o maior empenho do mundo espiritual, porque está na hora de conhecermos a verdade, aquela que nos libertará da escravidão da ignorância, conseguindo encontrar um caminho de luz, único que poderá redimir esta humanidade.

Muitos séculos depois da morte de Jesus, espalhou-se pelo mundo a liberdade de expressão e de pensamento e a inteligência humana se desenvolveu; o momento tem sido favorável e os Espíritos foram mobilizados para ensinar a todos os encarnados da Terra a lei da evolução infinita e ao mesmo tempo,

cumprir as promessas de Jesus, restabelecendo sua doutrina e comentando suas parábolas.

O Espiritismo explica-nos o Evangelho, seu sentido verdadeiro, nos traz a moral superior, a moral definitiva; sua elevação e grandeza revelam a origem superior do seu conteúdo, para que a verdade seja conhecida por todos nós. As vozes dos Espíritos a proclamam aos quatro ventos e graças a esta revelação universal e permanente o Espiritismo poderá enfrentar todas as hostilidades e todos os inquisidores que tentarem combatê-lo. Os ensinamentos de um homem poderão ser destruídos, suas obras poderão ser falsificadas ou queimadas, mas é impossível impedir os Espíritos de divulgarem essa verdade em todo o mundo, verdade que há séculos vem sendo distorcida pelos interesses pessoais de todas as religiões.

A hora da revelação chegou e os Espíritos em nome de Jesus espalham essa preciosa semente em todas as regiões da Terra; por isso é necessário que o Espiritismo, com sua lógica e seu sentido moral e racional, seja conhecido e estudado por esta humanidade. É uma doutrina superior a todas as precedentes e isso pode ser testemunhado por milhões de Espíritos que continuamente estão se manifestando para divulgá-la.

Com a filosofia dos Espíritos, os pontos de vista mudam, o horizonte se amplia, eles nos dizem que empregar todos nossos esforços em conquistar a felicidade neste mundo material é apenas uma quimera que nos afasta do verdadeiro objetivo da nossa vida que é o aprimoramento contínuo do nosso Espírito; para conseguir isso, precisamos praticar a lei moral em todas suas formas. Com esse ideal nos tornaremos indestrutíveis, nenhuma vicissitude ou acontecimento poderá nos abalar; com a desgraça e a adversidade cresceremos, seremos mais fortes e conseguiremos nos elevar, vencendo dificuldades e sofrimentos. O Espírita que não for capaz de superar todos estes obstáculos é um “espiriteiro” que fatalmente se tornará presa fácil para seus inimigos invisíveis.

O bom Espírita sai da escuridão dessa vida, vence as armadilhas que ela lhe apresenta e está sempre voltado para um objetivo maior que conhece, aspira e tem certeza. Ele é inspirado em seu trabalho por uma intuição superior, que o ajuda a seguir em frente para cumprir seu compromisso. Os prazeres são para ele indiferentes, as tentações da carne são superadas sem dificuldade, as ambições materiais não têm influência sobre ele; é como um viajante que se dirige em segurança a um destino venturoso que está à sua espera.

É necessário cuidar do nosso corpo porque é o instrumento que temos para viver nesse mundo, porém, é mais importante cuidar do aprimoramento do nosso Espírito, nosso Eu imperecível, porque do seu estado dependerá o nosso futuro. No Espiritismo encontraremos os elementos necessários para essa higiene da alma.

A fé é a principal causa dos nobres sentimentos e das grandes situações; quem tem fé verdadeira permanece inabalável diante das provações e dos perigos que possam desafiá-lo. Acima das seduções e das ameaças, ouve uma voz dentro de si, que o alenta para a luta e o sustenta nas horas de perigo. Para conquistar esse resultado a fé deve ter uma base sólida, que só pode ser conseguida com uma pesquisa livre, liberdade de pensamento e uma abordagem racional. A fé dos dogmas e mistérios é fraca e falsa, porque não tem argumento algum para poder convencer.

A filosofia espírita oferece-nos uma fé que, sendo racional, é mais lógica porque não tem mistérios; e através da comunicação dos Espíritos todas as dúvidas são esclarecidas e revela-se a existência do mundo espiritual, pleno de vida e sabedoria, oculto até agora pelas religiões, que desejavam manter a humanidade nas trevas da ignorância para poder exercer seu domínio sobre ela, impondo uma lei injusta e arbitrária, manipulando a aqueles que, por falta de conhecimento, confiam nelas.

Sabendo que esta vida é apenas um instante no conjunto da nossa existência imortal, suportaremos com paciência as inevitáveis dificuldades que teremos de passar. Conhecendo o futuro que nos espera, teremos forças para enfrentar as misérias presentes e ficar acima dos reveses da fortuna; poderemos nos sentir mais livres e muito mais preparados para a luta.

O Espírita conhece as causas dos seus males e entende a necessidade deles. Sabe que seu conhecimento é justo e o aceita sem reclamar. Sabe que a morte não interrompe nada, pois nossos sentimentos continuam existindo no mundo espiritual. Se de um extremo a outro da Terra, todos os seres tivessem essa poderosa fé, a maior transformação moral jamais registrada pela história aconteceria. Porém são muito poucos ainda aqueles que possuem uma fé assim. Essa verdade voltou novamente à Terra, mas os habitantes deste mundo continuam fechando os olhos para não vê-la.

O Espírito que sente o desejo e a necessidade de se elevar escolhe de preferência uma vida trabalhosa, uma vida de luta e abnegação; sabe que com isso sua evolução será mais rápida. A Terra é um purgatório, é preciso nascer e

renascer, sofrer nela para se despojar de todos os vícios e fraquezas que nos escravizam à matéria, e apagar as faltas e os crimes do passado.

O mau uso das faculdades e o orgulho são expiados através de reencarnações em corpos defeituosos e doentes. Tudo deve ser pago, tudo deve ser redimido. Os pensamentos e desejos culpados têm repercussão na vida fluídica, mas as faltas cometidas no plano material devem ser expiadas nele. Todas as nossas existências estão ligadas, aqui o bem e o mal são semeados, e aqui temos a colheita.

Entre todos os vícios e defeitos, o pior é o orgulho, pois vai semeando por onde passa o germe dos outros vícios. Quando ele entra em uma alma estabelece-se nela como em cidade conquistada, faz dela sua fortificação, até tal ponto que é inexpugnável. A vítima desse orgulho só pode se liberar dele após terríveis lutas e grandes humilhações. É o único remédio eficaz para combatê-lo. Esse defeito é a maior praga que hoje sofre a humanidade, é um vício astuto e enganador que sabe iludir a sua vítima para impedi-la de lutar contra ele.

O orgulho corrompe até as ações mais meritórias, fazendo às vezes que elas sejam prejudiciais para quem as realizou. O bem, feito com ostentação, com o desejo de ser aplaudido, volta-se contra seu autor.

Lembremos estas palavras, escritas há mais de dois mil anos: “Quem se exaltar, será humilhado, mas quem se humilhar, será exaltado” (Lucas 14:11).

Lutar contra a adversidade é obrigação. Mas abandonar, deixar-se dominar pela desgraça e sofrer sem se defender dos males da vida, é covardia. As dificuldades que precisamos vencer exercitam e desenvolvem nossa inteligência, mas se não podemos nos livrar do mal apesar dos nossos esforços, devemos aceitar o inevitável, apelando à resignação. Nada nem ninguém poderão afastar de nós as conseqüências do nosso passado.

A dor sempre reina como soberana em nosso mundo. As aflições mais profundas e cruéis nos perseguem muitas vezes, mas se elas são aceitas com resignação submissa, indicam que o fim dos nossos males se aproxima, porque já estamos pagando o fim da nossa dívida.

A prosperidade é perigosa por causa das tentações que traz e pela fascinação que exerce no Espírito, mas pode também ser a origem de um grande bem, quando é empregada no auxílio ao próximo, renunciando aos bens materiais.

O homem deve aprender a medir o alcance dos seus atos, a extensão de suas responsabilidades, sacudir a indiferença que o domina e empregar melhor os dons que a Providência põe em suas mãos.

Na verdade, a ignorância é um mal que a humanidade sofre. Se o homem enxergasse de outro modo as conseqüências de sua conduta, seu comportamento seria diferente. Se conhecesse a lei moral e sua inevitável aplicação, não tentaria descumpri-la, seria muito mais responsável.

Quando a morte do corpo acontece, a alma afasta-se dele, revestida por seu corpo fluídico, que toma sua mesma aparência humana.

O Espírito é apenas um ser humano desencarnado, do mesmo modo que o ser humano é um Espírito encarnado. Quando ele volta para o mundo espiritual encontra uma grande realidade: um mundo ameaçador e terrível ou então um mundo feliz e luminoso. A realidade desse mundo está gravada e construída pela nossa própria vontade em nossa mente, segundo o comportamento e ações que realizamos e praticamos ao longo da nossa vida.

As manifestações dos Espíritos têm nos demonstrado, sem qualquer dúvida, que a imortalidade e a vida no espaço são uma realidade indiscutível. De modo que sobre tudo aquilo que as religiões e filosofias esconderam de nós por tantos séculos, os Espíritos vieram nos trazer sua revelação, dizendo: “Chegou a hora de conhecer a verdade e este conhecimento nos libertará”.

O conhecimento do futuro espiritual e o estudo das leis que nos orientam sobre a vida e a desencarnação e finalmente a nossa volta ao mundo da luz ou das trevas, são de muita utilidade para nós; e serão néscios aqueles que não saibam utilizar bem esse conhecimento. Para aqueles que deixam para amanhã aquilo que, segundo eles, não podem fazer hoje, eu digo que o arrependimento é necessário, apesar de que, tristemente, ele sempre chega tarde.

O Espírito desencarnado traz consigo seu céu e também seu inferno, visível para todos, porque no mundo da verdade nada poderá ficar oculto. A prova irrecusável de sua grandeza ou de sua humilhação está escrita em seu corpo fluídico, que terá a imagem real criada em sua mente.

Se nossas ações forem boas, nós nos encontraremos com Espíritos amigos e benevolentes que nos abraçarão e nos cumprimentarão à nossa volta; mas se, pelo contrário, tivermos vivido para satisfazer os desejos materiais, encontraremos Espíritos enfermos que nos atormentarão com suas vozes e lamentos, e encontraremos a voz da nossa consciência nos acusando de não ter cumprido os compromissos assumidos.

A hora da separação é difícil e dolorosa para o Espírito que se deixou escravizar pelas necessidades materiais. Alguém já disse que todo ato da vontade reveste uma forma, uma aparência fluídica que fica gravada no

invólucro periespiritual. Se esses atos foram inspirados por desejos materiais, sua aparência será material e grosseira; essas formas e imagens ficam impregnadas no perispírito, que ao seu contato se materializa, adensa e condensa.

As mesmas causas e efeitos repetem-se, a condensação acelera-se, os sentidos enfraquecem e se atrofiam, invalidando e anulando o Espírito.

Após a morte, o Espírito encontra-se envolto em fluidos densos e grosseiros que anulam seus sentidos e a alma encontra-se no túmulo e prisão, que é o castigo criado e preparado pelo próprio Espírito; essa triste situação é o resultado das suas próprias ações.

Do bom ou mau uso que fazemos do nosso livre arbítrio depende o nosso presente e o nosso futuro. Se utilizada para o bem, com a força da nossa vontade poderemos conquistar profundos recursos que valorizem o nosso Espírito. Com esses valores, a própria alma exerce seu império sobre os poderes inferiores.

Nossa evolução é conseguida empregando o poder da vontade, pois nosso presente e futuro dependem dela. O acaso não existe, nem a fatalidade; existem, sim, certas leis e um destino inabalável que nos obriga a cumpri-las. Devemos empregar as nossas forças em respeitar essas leis e viver sem nos afastarmos delas; nisso consiste o segredo de todas as grandezas e de todas as elevações.

O Espírito enérgico e preocupado por exercitar sua mente, dedicado ao estudo e ao trabalho, com um uso constante conquista novas idéias; sua mente ilumina-se através do conhecimento, sua visão abrange novas perspectivas, e o contorno de suas relações espirituais alarga-se gradativamente.

A condição dos Espíritos em sua vida de além-túmulo, sua elevação, felicidade, desgraça ou sofrimentos, só depende de sua faculdade para sentir e pensar; isto guarda uma estreita relação com a vida que levaram.

O mundo incorpóreo e o mundo corpóreo mantêm forte relação e união contínua; o Espírito renasce em um corpo novo, e quando esse corpo morre, volta ao mundo verdadeiro, então sua felicidade dependerá apenas do esforço que fizer para conquistá-la.

Finalmente, o Espírito que soube vencer as próprias fraquezas, elevando-se acima da materialidade, é acompanhado por sua luz, sentindo-se feliz; porém, o Espírito que não soube cumprir seus compromissos espirituais, que empregou todos seus esforços em conseguir bens materiais, vive nas trevas, suportando o sofrimento e a vergonha pelo seu fracasso.

Epílogo

Há poucos dias recebi uma comunicação da minha querida Mári assim dizendo:

“Meu caro companheiro, você nem poderia imaginar que no fim da sua vida teria de passar por uma provação tão difícil como é a dor em solidão, mas tenha paciência, você já está chegando ao fim, por pouco tempo ainda sua família carnal e espiritual vão precisar de você; eles amam você e com prazer realizam qualquer sacrifício que possa ajudá-lo a que a sua doença seja menos dolorosa; aqui no plano espiritual você também possui uma família numerosa que acompanha você de perto, que espera o jubiloso momento da sua volta, para abraçá-lo e recebê-lo como um guerreiro corajoso, que soube resistir na luta até o fim da batalha.

Sua amada de sempre, Mári.

O que esse bom Espírito diz é verdade, eu tenho uma numerosa família espírita que me ama, que ora por mim e deseja com sinceridade que Deus me ajude.

Agradeço todo esse carinho, pois ele me dá forças, e considero que o homem que possui bons amigos é rico em valores imperecíveis.

Já cheguei a uma idade avançada, na qual nem os maiores obstáculos, nem as enfermidades, nem a solidão têm conseguido escurecer, nem por um momento sequer, a paz e felicidade que eu sinto.

A finalidade deste capítulo é me despedir dos meus amigos, de todos aqueles que depositaram em mim sua confiança e me apoiaram, desejando a eles com todo o meu carinho e gratidão, o bem-estar espiritual que desejo para mim.

Quero me despedir de todos os companheiros do Centro Espírita, com todo o afeto que sinto por eles:

“Obrigado, Encarna e Antonio, que como dois filhos bons cuidam de mim e de minha casa, que com tanto empenho e carinho se ocupam de todos os trabalhos, para que eu não precise fazer esforço algum”.

“Obrigado, Ana, que como filha carinhosa, cuida de mim.

Você me leva ao hospital, aos médicos, cura as minhas lesões a cada dia e está sempre atenta ao que eu precisar”.

“Juan e Conchi são como meus filhos mais velhos. Juan é quem tem menos tempo disponível e maiores obrigações, mas sempre está atento às minhas necessidades e em qualquer momento em que eu precisar de sua presença, sei que posso contar com ele”.

“Daniel é um filho querido, participa de tudo, coopera com todos, e sempre está disponível para realizar qualquer coisa que eu pedir, com a maior abnegação, para facilitar a minha vida”. “Ángeles, você tem sido para mim a filha que não tive; uma companheira e uma amiga; tenho confiado em você, porque você tem partilhado dos meus ideais, estudos e tarefas. Você tem a responsabilidade de manter sempre aberto este Centro Espírita, continuando sempre na seriedade e orientação que eu dei a ele”.

A todos agradeço, sinceramente. Sempre serei grato a vocês.

“Meus caros companheiros, vocês devem cumprir seu compromisso, eu sempre estarei por perto. Os compromissos devem ser cumpridos, e eu continuarei cumprindo o meu. Não devem desfalecer diante das dificuldades, elas apresentam-se sem aviso algum, mas nós sempre podemos vencê-las. Devem confiar em suas forças, querer é poder! Vocês precisam lutar durante um longo futuro de trabalho, até conseguir sua redenção espiritual. Lembrem sempre que somente é vencedor quem se vencer a si mesmo, e que quem está com Jesus jamais poderá ser vencido”.

Sinto-me feliz porque em doze anos de convivência com eles, de compartilhar minha tarefa, conhecimentos e convicções, conseguimos formar um pequeno grupo de verdadeiros espíritas; alguns chegaram antes, outros depois, mas hoje todos possuem o conhecimento, e são capazes de continuar a tarefa de divulgação que é feita neste “Centro de Luz”. Estou no final da minha existência e no final destes escritos, e sou grato a todos aqueles que participaram e partilharam comigo deste caminho. Acredito firmemente que estão preparados para continuá-lo e continuar esta missão, após a minha partida.

Sou grato também aos meus irmãos da América, que se lembram de mim em suas orações; muito obrigado, meus caros irmãos!

Desejo mais uma vez manifestar minha gratidão aos bons Espíritos que me inspiraram e continuam inspirando, para poder realizara este importante trabalho de divulgação, planejado e dirigido no mundo espiritual, e que começou para mim em 1.970, com a minha volta à Espanha.

Mais uma vez quero agradecer também ao Espírito de Luz que me guia e me utiliza como instrumento, apesar da minha pequenez, para trabalhar em favor dessa maravilhosa doutrina. Amália Domingo Soler, sua lembrança sempre estará comigo, porque você é a Luz da minha vida!

Também quero dedicar uma última lembrança à minha querida família:

“Ángeles, você é uma boa mãe e um Espírito forte, está cumprindo uma grande missão, porque quem sacrifica sua vida para redimir um Espírito, redime-se a si mesmo. Sua tarefa é difícil, mas seu Espírito é responsável e consciente do compromisso assumido. Continue assim, eu estarei por perto, e continuarei ajudando você sempre que me for permitido”.

“Roberto, meu filho, você teve todas as possibilidades que um homem pode desejar para seguir o bom caminho, não abuse de sua “sorte”, aproveite-a porque ainda está a tempo. Jesus nos dizia: “Aquilo que vocês unirem na Terra ficará unido nos céus, e o que vocês desatarem na Terra, ficará desatado nos céus” (Mateus 16:19) Pense nisso, e não se arrependará”.

Meus queridos netos, vocês são para mim mais do que filhos; desde o dia de seu nascimento vocês estão comigo, por isso desejo que vocês levem em conta o meu último conselho:

“José Roberto, você é bom, prestimoso e gentil, porém com falta de humildade e excesso de orgulho. Precisa combater essa tendência, para que a vida não castigue você cruelmente. Siga este conselho de seu avô, que o ama muito”.

“Maria Ángeles, você possui as mesmas tendências que seu irmão, por isso vocês se dão tão mal, são como dois pólos negativos que colidem; então, o meu conselho vem a ser o mesmo; perdoar é sublime, odiar é totalmente negativo. Siga também o conselho de seu avô, que só deseja o melhor para você e que a ama muito”.

“Estela, minha pequenina e delicada neta, você é a mais carinhosa e geniosa, você é especial. Sempre me lembrarei daquele dia quando você estava brincando com uma amiguinha e veio a mim para me perguntar qualquer coisa, e disse ;Papai! Sua amiguinha a interrompeu perguntando, por que você chama seu avô de papai? Você me abraçou com essa sua graça natural, e disse: Eu tenho três papais, o primeiro é Jesus, o segundo é o meu avozinho e o terceiro o meu papai. Minha querida Estela, você terá de cumprir uma importante missão quando chegar a hora; siga em frente; lembre sempre que acima dos bens materiais devem prevalecer os compromissos espirituais, eu sempre estarei perto de você, confie em Deus e realize sua tarefa”.

Emocionado, despeço-me de todos vocês, irmãos. Despeço-me desta grande família espírita, sempre levarei vocês na minha lembrança, lá onde o meu Espírito estiver.

Peço a Deus para iluminar nosso caminho, para nos dar forças para vencer os desejos dessa vida materializada, que Ele desperte a nossa mente, para vencer as funestas conseqüências do fanatismo, que nos tire do comodismo do passado, para viver no presente preparando um futuro melhor.

Meu maior desejo é que todos nós cheguemos a nos encontrar preparados para que o nosso querido Jesus possa nos utilizar como focos poderosos, que iluminem os caminhos que a humanidade tem de percorrer.

Adeus, meus queridos filhos e amigos, até sempre. Que a Paz de Jesus nos fortaleça e sua Luz ilumine as nossas vidas!

José Aniorte Alcaráz
Orihuela, Janeiro de 2.006

